Francis Schaeffer

O Deus que se revela



Contra o silêncio e desespero do homem moderno, podemos de fato conhecer o Deus que intervém

O DEUS

QUE SE REVELA

G

Francis Schaeffer

He Is There and He Is not Silent © 1972 by Francis A. Schaeffer. Used by permission. Translated into Portuguese by permission of Tyndale House Publishers.

O Deus que se Revela **© 2002, Editora Cultura Cristã. Traduzido para o português com permissão da Tyndale House Publishers, Inc., 351, Executive Drive, Carol Stream, IL - 60188 USA. Todos os direitos são reservados.**

1- **edição - 2002 3.000 exemplares**

Tradução

Gabrielle Gregersen ***Revisão***

David de Araújo Arlinda Madalena Torres

Editoração **Ailton de Assis Dutra**

Capa

Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial: Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa, Mauro Meister, Ricardo Agreste e Sebastião Bueno Olinto.



CDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 - Cambuci 01540-040 - São Paulo - SP - Brasil C.Postal 15.136 - São Paulo - SP - 01599-970 Fone (0**11) 270-7099 - Fax (0**11) 279-1255 www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

- Sumário
- Prefácio à Trilogia
- Prefácio de J. I. Packer
- Prefácio do Autor
- Prólogo de Charles W. Colson
- In trodução de Jerram Barrs
- Introdução
- Capítulo 1
- Capítulo £
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- ApêndiceA
- ApêndiceB “FÉ” VERSUS FÉ
- Notas
- índice Remissi vo

Sumário

Prefácio à Trilogia

Esta trilogia reúne os livros fundamentais de Francis Schaeffer em volumes separados. Schaeffer encarava esses três livros como essenciais para o entendimento de qualquer outra coisa que ele já havia escrito (vinte e três livros ao todo), e é aqui que ele lança o fundamento de toda a sua obra. Decidimos reeditar esses três livros devido ao sentido contínuo e relevância do pensamento de Francis Schaeffer. Na verdade, a maior parte dos seus escritos não nos parece menos atual hoje do que na época em que foram publicados pela primeira vez muitos anos atrás.

O que há de exclusivo na contribuição de Francis Schaeffer é a sua compreensão da desesperadora carência que o homem moderno tem da verdade, beleza e sentido da vida. Isto fica particularmente evidenciado no seu ministério do UAbri, na Suíça, que foi fundado por Francis e Edith Schaeffer e se concentrava amplamente naquele lar. Milhares de pessoas vinham até o UAbri: profissionais de todos os tipos e de todas as partes do mundo. Como Edith Schaeffer escreveu em seu livro *UAbri*:

Em vez de estudar livros e mais livros em uma torre de marfim isolada da vida e desenvolver teorias alienadas do pensamento e das lutas do ser humano (Francis Schaeffer conversou durante muitos anos) com homens e mulheres bem em meio às lutas daquelas pessoas. Ele estabeleceu diálogo com existencialistas, positivistas lógicos, hindus, budistas, protestantes e católicos liberais, judeus reformados e ateus, muçulmanos, membros de seitas do ocultismo e pessoas de uma ampla variedade de religiões e filosofias, bem como ateus de uma grande variedade de tipos. Ele conversou com os mais brilhantes professores, os mais brilhantes estudantes, os mais brilhantes evadidos. Conversou com beatniks, hippies, dependentes de drogas, homossexuais e pessoas com distúrbios psicológicos. Conversou com africanos, indianos, chineses, coreanos, japoneses, sul-americanos, pessoas das ilhas de todos os mares, da Austrália e Nova Zelândia e de todos os países europeus bem como dos Estados Unidos e do Canadá. Conversou com pessoas de cores políticas bem distintas. Ele dialogou com médicos, advogados, cientistas, artistas, escritores, engenheiros, pesquisadores de vários campos do saber, filósofos, homens de negócios, jornalistas e atores, pessoas famosas e camponeses.

Com tudo isso, Deus lhe deu uma formação que é privilégio de poucos. As respostas foram encontradas, não em decorrência de alguma pesquisa acadêmica (embora ele costumasse ler livros e mais livros para se manter atualizado), mas a partir desses diálogos vivos.

Ele respondia a questões verdadeiras com respostas cuidadosamente elaboradas e que eram, de fato, as respostas verdadeiras. Ele fica entusiasmado toda vez que se dirige a mim, freqüentemente dizendo: "Esta é a resposta certa, Edith! Ela se encaixa. É verdade mesmo, e porque é verdade, ela se encaixa com a realidade."

Foi a partir desse encontro com pessoas de verdade, com necessidades verdadeiras, que Francis Schaeffer escreveu os livros que compõe a sua trilogia. Podemos dizer, de forma sumária, que eles se relacionam um ao outro do seguinte modo:

O Deus que Intervém (no original, *The God Who Is There)* foi escrito em primeiro lugar e lança os fundamentos, estabelece a terminologia e propõe a tese básica. Neste livro, Francis Schaeffer mostra como foi que o pensamento moderno abandonou a idéia de verdade, com trágicas consequências para todas as áreas da cultura - desde a filosofia, até a arte, música, teologia e na sociedade como um todo. A única esperança, argumenta Schaeffer, está em confrontar a nossa cultura com a verdade histórica do Cristianismo - apresentada com paixão

e sem concessões, e vivida de forma completa, em todas as áreas da vida individual e comunitária.

A Morte da Razão (no original, *Escape From. Reason*) complementa o primeiro livro desenvolvendo esses princípios no campo filosófico da natureza e da graça. Além disso, *A Morte da Razão* tem uma contribuição significativa, no sentido de mostrar como a cultura moderna nasceu e se expandiu a partir de raízes corrompidas, vindas desde o final da Idade Média.

O Deus que se Revela (no original, *He Is There and He Is Not Silent*) foi o último a ser escrito nessa trilogia. Como o autor explicou em suas próprias palavras, "Esse livro trata de uma das questões mais fundamentais de todas: como é que podemos vir a saber e como podemos saber que sabemos. Se a nossa epistemologia não estiver correta, todo o resto acabará igualmente

comprometido.” Assim, Schaeffer pondera que o pensamento moderno está fundamentalmente errado em suas posições quanto a como sabemos e o que sabemos. Contrastando com o silêncio e desespero do homem moderno, Schaeffer mostra que podemos de fato conhecer o Deus que existe porque ele se revela.

Não seria exagero afirmar que esses três livros produziram um impacto profundo em toda uma geração de cristãos nas últimas décadas. Reeditando essas obras agora é nossa esperança que a aguçada percepção de Francis Schaeffer ajudará outras gerações em busca da verdade, beleza e significado da vida.

Prefácio de J. I. Packer

Francis A. Schaeffer O Homem e sua Visão

Ele era fisicamente baixo, de fronte proeminente, sobrancelha abundante e cavanhaque. Suas pernas americanas viviam confortavelmente metidas em bermudas dos Alpes, sua cabeça se enterrava nos ombros e o seu rosto carregava um ar de brilhante abstração. Nada especial nele, imaginaria alguém; sem dúvida, um homem sério e resoluto, quem sabe um tanto excêntrico, mas dificilmente alguém o consideraria especial, por tais motivos.

Cativante, contudo, era o que ele dizia. Tinha firmeza, uma visão que convencia; delicadeza, uma força que convencia; clareza simples, habilidade mental que convencia; e compaixão, um honesto e bom coração que convencia. Não havia qualquer sinal de espírito enganoso, nenhuma parcialidade redutora, nenhuma forma de manipulação, só a pura capacidade de persuasão do profeta que se apressa em compartilhar com os outros o que ele está vendo.

Quem foi Francis Schaeffer? Schaeffer foi um homem que tinha o hábito da leitura e reflexão, que vivia no presente, aprendia com o passado e voltava os olhos para o futuro, e que tinha

o dom incomum de comunicar idéias, sem cair no academicismo. O seu estilo de comunicação não era o de um acadêmico meticuloso, que se empenha pela abordagem completa e pela objetividade imparcial. Ele era muito mais um pensador imparcial que pintava a sua visão da verdade eterna com linhas grossas e fortes contrastes.

Os acadêmicos nunca se cansaram de censurar Schaeffer por esta sua forma de comunicação. Mas é um fato que muitos jovens pensadores e artistas, em seu agravado ódio de todas as correntes da moda em seus campos profissionais, consideravam as análises de Schaeffer uma tábua de salvação para voltar à sanidade mental, sem a qual eles literalmente não conseguiam continuar vivendo. Schaeffer assumia-se como um evangelista, chamado

para dizer a verdade com intransigente urgência a pessoas reais que estavam com problemas de verdade, que tinham as suas vidas destruídas pelo relativismo, irracionalismo, fragmentação e niilismo da cultura de hoje. Assim, eu consideraria o mais correto chamá-lo de pastor-pro-feta, um visionário baseado na Bíblia que, à luz da sua visão, saiu à procura de um mundo carente e passou a pastorear as ovelhas do Senhor.

O que conferia a Schaeffer a sua importância? Para entendermos isso melhor, seria útil esboçarmos as percepções essenciais que deram forma à sua visão e obra.

Em primeiro lugar, Schaeffer tinha uma viva percepção da natureza integral da realidade criada, da vida humana, do pensamento das pessoas e da verdade revelada por Deus. Ele tinha facilidade para compreender primeiros princípios, sistemas e totalidades, e jamais discutia assuntos de forma isolada ou abandonava algum ponto de vista, sem antes explorá-lo e testar as suas implicações como tentativa de explicação da realidade e da vida como um todo. Ele considerava análises fundamentais deste tipo muito esclarecedoras, pois, como ele mesmo costumava frisar, não há essencialmente grande quantidade de visões de mundo e nós todos temos a necessidade de perceber o quanto os nossos pensamentos fortuitos, que tantas vezes permanecem apenas no nível superficial, estão, de fato, assumindo como evidente. Assim, a identificação de pressupostos era um elemento essencial ao método que Schaeffer adotava para abordar toda e qualquer opinião sobre qualquer assunto. Ele sempre apresentava a religião cristã pautada pelos pressupostos do próprio Cristianismo e de uma forma teologicamente sistemática, como sendo as boas novas reveladas pelo nosso Criador, que é racional e sagrado e se tornou o nosso Redentor gracioso e misericordioso, no espaço e tempo.

Em segundo lugar, Schaeffer percebia a primazia da razão em cada constituição individual e o potencial das idéias na mente humana. Ele via que as “idéias têm pernas,” de modo que o nosso modo de pensar determina o que nós somos. Assim, a primeira tarefa na evangelização, seja no Ocidente moderno ou em qualquer outro lugar, é de persuadir a outra pessoa de que ela deve abraçar a visão cristã da realidade. E o primeiro passo para tanto é de convencê-la da *inviabilidade* de *todas* as outras visões, incluindo

qualquer outra forma de não-Cristianismo implícita no seu próprio pensamento. Isto significa tratá-la, não como algum “intelectual”, mas como um ser humano que sem dúvida ela é. Remeter-se à sua mentalidade dessa forma, nada mais é do que mostrar respeito por ela, como ser humano, feito para a verdade porque feito à imagem de Deus.

Em terceiro lugar, Schaeffer percebia que a mente ocidental encontra-se à deriva num mar de relativismo e irracionalismo. Ele via que a noção de verdade, entendida como algo que implica na exclusão das inverdades, e dos valores, entendidos como algo que envolve a exclusão dos antivalores, extinguiu-se, tanto no pensamento sofisticado quanto no popular. No seu lugar instalou-se a idéia de síntese contínua - a noção de que provávelmente não haja distinção real entre o certo e o errado ou a verdade e a inverdade e que toda antítese provavelmente acabará sendo absorvida por um “pan-tudismo” sem critérios.

Para fazer as pessoas se darem conta de como elas têm sido vítimas desta forma de pensar ao longo da vida, Schaeffer costumava introduzir os seus temas com uma análise histórica, mostrando como foi que o pensamento ocidental a este respeito alcançou o seu atual estado de delírio. O objetivo das análises era resgatar a noção de que há uma antítese absoluta entre verdade e erro, bem e mal, beleza e a feiura obscena, e assim, remobiliar as nossas mentes destruídas e assaltadas, de maneira que torna outra vez possível para nós o pensamento significativo sobre a vida, a morte, a personalidade e Deus.

Em quarto lugar, Schaeffer percebeu a importância de identificar - em todas as discussões apologéticas e evangelísticas e todo o ensinamento sobre o que implica ser um cristão - isto que ele chamou de antítese e ponto de tensão. A antítese é entre verdade e inverdade, o certo e o errado, o bem e o mal, o que tem sentido e o que é absurdo, sistemas de valores cristãos e não-cristãos, absolutismo cristão e relativismo secular. Ele decidiu que, em cada tópico que tratasse, abordaria as escolhas “ou isso ou aquilo” que deveriam ser feitas na esfera dos princípios primeiros e mostraria que as alternativas bíblico-cristãs para a vida pessoal e comunitária são as únicas que possuem consistência racional ao mesmo tempo em que são suficientemente humanas. Desta forma ele buscava resgatar mentes

desnorteadas e desnorteantes, em relação às opções ontológicas que se apresentam ao indivíduo, e em relação às alternativas éticas disponíveis no mundo ocidental contemporâneo.

Em quinto lugar, Schaeffer percebeu a necessidade de se viver a verdade tanto quanto de refletirmos nela - para assim provar ao mundo, por meio do modo de vida transformado dos crentes, que o “Deus infinito-pessoal é uma realidade na nossa geração.”

O L’Abri, que se situa em Huémoz, na Suíça e as suas filiais, espalhadas por todo o mundo, foi fruto desta convicção. Cada L’Abri é um centro de estudos, uma missão de resgate, uma grande família, uma clínica, um lar de recuperação, um monastério e uma igreja local, tudo de uma vez: um ambiente em que os visitantes aprendem a serem cristãos e a serem humanos, sendo parte de uma comunidade que crê em Deus, o Criador e o serve por meio de Cristo, o Redentor.

Schaeffer reconhecia que a credibilidade do Cristianismo exige que a verdade não seja meramente defendida, mas também praticada; não só discutida, mas também vivida. A consciência de que a verdade de Deus estava se realizando no L’Abri alimentava a sua ousadia ao pleitear que a mesma verdade fosse praticada em outros lugares.

Que importância terá Schaeffer para a causa crist?, a longo prazo? Aguardemos para ver. A lei da fama humana certamente tratará Schaeffer do mesmo modo como fez a outros, esquecendo-se dele temporariamente, agora que ele morreu, e permitindo-nos ver a sua real estatura só daqui a mais dez ou vinte anos. Meu palpite é que os seus esboços verbais e visuais, que me parecem simples, porém brilhantes, sobreviverão a tudo o mais, mas eu posso estar enganado. O que é certo para mim, entretanto, é que eu não estaria totalmente errado em homenagear Francis Schaeffer, o pequeno pastor presbiteriano que viu bem mais do que procurou e sofreu com isso mais amorosamente do que nós, como um dos verdadeiramente grandes cristãos do meu tempo.

J.I. Packer Fevereiro de 1990

Prefácio do Autor

Com a nova publicação de *The God Who Is There* e *Escape From Reason* em um só volume[1], vimo-nos em face de um dilema. Eu havia escrito *The God Who Is There* primeiro. Então, antes da sua publicação, eu dei uma série de palestras em Swanwick, Inglaterra, que eu chamei de "Escape From Reason". Mal imaginava eu, na época, que as palestras seriam publicadas, de modo que eu acabei aproveitando, até certo ponto, o mesmo material de *The God Who Is There.* Ao final dessas palestras, a British InterVarsity me pediu permissão para publicar as palestras em forma de livro. Eu o fiz e fiquei contente com o seu uso tão amplo. Embora escrito mais tarde, *Escape From Reason* foi lançado antes de *The God Who Is There.*

Quando acabamos juntando tudo num só volume ficamos divididos, entre dois caminhos. Editar os dois, um após o outro, acabaria gerando alguma duplicidade. E, se excluíssemos o *Escape From Reason,* enquanto um corpo, muitos leitores poderíam sentir como se tivessem perdido um velho amigo que já lhes foi de grande ajuda.

Primeiro eu procurei então fazer uma combinação dos dois, mas acabou ficando claro que isso não daria certo. O problema

O autor se refere à publicação de suas *Obras Completas,* de 1982.

não estava em juntá-los em corpo articulado; essa parte era fácil. O problema estava no conteúdo mesmo, que incluía fatos bem diferentes e nuances que se perderíam, em meio aos assuntos comuns, tratados em ambos os livros. Ambos os livros são igualmente necessários, para se entender como viemos parar onde estamos hoje.

Escape From Reason foi originalmente apresentado em forma de palestras. Dado o grupo ao qual eu estava ministrando, em cada palestra eu dei uma ênfase especial ao sentido que o pensamento moderno tem para o pensamento cristão. De modo que eu voltava a tocar neste tema em

diferentes momentos e não em uma seção, como no caso de *The God Who Is There*, que foi planejado e escrito já em forma de livro.

Se eu fosse dar estas palestras novamente, faria o mesmo, pois grande parte do pensamento cristão de hoje continua a ignorar a sua própria impregnação pelas formas de pensamento predominantes nos meios atuais. Quando ministrei as palestras pela primeira vez, o problema e a confusão sempre vieram da parte de profissionais da área das ciências. Hoje, eles me são colocados pelo lado teológico; no entanto, as dúvidas e questionamentos são precisamente os mesmos, só que ainda mais destrutivos. Portanto, é tão importante hoje, como foi nos anos 60 enfatizar a nossa urgente necessidade de entender o sistema moderno de pensamento como um todo, reconhecendo nele a dicotomia e o desesperado "salto no escuro". Se quisermos verdadeiramente desafiar o homem moderno, não devemos alimentar essa dicotomia; precisamos ter as Escrituras falando a verdade, tanto sobre o próprio Deus quanto sobre o mundo real da História e do cosmos.

Francis Schaeffer, 1982

Prólogo de Charles W. Colson

Já foi dito que um profeta bíblico não é alguém que vê o futuro, como supostamente fazem aqueles que lêem a sorte nas estrelas ou numa bola de cristal. Na verdade um profeta é alguém que vê, no presente, coisas que os outros não conseguem enxergar. É também aquele que nos adverte sobre o que irá acontecer no futuro se não endireitarmos o nosso caminho.

De acordo com essa definição Francis Schaeffer foi o grande profeta da segunda metade do século 20. Foi a voz mais poderosa de Deus tanto para a igreja quanto para a cultura.

Nos anos 60 e 70, Schaeffer via coisas que outros não podiam ou não queriam ver. Assim, advertiu-nos que a grande questão era a verdade - "verdade verdadeira" ou "verdade ardente" como ele costumava bradar com sua voz aguda e estridente.

Schaeffer via que o relativismo e o existencialismo, desenvolvidos por intelectuais europeus, estavam infiltrando-se na corrente principal do pensamento americano. Também argumentava com eloqüência que o Cristianismo era uma visão de mundo e o fazia numa época em que o movimento de busca pelo Jesus histórico estava em seu ápice absoluto; muitos pensavam que Jesus era tudo o que importava na narrativa bíblica. Schaeffer falava de compromisso e da autoridade das Escrituras quando ao nosso redor as instituições de autoridade estavam ruindo. Ele era, em resumo, *contra mundo*, ou como foi colocado numa declaração da igreja, "contra o mundo em favor do mundo".

Era uma personalidade tão curiosa que multidões reuniam-se para ouvi-lo. Certamente parecia uma figura e tanto, com seus tênis e cavanhaque, argumentando com seu público. Era um intelectual, mas pregava como um reavivador. Cristãos esclarecidos ouviam suas mensagens e consumiam avidamente seus livros; os antigos membros da cultura hippie dos anos 60 iam em bandos para L'Abri, seu retiro nos Alpes suíços. Sua provocante série de filmes percorreu as igrejas evangélicas. Mas a grande maioria dos

evangélicos jamais chegou a entender completamente as verdadeiras dimensões daquilo que ele pregava.

Hoje, porém, todos nós compreendemos o que Schaeffer e seus discípulos realmente viam há quarenta anos. O mundo de hoje foi inundado pelo relativismo. Setenta e dois por cento dos americanos afirmam que não existe uma verdade absoluta. O mais chocante é que sessenta e sete por cento dos evangélicos dizem que não há uma verdade única e ao mesmo tempo afirmam estar seguindo Aquele que declara que é a verdade! Apesar dos esforços de muitos de nós, que assimilamos os ensinamentos e temas de Schaeffer, o entendimento dessa visão de mundo ainda é muito limitado na maioria dos meios evangélicos. Um quarto dos cristãos nascidos de novo aceita idéias da Nova Era como a reencamação.

Apesar de confessar que, no passado, não compreendia as mensagens de Schaeffer como compreendo agora, ainda assim fui tocado por elas. Seus livros e palestras ajudaram a lançar-me numa busca intelectual e espiritual. Desde a metade dos anos 80, venho pregando sobre essa visão de mundo e a necessidade de se encarar o Cristianismo como um sistema de vida integrado, como uma explicação para toda a realidade. Na verdade, fui tão influenciado por Schaeffer que dediquei meu livro mais recente, escrito em parceria com Nancy Pearcy, a Francis Schaeffer. (Aliás, Nancy estudou em L'Abri e a experiência lá foi fundamental para sua conversão.)

Schaeffer não era apenas um grande profeta e intelectual, mas também um mestre bondoso e amoroso. Nos encontramos no final dos anos 70, em L'Abri e passei muitas horas com ele nos anos seguintes. Nunca deixei de aprender, nunca deixei de ser inspirado. Num dos momentos mais críticos de meu ministério, procurei o conselho de Schaeffer. Sua resposta foi: "Não tente fazer tudo. Nem toda necessidade é um chamado".
Essas palavras me libertaram.

Era um conselho que Schaeffer punha em prática. Evitava muitas distrações, esquivando-se cuidadosamente de controvérsias políticas que não contribuiríam para o mundo cristão. Concentrava-se em defender a ortodoxia e a verdade, incentivando a espiritualidade autêntica e levando adiante uma visão cristã da vida como um todo. A mensagem de Schaeffer

permanece, seus ensinamentos são tão importantes para esta geração como foram para os hippies e evangélicos dos anos 70.

O livro providencialmente republicado aqui é um verdadeiro clássico. *O Deus que se Revela* é a argumentação fundamental de Schaeffer sobre a verdade da revelação bíblica e a compreensão bíblica da vida. É uma competente apologia que oferece uma visão do Cristianismo em contraste com as grandes tendências filosóficas e abordagens da era moderna.

Este é um dos livros de Schaeffer (o outro é *Verdadeira Espiritualidade)* que eu recomendaria para se iniciar um estudo da obra desse homem excepcional. Eles lhe oferecem tanto a fundação espiritual quanto intelectual para começar a desenvolver um comportamento cristão dentro do mundo. São de uma leitura desafiadora e estimulante que certamente o tomará um admirador de Schaeffer. Isso é bom pois, apesar de não termos escutado direito nos anos 70, podemos e devemos fazê-lo nos dias de hoje.

O profeta fala. Ainda há tempo.

Charles W. Colson 13 de Março de 2001 Washington, DC.

In trodução de Jerram Barrs

É uma honra ter sido convidado para escrever a introdução para a edição comemorativa de trinta anos de *He Is There and He Is not Silent.* Esse livro foi publicado depois de *The God Who Is There* e *Escape From Reason,* mas em conjunto com eles forma a parte essencial daquilo que Schaeffer gostava de chamar de sua "trilogia". Juntos, esses três livros representam um esboço da abordagem apologética de Schaeffer, da forma como ele defendia e recomendava a verdade do Cristianismo. De certo modo, *He Is There and He Is not Silent é* mais básico que os outros dois livros, pois eles são, antes de mais nada, uma análise e resposta às idéias predominantes do pensamento e cultura do Ocidente. *He Is There and He Is not Silent* trata, é claro, de muitas das idéias apresentadas como alternativa para o Cristianismo histórico e bíblico, mas mostra uma visão de mundo cristã básica de modo mais sistemático do que as outras duas obras.

A fim de ajudar o leitor a compreender a abordagem usada por Francis Schaeffer neste livro, vale a pena saber que a obra vem de uma série de palestras chamadas "Possíveis Respostas para Questões Filosóficas Básicas". Essas palestras foram dadas várias vezes em L'Abri, na Suíça, durante a década de 60 e foi lá que eu as ouvi. Ele também apresentou-as como um conjunto especial de aulas, quando foi professor visitante do Covenant Theological Seminary, enquanto eu era aluno lá, entre os anos de 1968 e 1971. Lembro-me bem das aulas, tendo em vista que recebí uma hora de crédito no seminário por assisti-las e, consequentemente, fiz anotações completas (que guardo até hoje). Aliás, tenho-as diante de mim enquanto escrevo estas palavras.

Mas a principal razão pelo qual me lembro tão bem de suas aulas é pelo fato de serem abertas para o público (apesar de não terem sido amplamente divulgadas) e durante toda semana, um grupo de visitantes juntou-se a nós na minúscula capela do seminário. (Covenant cresceu consideravelmente desde aquele época e agora tem uma capela bem mais espaçosa.) Lembro em especial de um homem que frequentou fielmente a semana inteira de palestras. Schaeffer falou de três áreas: a existência, a moral e o conhecimento, e mostrou como, em cada uma dessas áreas, o

“homem moderno” vive no inferno da alienação. O Cristianismo, por outro lado, oferece respostas que são intelectualmente satisfatórias para cada uma dessas áreas. Aquele rapaz que havia sido um freqüentador tão assíduo, tornou-se um cristão no final da última palestra.

A razão pela qual menciono esta história aqui não é apenas por sua beleza, mas também porque ela mostra algo sobre a maneira como Schaeffer abordava suas palestras e escritos. O título de seu livro *He Is There and He Is not Silent*[1] pode parecer abstrato para alguns leitores. O título das palestras no qual o livro é baseado, “Possíveis Respostas para Questões Filosóficas Básicas”, provavelmente soa ainda mais abstrato! Mas Schaeffer não estava interessado na apologética abstrata ou puramente acadêmica. Era um evangelista, era assim que se via e falava de seu ministério.

As palestras por trás deste livro foram desenvolvidas para responder as perguntas de não-cristãos que sentaram-se à mesa com ele em Huémoz-sur-Ollin na Suíça, o vilarejo onde ele e Edith fundaram o trabalho de L’Abri. Conheço outras pessoas que tornaram-se cristãs depois de estar presentes nessas palestras, quan-

No original, Ele existe e não está caiado. Daí o nome em português, *O Deus que se Revela.* N. do E.

do elas foram dadas ou quando essas pessoas ouviram as fitas enquanto estudavam em L’Abri. Ele muitas vezes usava a abordagem dessas palestras quando discutia a verdade do cristianismo com descrentes durante as refeições (enquanto Edith servia uma comida deliciosa que satisfazia suas outras necessidades). Ou, se o tempo estava bom, ele sentava-se num banco do lado de fora de seu chalé e conversava com os visitantes de L’Abri usando os argumentos desse livro para urgir que considerassem as afirmações de veracidade do evangelho. Ou, enquanto andava pelas florestas, campos e montanhas daquela bela parte da Suíça, incentivava seus companheiros a levantar questões e dúvidas sobre a fé cristã.

Francis Schaeffer acreditava, de todo o coração, que o Cristianismo é a verdade sobre o universo em que vivemos. Deus existe lá e não está calado. Deus não é uma idéia de nossa mente ou nossos desejos, projetada sobre a gigantesca tela do céu, uma espécie de super-humano criado para atender às nossas necessidades. Deus não é um pensamento no sistema de um

filósofo que não consegue lidar com a falta de respostas para o dilema de nossa existência humana. Não, Deus existe de fato e falou conosco através da Bíblia para nos contar coisas sobre si mesmo, sobre nós mesmos e sobre o mundo. Tornou conhecido para nós aquilo que jamais poderiamos descobrir por conta própria, através de nossos questionamentos e busca.

Deus revelou para nós a verdade sobre o mundo em que vivemos, a verdade sobre a existência humana e a verdade sobre si mesmo. Falou-nos verdadeiramente através de sua Palavra e, portanto, a mensagem da Bíblia é adequada para a natureza da realidade como a experimentamos. Para usar uma imagem podemos dizer que o relato bíblico da vida humana serve como uma luva na mão da realidade. O Cristianismo é verdadeiro em relação ao modo como as coisas são. Schaeffer estava profundamente convencido disso e, de fato, todo crente deve estar convencido disso. Quando nos colocamos de pé num culto e declaramos as afirmações do Credo, estamos dizendo aquilo que cremos ser verdade.

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador dos céus e da terra;

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor

O qual foi concebido por obra do Espírito Santo;

Nasceu da Virgem Maria;

Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos;

Foi crucificado, morto e sepultado;

Desceu ao Hades;

Ressurgiu dentre os mortos ao terceiro dia;

Subiu ao céu...

Essas afirmações não são como balões de histórias em quadrinhos, flutuando soltos pelo céu. Não. Elas constituem declarações sobre como as coisas são de fato. O cristão está dizendo “Esta é a verdade sobre o mundo, sobre Deus, sobre a história”.

Schaeffer costumava dizer: “Estou mais certo da existência de Deus do que de minha própria existência!” Isso pode parecer estranho ou exagerado, mas ele estava simplesmente reconhecendo o fato de que, se Deus não existisse, então ele não existiría. Sua existência é anterior ao nosso tempo, é claro, mas também é anterior a nós no sentido de que ele é nosso Criador. A vida humana é possível para nós porque Deus está vivo.

Do mesmo modo, a perfeição moral de Deus é anterior à nossa compreensão de moralidade. O caráter de Deus sempre foi de santidade, bondade e justiça. É pelo fato de Deus ser bom que podemos afirmar que há uma diferença entre o bem e o mal. É pelo fato de Deus ser bom que podemos nos dedicar à busca da beleza moral. A moral é possível para nós pois Deus é moral.

Assim também, o amor de Deus é anterior ao nosso amor. Os elementos da Trindade amam uns aos outros desde a eternidade, desde “antes do princípio”, como Schaeffer costumava dizer. Por sermos feitos à imagem de nosso Criador, fomos criados para amar, criados para ter relacionamentos - um relacionamento de amor com nosso Criador e uns com os outros.
O amor é possível para nós porque Deus é amor.

Do mesmo modo, o conhecimento de Deus é anterior ao nosso conhecimento. Deus conhece todas as coisas verdadeira e “exaustivamente”, como diría Schaeffer. Nós, humanos, somos criados por Deus para ter conhecimento: conhecimento sobre ele, sobre nós mesmos e sobre o mundo. Jamais vamos chegar a conhecer exaustivamente, pois somos finitos, mas podemos saber verdadeiramente, ou de outro modo não seríamos capazes de viver neste mundo. Apesar de nossa condição decaída, ainda podemos ter conhecimento autêntico, por causa do compromisso de Deus de cuidar de nós e de toda a criação e pela sua bondade em conceder sua sabedoria a toda a raça humana. O conhecimento é possível para nós porque Deus sabe todas as coisas e porque ele sustenta todas as coisas.

Pelo fato do Cristianismo ser a verdade a respeito do mundo no qual vivemos e a respeito da nossa vida, é apropriado que o cristão incentive aqueles que não são crentes a fazer suas perguntas, expressar suas dúvidas e levantar objeções contra o Cristianismo. Não precisamos dizer para os descrentes “Não faça perguntas - apenas acredite!” Quando um cristão está

passando por lutas e dúvidas não precisamos dizer “Apenas ore mais!” Francis Schaeffer diria: “Se colocarmos todas as dúvidas, objeções e questões sobre o burro de carga da devoção - ele vai acabar se deitando e morrendo, pois está sendo obrigado a carregar um fardo que Deus não planejou que ele suportasse”.

Deus se fez conhecido através de sua Palavra, de modo que podemos pensar cuidadosamente sobre o que ele nos diz. Ele tomou-se conhecido na ordem criada e dentro da natureza humana de modo que podemos pensar cuidadosamente sobre aquilo que ele revelou. Aquilo que Deus diz é “verdadeiro e razoável” - como diz o apóstolo Paulo quando está defendendo a mensagem do evangelho.

Assim também, o apóstolo Pedro incentiva os cristãos a estarem preparados para uma defesa racional de sua esperança em Cristo (lPe 3.15). Schaeffer via essa preparação como parte dos direitos inerentes de todo crente. Ficava extremamente perturbado quando as pessoas chegavam em sua casa prestes a abandonar a fé pois ninguém na igreja delas tinha levado a sério suas perguntas.

Lembro-me de uma moça que chegou em L’Abri sofrendo por causa da reação de seus pais quando ela levantou perguntas sobre a mensagem cristã. Seu pai era pastor, mas no começo da adolescência, a moça começou a ter dúvidas e perguntas e escreveu algumas delas em seu diário pessoal. Um dia, sua mãe começou a ler o diário (apesar de ser particular) e ficou horrorizada ao saber das lutas de sua filha. Ela falou sobre o diário com o marido e eles expulsaram a moça de casa, afirmando que ela devia ser “condenada” por causa das dúvidas que havia expressado. Na época, ela estava com 16 anos!

Esse é um exemplo extremo, mas todos nós que trabalhamos em L’Abri, junto com Francis Schaeffer, compartilhamos de muitas histórias horríveis como essa. Esse tipo de situação par-tia-lhe o coração e ele dedicava-se a ouvir durante horas as lutas e questionamentos daqueles que iam até sua casa. Costumava dizer que “se tenho apenas uma hora para gastar com uma pessoa, passo os primeiros cinqüenta e cinco minutos fazendo-lhe perguntas e descobrindo o que está preocupando seu coração e mente,

então, nos últimos cinco minutos compartilho alguma coisa sobre a verdade".

Com freqüência as pessoas me perguntam: "O que foi mais marcante sobre Schaeffer para você?" Penso que todos nós que tivemos o privilégio de trabalhar com ele temos uma resposta parecida para essa questão: "Sua compaixão pelas pessoas".

Alguns daqueles que chegavam na casa de Schaeffer eram crentes lutando com dúvidas e dores profundas como as da moça mencionada anteriormente. Algumas eram pessoas perdidas, vagando na terra de ninguém, do pensamento intelectual ocidental do século 20. Alguns tinham experimentado drogas psicodélicas ou idéias e práticas religiosas que haviam feito mal à sua vida. Alguns estavam tão feridos e amargurados por causa da forma como haviam sido tratados por sua igreja ou pelas tristezas da vida que suas perguntas eram agressivas e iam até lá com a intenção de atacar e desacreditar o Cristianismo.

Mas não importava quem eram ou como falavam, Schaeffer tinha profunda compaixão por eles. Tratava-os com respeito, levava suas perguntas a sério (mesmo que já as tivesse ouvido mil vezes) e as respondia com mansidão. Ele sempre orava com essas pessoas e procurava desafiá-las com a verdade. Mas esse desafio nunca era apresentado de forma agressiva. Ele dizia (e mostrava de modo prático para nós): "Sempre deixe à pessoa um canto para o qual ela possa se retirar com dignidade. Você não está tentando vencer uma discussão ou derrubar alguém. Você está procurando ganhar uma pessoa, alguém feito à imagem de Deus. Não se trata de você vencer, do seu ego. Se essa é sua abordagem, você só vai conseguir mexer com o orgulho dela e tomar ainda mais difícil para ela ouvir o que você tem a dizer".

Schaeffer acreditava e vivia de acordo com a convicção de que é Deus quem salva as pessoas. Não precisamos tentar pressioná-las ou empurrá-las para dentro do reino. Ele gostava das palavras do apóstolo Pauío: "... rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2Co 4.2). Pelo fato do Cristianismo ser verdadeiro e porque

Deus é aquele que se deleita em atrair as pessoas à fé em Cristo, não precisamos colocar pressão emocional sobre os descrentes ou tentar manipulá-los de modo a reagir à nossa mensagem. Pelo contrário, falamos da verdade para eles ao procurar mostrar que é, de fato, a verdade e oramos pedindo ao Espírito que abra o coração dessas pessoas para essa verdade.

Além de sua profunda compaixão pelas pessoas em suas lutas e desorientação, Schaeffer também tinha um forte senso da dignidade de todos. A convicção de que todas as pessoas são a imagem de Deus não era apenas uma declaração teológica teórica para ele e nem apenas uma verdade maravilhosa para ser

usada numa discussão apologética. Era um clamor apaixonado de seu coração, um cântico de louvor prazeroso em seus lábios como o era para Davi no Salmo 8: que é o homem, que dele

te lembres e o filho do homem que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste".

O fato de que somos a imagem de Deus, uma verdade que está no centro de *He Is There and He Is not Silent* é, para Schaeffer um motivo de adoração a Deus. Além disso, sua convicção na dignidade própria de toda a pessoa tinha outras consequências para ele. Ela o levava a querer evitar o confronto agressivo com descrentes. Sua recusa em "debater" com qualquer um, incluindo um liberal radical como o Bispo Pike, era um exemplo disso. Ele insistiu que sua reunião fosse chamada de "diálogo". Em decorrência dessa postura, eles tornaram-se amigos e se corresponderam até que Pike morreu enquanto procurava manuscritos no deserto.

Além disso, o senso de Schaeffer sobre a singularidade que todas as pessoas receberam de Deus o ensinou que não existem "pessoas pequenas" (Ver seu sermão com o título "Não há Pessoas Pequenas, Não Há Lugares Pequenos" no livro que contém seus sermões *No Little People, The Complete Works of Francis A. Schaeffer, Volume 3, A Christian View of Spirituality* [Westchester: Crossway, 1982]). Ele ficava tão satisfeito procurando compartilhar o evangelho com uma ou duas pessoas como ficava quando estava pregando para centenas e milhares. Estava tão disposto a gastar tempo conversando com a empregada ou o zelador de um

hotel quanto estava a ir falar com o presidente ou alguém considerado "importante" aos olhos do mundo ou da igreja. Tratava as pessoas, quem quer que fossem, com dignidade e compaixão.

Isso o levou ao seu trabalho com evangelização infantil, pois para ele as crianças eram tão importantes quando adultos, tão preciosas e dignas de receber nosso tempo e esforços. Em "O Segredo do Poder e o Prazer no Senhor", um artigo publicado em *The Sunday School Times* em 1951 ele escreveu: "Há uma certa suavidade nos grandes cristãos. Há muitas maneiras de se observar isso, mas talvez uma das melhores seja notar o carinho para com as crianças demonstrado por grandes guerreiros do passado". Enquanto era pastor em St. Louis, em meados da década de 40, ele e Edith começaram um ministério infantil chamado Crianças para Cristo.

Esse trabalho acabou ganhando proporções internacionais e foi usado por Deus para alcançar muitas crianças com o evangelho. Ele e Edith escreviam o material para as reuniões e Edith criava figuras de flanelógrafo para acompanhar as histórias. Esse material foi traduzido para várias línguas e Francis e Edith viajaram por toda a parte ensinando outros a conduzir uma reunião com crianças. Eles faziam isso realizando um estudo com os adultos como se fosse um grupo de crianças. Ao ler esse material (havia, por exemplo, estudos sobre Gênesis e o Evangelho de Lucas), fica logo claro que Schaeffer usa a mesma abordagem básica para comunicar verdades bíblicas a crianças e adultos. Tive o privilégio de liderar um estudo evangelístico para crianças carentes enquanto era aluno do seminário em St. Louis e consegui encontrar uma cópia dos estudos sobre Gênesis para usar em minhas aulas. O estudo era, em essência, uma versão para principiantes de "Possíveis Respostas para Questões Filosóficas Básicas", e me foi de grande ajuda para comunicar a verdade de Deus àquelas crianças pequenas.

É óbvio que dentro de tal contexto, a comunicação da verdade está ocorrendo em um nível bem mais simples. Porém, Schaeffer está lidando com as mesmas questões fundamentais sobre a natureza da existência humana e com as mesmas respostas maravilhosas que a Bíblia oferece para essas perguntas - exatamente as mesmas questões e respostas que ele

apresenta em *He Is There and He Is not Silent.* Esse é um ponto importante a ser observado por várias razões.

Francis Schaeffer era muitas vezes criticado por ser intelectual demais. Alguns diziam que ele estava lidando com questões que “pessoas comuns” não enfrentam ao longo de uma vida normal. O fato de que as mesmas perguntas e verdades podiam ser usadas (e de maneira poderosa, de uma forma que eram grandemente abençoada pelo Senhor) para comunicar as boas novas a crianças pequenas, mostra quão inapropriado era esse tipo de crítica ao seu trabalho apologético.

Do mesmo modo, Schaeffer foi acusado de tornar o evangelho muito complicado. Por que ele não falava simplesmente dos elementos mais básicos do evangelho: “Você é um pecador; Cristo morreu por você; arrependa-se e creia nele?”

Sua resposta era que todas as pessoas (incluindo as crianças pequenas) precisam entender e responder às verdades da visão de mundo da Bíblia e deixar quaisquer idéias falsas que porventura tenham para que, no lugar destas, possam colocar a verdade de Deus. Elas precisam crer “que Deus existe” (Hb 11.6), aceitar a verdade sobre quem é Deus, quem são os seres humanos antes de poderem compreender que são pecadores e que Cristo morreu por elas.

Se as pessoas já possuem uma visão de mundo cristã pelo fato de terem crescido no contexto de uma igreja e com o conhecimento da Bíblia então, obviamente, pode-se começar dos elementos mais básicos, pois eles farão sentido para essas pessoas. Mas se são como o povo de Atenas a quem Paulo se dirigiu em Atos 17.16-34, então é preciso começar pela verdadeira natureza de Deus e as idéias falsas e idolatrias dos pensadores pagãos, se desejamos tornar Cristo conhecido para essas pessoas.

Schaeffer reconhecia que há cada vez menos pessoas com uma visão de mundo verdadeiramente bíblica. Conseqüentemente, ele via que era absolutamente essencial começar do princípio com a maioria das pessoas com as quais nos deparamos. O princípio, para as pessoas modernas e pós-modemas é a existência de Deus e a existência da verdade. Apesar destas questões parecerem abstratas, elas de fato não o são. Pelo contrário, são

muito práticas. Não há nada mais prático ou básico do que a convicção de que existe uma verdade que pode ser conhecida. Sem essa convicção, a vida torna-se cada vez mais insuportável e cada vez mais repleta de alienação à medida em que vivemos com a perda da verdade.

Uma outra resposta a essa crítica - de que ele estava complicando o evangelho que é simples - é que ele não desenvolveu sua abordagem teológica através de um estudo afastado da vida de pessoas reais. Ele desenvolveu as respostas que oferece em *He Is There and He Is not Silent* durante o calor da batalha, por assim dizer. Era justamente porque sua casa estava cheia de gente buscando respostas para questões de existência, moralidade e conhecimento que ele dedicou-se a elaborar as palestras de "Possíveis Respostas para Questões Filosóficas Básicas".

Trabalhei durante quase vinte anos em L'Abri, sendo que muito desse tempo foi enquanto Schaeffer ainda era vivo. Nosso padrão era dizer àqueles que vinham à nossa casa que "não havia perguntas proibidas". Isso porque acreditávamos que o Cristianismo é, de fato, a verdade e não precisamos ter medo de qualquer pergunta ou objeção. Consequentemente, quase todas as palestras que foram (e ainda são) dadas nos vários lugares ligados à L'Abri eram uma resposta a questões, dúvidas e lutas daqueles que estavam lá conosco. Os assuntos tratados em *He Is There and He Is not Silent* são referentes a pessoas reais.

Minha própria conversão está ligada a esse assunto. Como não-cristão, lutei com vários dos problemas abordados por este livro. Eu me perguntava como qualquer significado ou valor podia ser dado à vida humana. "Quem sou eu e será que há um significado maior para minha vida?" - essas eram perguntas que perturbavam minha alma.

Não via qualquer base para ser capaz de distinguir entre o bem e o mal. Sentia que havia uma diferença e queria muito que houvesse uma diferença, mas não conseguia encontrar a razão para ela. Aqueles que parecem ser moralmente retos e aqueles que se dedicam à perversidade não acabam tendo o mesmo fim? Será que, no final das contas, realmente importa ou será que temos que suportar tudo isso com resignação passiva ou ódio amargurado?

Quando era adolescente, muitos de meus amigos lutavam com questões como essas, mas a maioria tentava acabar com a ansiedade através do álcool, drogas ou vida sexual promíscua ou então procurava encontrar uma vida que lhes desse “paz e afluência pessoais” (usando uma expressão de Schaeffer). Eu não queria seguir nenhum desses caminhos, pois ambos pareciam ser uma traição daquilo que considerava mais precioso (em grande parte graças aos meus pais, que eram pessoas verdadeiramente boas, excelentes pais e vivendo num casamento genuinamente feliz). Para mim, a falta de respostas levou à beira do suicídio. Fui impedido (graças a Deus!) de me atirar de um penhasco num certo dia, em janeiro, pela glória da criação, mesmo no meio do inverno. Senti-me compelido a continuar buscando um pouco mais antes de tomar tal passo final.

Aproximadamente duas semanas depois, encontrei um canadense, Mike Tymchak, estudante de doutorado em Manchester University onde eu estava fazendo a faculdade. Ele havia estudado com Francis Schaeffer em U Abri na Suíça e tive discussões, estudos bíblicos e tempo para ouvir as fitas de Schaeffer em seu apartamento todas as semanas. Na primeira noite, ele liderou uma leitura e reflexão sobre os dois primeiros capítulo de Eclesiastes. Esse encontro mexeu com o mais profundo de meu coração pois, ali estava um homem, Mike, e ali estava um livro, a Bíblia, que levavam minhas perguntas a sério e começavam a oferecer respostas. Nos meses seguintes, Mike tocou para mim fitas de Francis Schaeffer que tratavam de alguns assuntos que se encontram em *He Is There and He Is not Silent.* A própria abordagem de Mike às minhas perguntas é a abordagem usada por Schaeffer neste livro. Pouco mais de um ano e meio depois, Mike me ajudou a orar e assumir um compromisso, numa noite de terça-feira em novembro de 1966, ao nos ajoelharmos lado a lado no chão de sua cozinha. Deus havia trazido para perto de si mais um pecador relutante!

Uma terceira crítica que algumas vezes é feita em relação a abordagem apologética de Schaeffer é de que ele acreditava ser capaz de levar as pessoas ao reino de Deus através da argumentação. Nada podería ser mais distante da verdade. Ele afirmou categoricamente muitas vezes que só o argumento não salva ninguém.

Não é por serem inadequadas as razões a demonstrar a veracidade do Cristianismo que ele reconhecia isso. Elas não são inadequadas; pelo contrário, são plenamente suficientes para persuadir uma pessoa de mente aberta. Porém, as pessoas não têm a mente aberta. Todos nós temos uma atitude de rebelião em relação a Deus, com desejos que resistem à sua verdade. Schaeffer dizia, como fala neste livro, que para chegar à verdade, homens e mulheres têm que se curvar diante de Deus três vezes.

Temos que nos curvar como criaturas, reconhecendo que Deus é Deus e que nós não somos a fonte e origem de nossa própria vida. Pelo contrário, somos dependentes. Nosso coração resiste a essa postura.

Temos que nos curvar moralmente, reconhecendo que somos pecadores que desobedeceram os mandamentos de Deus e que merecem seu julgamento. Somos dependentes de sua misericórdia através de Jesus Cristo.

Precisamos nos curvar no âmbito do conhecimento. Deus é a fonte da verdade e nós não. Somos dependentes dele para compreender o mundo e até mesmo nossa própria existência.

Além do reconhecimento do problema do coração endurecido, Schaeffer entendia que há três elementos, todos igualmente importantes, que fazem parte da demonstração da verdade sobre o Cristianismo: persuasão, vida e oração. Essa visão não era simplesmente teórica. A obra de sua vida foi construída em torno da prática desses três elementos.

1. Somos chamados por Deus para tornar sua verdade conhecida e para demonstrar essa verdade aos descrentes dando-lhes

razões convincente para a fé. Essas razões encontram-se na própria revelação de Deus nas Escrituras e na criação. Elas não são invenções engenhosas de nossa mente. Schaeffer acreditava que seu método apologético era fiel às Escrituras e que estava usando a abordagem das Escrituras.

2. Somos chamados por Deus para viver a verdade, para demonstrar a verdade do evangelho através de nossa vida. Schaeffer chamava a vida do cristão de "apologia final" e buscava mostrar em sua própria vida "de algum modo imperfeito" como ele dizia, a realidade dos "relacionamentos sobrenaturalmente restaurados". Ele acreditava que o Novo Testamento

nos ensina que os não-cristãos devem ser capazes de ver a diferença em nossa vida e a partir disso tirar conclusões sobre a veracidade da mensagem de Cristo que proclamamos.

3. Somos chamados por Deus para orar pedindo que ele demonstre sua existência na realidade de suas respostas às nossas orações. Ele orava para que Deus trouxesse para L'Abri pessoas em cujo coração ele estivesse trabalhando. Schaeffer sabia e dizia sempre para aqueles que trabalhavam com ele que a obra de salvar pessoas é impossível para nós, mas é, de fato, possível para Deus. Ele era um homem de oração que acreditava humildemente que, sem a obra de Deus no coração e na mente das pessoas, nosso trabalho era em vão.

Este pequeno livro e as mensagens que estão por trás dele já foram usados pelo Senhor para abapçoar muitas pessoas, ajudando alguns com sua jornada rumo à fé e fortalecendo outros em seu serviço para Deus e em seu desejo de compartilhar a verdade.

É meu desejo que Deus tenha prazer em usar o conteúdo deste livro para ajudar a muitos da geração presente a achegar-se à fé em Jesus Cristo; que ele use-o para ajudar cristãos a tornarem-se mais confiantes na verdade do evangelho; que ele use-o para ajudar você a estar preparado para dar respostas sobre a esperança que há dentro de você e para que o faça com bondade e respeito (lPe 3.15).

Jerram Barrs Março de 2001

Introdução

A presente obra *He Is There and. He Is not Silent* associa-se a *The God Who Is There* e *Escape From Reason,* formando um todo integrado. Sem a base do todo dos três livros, fatalmente a leitura de qualquer um deles deixará de atingir em profundidade as suas variadas implicações. Este livro trata de uma das mais fundamentais questões de todos os tempos: como alcançamos o conhecimento e como sabemos que conhecemos. A menos que nossa epistemologia[1] esteja correta, tudo o mais será errado. Este é o motivo porque estou dizendo que este livro se relaciona a *Escape From Reason* - pela ligação sugerida em seu título. O Deus pessoal infinito existe, mas ele não se cala; isto muda o mundo todo. Wittgestein, em seus Tractatus, só acha silêncio, no que se refere a valores e sentido da vida. Bergman sugeriu a mesma idéia em seu filme *O Silêncio.* O presente livro reverte esta visão pessimista. Ele existe e não está em silêncio.

Estes três livros formam uma unidade consciente - uma unidade que eu creio estar refletindo a unidade da própria Escritura.

Ficará claro que este livro, da forma como trata de um campo elementar, representa uma parte vital da causa assumida historicamente pelo Cristianismo em relação ao século 20. O Deus que se Revela não é um Deus distante.

Francis Schaeffer, 19S2

Capítulo 1

A NECESSIDADE METAFÍSICA

Este livro trada da necessidade filosófica de Deus existir e não estar em silêncio - nos campos da metafísica, moral e epistemológica.

É preciso que entendamos, antes de qualquer coisa, o que são estes três campos básicos do pensamento filosófico. O primeiro é o campo da metafísica, do Ser. Esse é o terreno do ser -o problema da existência. Nisso inclui-se a existência do homem, e precisamos dar-nos conta de que a existência do homem não é, propriamente, um problema maior do que o fato de que qualquer coisa sequer exista. Ninguém o formulou melhor do Jean Paul Sartre, que disse que a questão filosófica básica é que as coisas existem, ao invés de que não existem. Nada que seja digno do nome "filosofia" pode pôr de lado o fato de que as coisas existem e que elas existem na sua forma e complexidade presente. E a isto que estou me referindo quando falo do problema da metafísica - a existência do ser.

O segundo campo do pensamento filosófico é o do homem e do dilema do homem. O ser humano é pessoal e ainda assim é finito; logo, ele não representa um ponto de integração suficiente para si mesmo. Isso podería nos lembrar de outra declaração de grande profundidade de Sartre: que nenhum ponto finito faz qualquer sentido, se não tiver um ponto de referência infinito. Todo cristão concordaria com ele nesta declaração.

O homem é finito; portanto, não pode servir de parâmetro integrador para si mesmo. Não obstante, o homem distingue-se de um ser não-humano. O homem é uma pessoa, diferentemente do que é impessoal; ou, para utilizar um termo por mim usado em meus livros, o homem tem sua "hombridade".

O behaviorismo e todas as formas de determinismo dizem que o homem não é um ser pessoal - que ele não é essencialmente diferente de alguma coisa impessoal. Mas a dificuldade que encontramos aqui é que, em primeiro lugar, isso nega a observação que o homem tem feito de si mesmo por mais de 40.000 anos (se admitirmos o sistema de datação moderno);

e, em segundo lugar, não há determinista ou behaviorista que realmente consiga viver de forma consistente, com base em seu determinismo e ou sua psicologia behaviorista - afirmando, em outras palavras, que o homem não passa de uma máquina. Isso vale para Francis Crick, que reduziu o homem às propriedades químicas e físicas de um código de DNA. O mais interessante, entretanto, é que Crick mostra claramente que não tem como conviver com o seu próprio determinismo. Em uma de suas obras, *Of Molecules and Men,* ele logo começa a se referir à natureza como "ela". Em um livro menor, mas ainda mais profundo, *The Origin of the Genetic Code* ele passa a grafá-la com inicial maiuscula. B. F. Skinner, autor de *Beyond Freedom and Dignity* apresenta esta mesma contradição.

Temos assim estas duas dificuldades para a aceitação do determinismo e do behaviorismo modernos, que dizem que não há diferença intrínseca entre o humano e o não-humano: primeiro, somos obrigados a negar a observação do homem por todos estes anos, desde as pinturas das cavernas e mesmo antes disto; e segundo, nenhum determinista químico ou psicológico jamais seria capaz de viver como se fosse um ser não-humano.

Outro dilema é a questão da nobreza humana. É possível que o leitor não simpatize com a palavra nobreza, mas não importa a palavra que se escolha, existe algo de grandioso no homem. Gostaria de acrescentar aqui que os evangélicos frequentemente têm caído no grave erro de destacar demasiadamente o fato de que o homem está perdido e debaixo da ira de Deus, sugerindo que ele é um nada - um zero à esquerda. Não é isso que a Bíblia diz. Há algo de grandioso no homem, e talvez tenhamos perdido nossa maior oportunidade de evangelização, em nossa geração, por não frisarmos que é a Bíblia que explica por que o homem é grandioso.

Entretanto, o homem não só é nobre (ou qualquer outra palavra que o leitor queira usar para isso), mas também é cruel. Temos, assim, um dilema. O primeiro dilema é que o homem é finito e também é pessoal; o segundo dilema é o contraste que existe entre a dignidade humana e a sua crueldade. Ou então, podemos expressá-lo em termos modernos: a alienação do homem de si mesmo e de todos os demais seres humanos, no campo da moral.

Temos agora, portanto, dois campos do pensamento filosófico: primeiro, a metafísica, que trata do Ser, da existência; em segundo lugar, o campo da moral. O terceiro campo do nosso estudo diz respeito à epistemologia - o problema do conhecimento.

Deixe-me agora fazer duas observações genéricas. Primeiro, a filosofia e a religião lidam com as mesmas questões básicas. Os cristãos, especialmente os cristãos evangélicos, tendem a esquecer-se disso. A filosofia e a religião não tratam de questões diferentes, embora dêem explicações diferentes e usem terminologia diferenciada. As questões básicas, tanto da filosofia quanto da religião (e estou me referindo à religião no sentido lato, incluindo o Cristianismo), são as questões do Ser (isto é, do que existe), do homem e seu dilema (da moral), da episte-mologia (de como o homem adquire conhecimento). A filosofia lida com estes pontos, mas o mesmo acontece com a religião, incluindo o Cristianismo evangélico ortodoxo.

A segunda observação genérica refere-se aos dois sentidos da palavra filosofia, que precisam manter-se completamente separados, se quisermos evitar confusões. O primeiro sentido é o da disciplina, um tópico do currículo acadêmico. Essa é a idéia que geralmente associamos à filosofia: um estudo altamente técnico que poucas pessoas são capazes de acompanhar. Neste sentido, poucos são filósofos. Mas há um segundo sentido que não devemos esquecer, se quisermos entender o problema da pregação do evangelho no mundo do século 20. Pois a filosofia também significa a visão de mundo de alguém. Neste sentido, todos somos filósofos, pois todos temos uma visão de mundo. Isso vale tanto para o homem cavando uma vala quanto para o filósofo na universidade.

Os cristãos têm tendido a desprezar o conceito de filosofia. Esta tem sido uma das fraquezas do Cristianismo evangélico ortodoxo - temos nos vangloriado em nosso desprezo à filosofia e nos orgulhado excessivamente da condenação de tudo quanto diz respeito ao intelecto. Nossos seminários teológicos dificilmente fazem qualquer relação entre a sua teologia e a filosofia, principalmente no que diz respeito à filosofia contemporânea. Assim, os estudantes formam-se nos seminários teológicos sem a mínima noção de como relacionar o Cristianismo às visões de mundo a seu redor. Não que eles não saibam respostas. Pelo que tenho observado, a

maioria dos estudantes que se tornam bacharéis em seminários teológicos desconhecem as perguntas.

Na verdade, a filosofia é universal no seu escopo. Nenhum ser humano é capaz de viver sem uma visão de mundo; por isso, não há ser humano que não seja um filósofo.

Não há muitas respostas possíveis aos três campos básicos do pensamento filosófico, ainda que haja uma grande quantidade de detalhes circunstanciais implicados nas questões fundamentais. Será de tremenda ajuda - a todos aqueles que estão estudando filosofia na universidade, sentido-se intelectualmente exauridos até a morte, ou tentando ser ministros do Evangelho, dialogando com as pessoas comuns - se percebermos que, por mais que possa haver detalhes discutíveis - em sua concepção básica - são extremamente reduzidas as possibilidades de resposta.

Existem pelo menos duas classes de explicação apresentadas a estas questões.

1. A primeira é a que diz não haver explicação lógica ou racional. Este é antes um fenômeno típico da nossa geração -sob a “Linha do Desespero”. Não estou dizendo que ninguém tivesse defendido tais pontos de vista no passado, e sim que estas não eram opiniões dominantes. Hoje, elas são muito mais freqüentes do que jamais foram. Isso vale não apenas para os filósofos em suas discussões, mas também é igualmente válido para as conversas de esquina, na padaria, na lanchonete da universidade, ou no posto de gasolina. A solução geralmente proposta é que não há explicação lógica ou racional - afinal de contas tudo é caótico, irracional e absurdo. Este ponto de vista é expresso com grande finesse no mundo do pensamento existencial e no Teatro do Absurdo. Esta é a filosofia ou visão de mundo defendida por muitas pessoas hoje em dia. Este pensamento faz parte da corrente e trama do pensamento de hoje.

Se alguém sustenta que tudo é sem sentido, que não existe explicação para nada e que não há relação de causa e efeito, se realmente sustentasse tal posicionamento com certo grau de consistência, seria muito difícil de refutar. Mas, de fato, ninguém pode sustentar, com coerência, que tudo seja caótico e irracional, que não haja respostas fundamentais. Pode-se

até afirmar teoricamente que tudo seja caótico, mas não se pode sustentar esta afirmação na prática.

A primeira razão pela qual o posicionamento irracional não possa ser sustentado na prática é o fato de que o mundo externo existe e que tenha certa forma e ordem. Não se trata de um mundo caótico. Se fosse verdade que tudo é caótico, sem nexo e absurdo, a ciência também, bem como a vida em geral, chegaria a um final. Nem mesmo seria possível viver, se não partíssemos do pressuposto de que o universo - este universo exterior - existe e que tem determinada forma, certa ordem, e que o ser humano se conforma com tal ordem, de modo a conseguir viver no seu nele.

Talvez você se lembre de um dos filmes de Godard, *Pierrot le Fou* (Pierrot, o louco), no qual as pessoas usam as janelas, ao invés das portas, para entrar e sair. O mais interessante é que elas não saíam atravessando as paredes sólidas. Godard está dizendo que, embora ele não tenha respostas, ao mesmo tempo, porém, ele não pode sair atravessando paredes sólidas. Esta é meramente a sua expressão da dificuldade em se sustentar que o universo que está aí seja totalmente caótico, enquanto que o mundo externo tem forma e ordem.

Às vezes as pessoas tentam dar um pouco de ordem; porém, basta mostrar que é possível colocar um pouco de ordem aqui ou ali, para que as explicações da primeira classe - de que tudo é sem sentido, tudo é irracional - não mais sejam auto-sustentáveis e caiam por terra.

A visão de que tudo seja caótico e que não haja respostas fundamentais é sustentado por muitas cabeças pensantes de hoje, mas pela minha experiência, eles sempre a defendem seletivamente. Quase que sem exceções (na verdade, eu nunca vi exceção alguma), eles discutem racionalmente até estarem perdendo a discussão, quando tentam refugiar-se no argumento da irracionalidade. Mas, assim que a pessoa, com quem estamos discutindo, age desta forma, devemos destacar que, no momento em que ela se torna seletiva em sua argumentação quanto ao irracionalismo, está tornando todo o seu discurso suspeito. O posicionamento do irracionalismo pode até ser teoricamente mantido, mas ninguém convive com ele quando se trata do mundo exterior ou das categorias do seu próprio mundo intelectual e de sua argumentação. O fato é que, se este

posicionamento fosse argumentado de forma apropriada, toda esta discussão terminaria. A comunicação terminaria. Não estaríamos fazendo mais do que emitir uma série de sons sem sentido -blá, blá, blá. O Teatro do Absurdo dizia isto, mas foi um equívoco, porque se você lê e ouve cuidadosamente o que tem a dizer o Teatro do Absurdo, nota que ele está sempre tentando comunicar a sua opinião de que não é possível comunicar-se. Há sempre quem comunique aos outros que não existe comunicação. Este tipo de declaração é sempre seletiva, com pacotes fechados de ordenação introduzidos em algum momento desta linha de raciocínio. Assim, vemos que esta classe de explicação - de que todas as coisas são irracionais - não é uma resposta.

2. A segunda classe de respostas diz que há uma resposta que pode ser estudada de forma racional e lógica e que pode ser comunicada a outros externamente. No presente capítulo, estaremos lidando com a metafísica, no que diz respeito às suas explicações, apresentadas à pauta de discussão; em seguida, estaremos lidando com o homem e seu dilema, o campo da moral, no que diz respeito às explicações que ela põe em discussão. Então, passaremos agora a estudar aquele tipo de explicação que se encontra nos campos do Ser e da existência.

Como dizíamos, não há muitas possibilidades de respostas elementares, embora haja uma grande quantidade de detalhes no interior das explicações. Agora, por incrível que pareça, há somente três respostas elementares possíveis a esta questão que estariam abertas para a reflexão e debate racional. As possibilidades elementares de resposta são muito, muito reduzidas.

Estamos considerando a existência, o fato de que algo exista. Lembre-se da declaração de Jean Paul Sartre, de que a questão filosófica básica é que as coisas existem, ao invés de que não existem. A primeira resposta elementar é que tudo o que existe originou-se de absolutamente nada. Em outras palavras, parte-se do nada. Agora, para se sustentar esta visão, é preciso que seja absolutamente nada. É preciso que seja o que eu chamo de nada de nada. O nada não pode ser algo; nem algo, nada. Se quisermos aceitar esta resposta, tem que ser nada de nada, o que significa que não pode haver

nenhuma energia, nenhuma massa, nenhum movimento e nenhuma personalidade.

A minha descrição do nada de nada é esta: imaginemos uma lousa que nunca tivesse sido utilizada antes. Nesta lousa, traçamos uma circunferência e, dentro da qual encerrássemos tudo o que estivesse ali - havia nada dentro do círculo. Em seguida, apagamos a circunferência. Eis o nada de nada. Você não deve deixar alguém alegar que está começando com nada, para depois partir de alguma coisa: da energia, da massa, do movimento, ou da personalidade. Isso já seria algo, e alguma coisa não pode ser nada.

A verdade é que eu nunca vi alguém sustentar este posicionamento, pois é impensável supor que tudo o que hoje existe tenha surgido do nada absoluto. Mas, teoricamente, esta é a primeira resposta possível.

A segunda resposta possível no campo da existência é que tudo o que existe hoje teve um começo impessoal. Este elemento impessoal pode ser massa, energia, movimento, mas todos são impessoais e igualmente impessoais. Assim, não faz diferença fundamental com qual você começa. Muitos integrantes da modernidade concluíram, a partir daí que, por estarem partindo de partículas de energia, e não da tradicional massa, teriam dado resposta melhor. Salvador Dali fez isto, na passagem do período surrealista para o seu novo misticismo. Mas esses pensadores não têm resposta absolutamente melhor. Ela ainda continua impessoal. A energia é tão impessoal quanto a massa e o movimento. Assim que você aceita a origem impessoal de todas as coisas, estará diante de uma espécie de reducionismo. O reducionismo alega que tudo o que existe, desde as estrelas até o próprio homem, deve ser entendido, em última instância, como algo reduzido a um fator ou a fatores originais e impessoais.

O grande problema em se começar pelo impessoal está em encontrar sentido para os aspectos particulares. O particular pode ser um fator individual, qualquer coisa individual - as partes separadas do todo. Uma gota de água é um aspecto particular, da mesma forma como um ser humano. Se começarmos pelo impessoal, então, como qualquer um dos elementos particulares que aí estão - incluindo o homem - terão qualquer sentido, qualquer relevância? Ninguém nos forneceu resposta rara isso. Por

toda a história do pensamento filosófico, do Oriente ao Ocidente, ninguém nos forneceu uma resposta adequada.

Partindo do impessoal, tudo, inclusive o homem, precisa ser explicado em termos de impessoalidade, acrescida de tempo, acrescida de probabilidade. Não deixe ninguém enganar sua mente neste ponto. Não há outros fatores na fórmula, porque não há outros fatores que possam existir. Se começamos por algo impessoal, não podemos contar com nenhuma forma de conceito teleológico. Ninguém jamais demonstrou, como o tempo, acrescido de probabilidade, partindo do impessoal, podería produzir a complexidade necessária do universo, sem falar da personalidade do homem. Ninguém nos forneceu evidências suficientes para tanto.

Muitas vezes esta resposta - partir do impessoal - é chamada de panteísmo. O novo pensamento místico quase sempre representa alguma nova forma de panteísmo - quase todas as teologias modernas liberais também são panteístas. Muitas vezes este começo por um elemento impessoal é chamado de *panteísmo',* mas isso é, na verdade, um truque semântico. Se considerarmos a raiz *teísmo,* introduz-se uma conotação pessoal, quando, na verdade, está-se falando de algo, por definição, impessoal. Nas minhas discussões, eu nunca deixo alguém falar de modo irrefletido sobre panteísmo. Em algum lugar ao longo do caminho, tento frisar o ponto de que não se trata realmente de panteísmo, com a sua ilusão semântica de personalidade, mas de ***pantudismo.*** As antigas religiões do hinduísmo e do budismo, bem como os misticismos modernos, a nova teologia “panteísta” não são realmente panteístas. Uma solução semântica está sendo oferecida. Teísmo está sendo usado como uma palavra conotativa. Em *The God Who Is There,* eu destaquei o fato de que as soluções modernas representam normalmente misticismos semânticos, e este é um deles.

Mas qualquer que seja a forma assumida pelo pantudismo, inclusive a forma científica moderna, que reduz tudo a partículas de energia, estaremos sempre diante do mesmo problema: em todos eles, o fim é o impessoal.

Há dois problemas que sempre existirão - a necessidade de unidade e a necessidade de diversidade. O pantudismo dá uma resposta à necessidade de unidade, mas não para a necessidade de diversidade. Se partirmos do

impessoal, não haverá sentido ou significado na diversidade. Poderiamos pensar no velho panteísmo hindu, pois todas as palavras iniciam em *om.* Na realidade, tudo deveria terminar em *om,* em uma só terminação, sem qualquer variação, pois não há razão para qualquer significado ou variação. Mesmo se o pantudismo fornecesse qualquer resposta à forma, ele não daria sentido à liberdade. Os ciclos normalmente são iniciados como se fossem ondas levantadas pelo mar, mas isso não fornece nenhuma solução definitiva a qualquer desses problemas. A moral, sob todas as formas de panteísmo, não tem sentido como moral, pois tudo no pantudismo é, em última instância, igual. A teologia moderna deve mover-se em direção à ética situacional, pois não há nesta estrutura, lugar para algo como a moral. A palavra moral pode até vir a ser aplicada, mas tratar-se-á, na verdade, somente de uma palavra.

Este é o dilema da segunda resposta, a qual a maioria das pessoas sustenta em nossos dias. As ciências naturais a sustentam, fazendo tudo começar por partículas de energia. Muitos universitários adotam algum tipo de pantudismo. Os livros de teologia liberal de hoje são quase que completamente pantudistas. Mas, se começarmos pelo impessoal, como os pantudistas são obrigados a fazer, não haverá explicações verdadeiras quanto à existência em toda a sua complexidade, ou à personalidade - à "hombridade" do homem.[1]

A terceira explicação possível começa por uma origem pessoal. Com isto, esgotamos todas as possíveis respostas elementares para a existência. Pode soar simplista, mas é verdadeiro. Isso não quer dizer que não haja detalhes que possam ser discutidos, variantes, sub-tópicos ou sub-escolas - mas estas são as únicas escolas básicas do pensamento possíveis. Certa pessoa disse de forma brilhante que, quando você resolve uma questão elementar, não restarão muitas pessoas no quarto. Com isso, ele quis dizer que, quanto mais nos aprofundamos em qualquer questão fundamental, no final das contas, as opções que nos restarão serão extremamente simples e claras. Não um grande número de respostas fundamentais para quaisquer das grandes questões da vida.

Assim, vamos refletir agora sobre o que significa partir daquilo que é pessoal. Este ponto de partida parece ser precisamente o oposto do

impessoal. Algo de pessoal deu origem a todo o resto. Neste caso, o homem, enquanto ser pessoal, tem um sentido. Não se trata de algo abstrato. Muitas das pessoas que procuraram o L'Abri não teriam se tornado cristãs se não tivéssemos discutido este ponto. Muitas teriam nos dado as costas, dizendo “vocês não têm todas as respostas”. Estas coisas não são abstratas, elas se relacionam com a comunicação do Evangelho cristão em pleno século 20.

Às vezes fico cansado de ter de justificar por que eu não prego o “simples Evangelho”. É preciso pregar o simples Evangelho, de forma que seja simples para a pessoa com quem você está falando, ou ele não será simples de forma alguma. O dilema do homem moderno é simples: não faz idéia por que o homem teria algum sentido. Ele está perdido. O ser humano continua sendo um zero à esquerda. Esta é a desgraça de nossa geração, o cerne do problema do homem moderno. Mas, se partirmos de algo pessoal, e esta é a origem de todo o resto, então o pessoal tem um sentido e o homem e suas aspirações não são sem sentido. As aspirações do homem à realidade da personalidade estão alinhadas com o que existia originalmente e o que sempre intrinsecamente existiu.

São os cristãos que têm a resposta neste ponto - uma resposta impressionante! Então, por que nós, enquanto cristãos, continuamos falando grandes verdades de uma forma que ninguém entende? Por que continuamos falando para nós mesmos que o ser humano está perdido e, ao mesmo tempo, que o amamos? A grande desgraça do homem de hoje é que ele não consegue ver sentido no próprio homem, mas, se partirmos de uma origem pessoal, estaremos numa situação precisamente oposta. Temos a realidade do fato de que a personalidade tem sentido, porque não está alienada daquilo que sempre existiu, do que existe e do que sempre existirá. Esta é nossa explicação e, com ela, apresentamos uma solução não apenas para o problema do Ser puro e simples e sua complexidade, mas também para o fato de o homem ser diferente, com uma personalidade que o torna distinto de algo não humano.

Para melhor ilustrar, poderiamos usar a imagem de dois vales. Freqüentemente, podemos observar nos Alpes Suíços um vale repleto de água com um vale adjacente desprovido de água. Para a nossa surpresa,

algumas vezes, o degelo das montanhas “vaza” para o segundo vale e, com isso, de uma hora para outra, o segundo vale começa a encher-se de água. Enquanto o nível da água no segundo vale não ultrapassa o nível da água no primeiro vale, todos concluem que há uma possibilidade real de que o segundo lago se origine do primeiro. Entretanto, se a água no segundo vale ultrapassa o nível de água do primeiro vale em dez metros, ninguém sustentará a mesma explicação. Quando partimos de uma origem pessoal de todas as coisas, então estaremos em condições de entender a vocação do ser humano para a personalidade, como uma das explicações possíveis.

Se partirmos de um nível inferior à personalidade, no final teremos que reduzir a personalidade ao impessoal. O mundo científico moderno assim procede em seu reducionismo, no qual a palavra *personalidade* limita-se ao caráter do impessoal acrescido de complexidade. No mundo científico naturalista, seja da sociologia, seja da psicologia ou das ciências naturais, o ser humano é reduzido a algo impessoal acrescido de complexidade.

Mas, uma vez que admitimos uma origem pessoal, temos ainda outra opção ao nosso alcance. Este é o próximo passo: optar por Deus ou por deuses? O problema de optarmos por deuses ao invés de Deus é que deuses limitados não são grandes o suficiente. Para obtermos uma explicação adequada quanto à origem pessoal, necessitamos duas coisas. Necessitamos admitir um Deus infinito pessoal (ou um Deus pessoal infinito), e necessitamos da unidade e diversidade pessoal em Deus.

Tomemos a primeira alternativa - um Deus infinito pessoal. Somente um Deus infinito pessoal é suficientemente grandioso. Platão já entendia que é preciso admitir absolutos, para que as coisas tenham qualquer sentido. Mas a dificuldade que Platão estava enfrentando residia no fato de que os seus deuses não eram suficientemente grandes para atingir o fim desejado. Assim, embora ele reconhecesse a necessidade, esta caiu por terra, porque os deuses dele não eram grandes o suficiente para serem pontos de referência para seus absolutos, para seus ideais. Na literatura grega, muitas vezes o destino parece estar por trás dos deuses, controlando-os; noutras ocasiões, os deuses é que parecem controlar o destino. Por que a confusão? Porque tudo falha neste ponto do seu pensamento, pois os seus deuses

limitados não são suficientemente grandes. Esta é a razão porque precisamos de um Deus infinito pessoal. Isso para começar.

Em segundo lugar, necessitamos de unidade e diversidade pessoal em Deus, não apenas um conceito abstrato de unidade e diversidade, pois, como vimos, precisamos de um Deus pessoal. Precisamos de uma unidade pessoal na diversidade. Sem isto, nunca alcançaremos respostas. O Cristianismo as tem na Trindade.

Estamos aqui falando da necessidade filosófica, no campo do Ser, da existência, do fato de que Deus existe. E nisto que tudo se baseia: ele existe mesmo.

Não há outra resposta filosófica suficiente além desta que apresentei. Por mais que você possa pesquisar a filosofia das universidades, o "subterrâneo", dos postos de gasolina - não importa onde - não há outra resposta filosófica suficiente para a existência, para o Ser, do que a que eu acabei de apresentar. Existe somente uma filosofia, uma religião capaz de preencher esta necessidade constante em toda a história do pensamento humano, seja ele oriental ou ocidental, antigo ou moderno, novo ou velho. Somente uma preenche a necessidade filosófica da existência do Ser, e trata-se da resposta filosófica do Deus ju-daico-cristão - não um conceito abstrato, mas antes, Deus existe de verdade. Ele existe. Não há outra resposta e os cristãos ortodoxos devem sentir-se envergonhados de terem sido defensivos por tanto tempo. Não é tempo de sermos defensivos. Não há outra resposta possível.

É preciso notar que não há palavra menos dotada de sentido do que a palavra *deus.* Ela não significa nada por si mesma. Trata-se somente de um símbolo linguístico como o de qualquer outra palavra - d.e.u.s - até que lhe atribuamos conteúdo.

Isso é especialmente válido para a palavra deus, porque nenhuma outra palavra já foi utilizada para abranger sentidos tão absolutamente opostos. O mero uso da palavra deus não prova nada. É preciso que você lhe atribua algum sentido. A palavra deus em si não é resposta ao problema filosófico da existência, mas o conteúdo judaico-cristão atribuído à palavra Deus, no Antigo e no Novo Testamentos, vai ao encontro da necessidade daquilo que

existe - a existência do Universo em sua complexidade e do homem enquanto ser humano. Qual seria este conteúdo? Ele se relaciona a um Deus pessoal infinito, que é unidade e diversidade pessoal de ordem superior da Trindade.

Freqüentemente alguém pergunta em meus debates como é possível acreditar na Trindade. Minha resposta é sempre a mesma. Eu continuaria sendo um agnóstico, se a Trindade não existisse, pois neste caso não haverí a possibilidade de resposta. Se não houvesse uma unidade e diversidade pessoal de ordem superior, como dada pela Trindade, não haverí a explicação possível.

Voltemos mais uma vez ao infinito pessoal. Se olharmos o aspecto da infinitude de Deus, veremos um total abismo entre Deus, de um lado, e o homem, os animais, as flores, e as máquinas, de outro. Pelo lado da infinitude de Deus, ele se encontra só. Ele é o infinitamente Outro. Ele é, em sua infinitude, contrário a todas as demais coisas. Ele diferencia-se de todo o resto porque só ele é infinito. Ele é o criador; tudo o mais foi criado. Ele é infinito; tudo o mais é finito. Tudo o mais se originou e se desenvolveu a partir da criação; assim, tudo o mais é dependente e apenas ele é independente. Isto é absoluto pelo lado da sua infinitude. Por isso, no que diz respeito à infinitude de Deus, o homem encontra-se tão separado de Deus quanto um átomo ou qualquer outro elemento da máquina do universo.

Entretanto, se olharmos pelo aspecto de Deus como ser pessoal, o abismo estará localizado entre o homem e os animais, as plantas e as máquinas. Por quê? Porque o homem foi criado à imagem de Deus. Não se trata aqui de alguma “doutrina”. Não se trata de algum dogma que basta ser repetido mecanicamente, como uma afirmação conveniente. Trata-se sim de algo que se encontra no fundo da urdidura de todo o problema. O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus; por isso, se levarmos em conta o fato de que Deus é um Deus pessoal, o abismo não se encontrará entre Deus e o homem, mas entre o homem e todas as demais coisas. Se olharmos o lado da infinitude de Deus, o homem estará tão separado de Deus quanto um átomo ou outro aspecto finito qualquer do universo. Obtemos assim uma resposta ao homem ser finito e, ainda sim, pessoal.

Não é que esta seja a melhor explicação possível para a existência; trata-se da *única* resposta. Esta é a razão porque somos capazes de sustentar o nosso Cristianismo, sem anular a nossa integridade intelectual. A única resposta possível para tudo o que existe, é que ele, o Deus pessoal infinito, existe.

Agora devemos analisar um pouco mais profundamente a segunda parte - a unidade e diversidade pessoal de ordem superior na Trindade. Einstein ensinou que toda a matéria do mundo pode ser reduzida ao eletromagnetismo e gravidade. Ao final de sua vida, ele buscava uma unidade para além destes dois elementos, algo que pudesse uni-los, mas ele nunca descobriu algo. Mas, e se ele o tivesse descoberto? Seria apenas uma unidade na diversidade em relação ao universo material e, enquanto tal, não passaria de uma brincadeira de criança. Nada teria se solucionado realmente, porque a unidade e diversidade relativa à personalidade não teria sido tocada. Se ele tivesse sido capaz de unir o eletromagnetismo à gravidade, ele não teria dado conta de explicar a necessidade da unidade e diversidade da personalidade.

Em contrapartida, analisemos a Credo Niceno - três pessoas, um Deus. Para a nossa alegria, eles usaram a palavra “pessoa”. Quer você o admita, quer não, isso impulsionou o Credo Niceno e seus debates diretamente para o nosso século: três pessoas que existem, amando uma a outra, em comunicação uma com a outra, antes de todas as demais coisas existirem.

Se assim não fosse, teríamos um Deus que necessitava criar, a fim de poder amar e se comunicar. Nesse caso, Deus dependería do universo, da mesma forma como o universo depende de Deus. Mas Deus não depende da criação; Deus não depende do universo da forma em que o universo depende dele. Por que seria assim? Porque estamos diante de uma Trindade completa e verdadeira. As pessoas da Trindade comunicavam-se entre si e se amavam antes da criação do mundo.

Esta não é apenas uma explicação possível para a necessidade extrema filosófica de unidade e diversidade, mas para uma unidade e diversidade *pessoal.* A unidade e diversidade não pode existir antes de Deus ou por trás de Deus, pois o que é anterior a tudo ou está por trás de tudo é Deus. Mas, com a doutrina da Trindade, a unidade na diversidade é o próprio Deus -

que é três pessoas, embora um só Deus. Isso é o que é a Trindade, e nada menos do que isso.

É preciso reconhecer que os nossos antepassados cristãos já compreendiam isso muito bem em 325 a.C., ao destacar as três pessoas ná Trindade, como a Bíblia ensina com tanta clareza. Note-se que eles não inventaram a Trindade para dar uma resposta às questões filosóficas da época que os gregos pudessem entender. Ao contrário. O problema da unidade e diversidade estava aí, e os cristãos perceberam que, na Trindade, de acordo com o ensinamento da Bíblia, eles tinham uma explicação que ninguém antes havia tido. Eles não inventaram a Trindade para ir ao encontro de uma necessidade; a Trindade já estava aí e satisfazia esta necessidade. Eles se deram conta de que, na Trindade, nós temos tudo sobre o que as pessoas estavam discutindo e especulando, mas para o que não havia explicação.

Notemos mais uma vez que esta não é a melhor resposta; é a *única* resposta. Ninguém mais, nenhuma outra filosofia jamais foi de capaz oferecer resposta para a unidade na diversidade. Assim, quando as pessoas perguntam se nos sentimos intelectualmente constrangidos no que diz respeito à Trindade, eu sempre passo a aplicar uma terminologia própria deles - unidade e diversidade. Todas as filosofias prevêem este problema, e nenhuma tem uma resposta. O Cristianismo tem uma solução - graças à existência da Trindade. A única explicação para o fato de as coisas existirem é que Deus, o ponto de origem, existe.

Dizíamos, portanto, duas coisas. A única resposta para o problema metafísico da existência é que o Deus pessoal infinito existe; e a única resposta para o problema metafísico da existência é que a Trindade existe.

A esta altura, certamente teremos nos convencido de que a filosofia e a religião estão de fato tratando das mesmas questões. Note-se que, no que diz respeito ao conceito fundamental da existência do Ser, ou aceitamos a resposta do Cristianismo, ou o nada. Não importa o quão evangélico ou ortodoxo você seja; isto mudará sua vida, uma vez que você o entenda.

Deixe-me acrescentar algo. Acredito que muitas pessoas evangélicas ortodoxas vêem a verdade como sendo apenas os dogmas, ou o serem fiéis

ao que a Bíblia diz. Ninguém defende a inspiração fundamental das Escrituras mais do que eu; acontece que esta não representa o esgotamento da verdade, da forma como o Cristianismo a apresenta, como as Escrituras em si a apresenta. A verdade do Cristianismo é aquela que é verdadeira em relação ao que existe. Você poderá ir até o fim do mundo e nunca precisará temer, como os antigos temiam, cair no abismo ou que os dragões o devorem. Você poderá levar o seu debate intelectual até o fim, pois o Cristianismo não é verdadeiro apenas nos seus dogmas, não é verdadeiro somente no que Deus disse nas Escrituras, mas também é verdadeiro em relação ao que existe, e você nunca cairá no abismo do fim do mundo! Não se trata de um simples modelo aproximado; trata-se da verdade do que existe. Quando os evangélicos captarem isso -quando o mundo evangélico captar isso - poderemos ter a nossa revolução. Passaremos a ter algo bonito e vivo, algo capaz de interferir no nosso mundo pobre e perdido. Esta é a verdade, do ponto de vista cristão e como Deus a traduz nas Escrituras. Mas, se quisermos aceitar esta resposta, note que teremos que admitir a resposta bíblica completa. O Cristianismo não pode ser reduzido ao pantudismo do Oriente, ou ao pantudismo da teologia moderna e liberal (seja protestante ou católico-romana), e a Bíblia não precisa ser enfraquecida. Não devemos permitir que um panteísmo teológico comece a se infiltrar, e não devemos reduzir o Cristianismo à teologia moderna existencial, do “superior”. Se quisermos alcançar aquelas grandes, titânicas respostas, o Cristianismo deve apresentar uma resposta completamente bíblica. Precisamos da postura completamente bíblica, para obter explicações ao problema filosófico básico da existência daquilo que é. Necessitamos do conteúdo bíblico completo acerca de Deus: de que ele é o Deus pessoal infinito e o ponto de partida original.

Agora, deixe-me expressar isto de outras formas. Uma maneira de dizê-las é que, sem o Deus pessoal infinito, o Deus da unidade e diversidade pessoal, não há resposta para a existência do que existe. Poderiamos, contudo, afirmá-lo ainda em outras palavras, que o Deus pessoal infinito, o Deus da Trindade, falou. Ele existe, e não está em silêncio. Não há qualquer utilidade em se ter um Deus em silêncio. Não poderiamos saber nada sobre ele. Ele falou e nos contou o que ele é, e que ele existiu antes de tudo o mais, com isso, temos a resposta para a existência daquilo que é.

Ele não está em silêncio. A razão porque temos esta resposta é que o Deus pessoal infinito, o Deus inteiramente trino, não tem se calado. Ele nos revelou quem ele é. Perceba o conceito da inspiração e da revelação nestes termos, e verá como ele acaba com os altos e baixos do pensamento moderno. Ele não está em silêncio. Esta é a razão porque sabemos. Ele falou. E o que nos disse? Ele nos falou apenas sobre as demais coisas? Não, ele nos contou a verdade sobre si mesmo - e, pelo fato de ter nos contado a verdade acerca de si mesmo - de que ele é o Deus pessoal infinito e trino - nós temos a resposta para a existência. Ou podemos colocar isto nos seguintes termos: no que diz respeito à metafísica - ao Ser, à existência - a revelação geral e específica falam com uma só voz. Todas estas maneiras de expressão estão na verdade dizendo a mesma coisa, a partir de pontos de vista um pouco diferentes.

Concluindo, o ser humano, começando por si mesmo, pode definir o problema filosófico da existência, mas não pode gerar por si mesmo a resposta e ao problema. A resposta a este problema da existência é que o Deus pessoal infinito e trino existe, e que o Deus pessoal infinito e trino não está em silêncio.

Capítulo £

A NECESSIDADE MORAL

Voltemos agora para a segunda área do pensamento filosófico, que é a do homem e o dilema do homem. Como vimos anteriormente, existem dois problemas concernentes ao homem e seu dilema. O primeiro deles é o fato de ele ser pessoal, diferente do não-humano, e ainda assim finito. Por ser finito, ele não tem um ponto de convergência suficiente em si mesmo. É Jean Paul Sartre novamente quem coloca que, se um ponto finito não tiver um ponto de referência infinito, torna-se sem sentido e absurdo.

Ainda apesar disto, o ser humano é diferente do não humano; ele é pessoal; ele tem a "hombridade" humana que o distingue do não-humano. Este é o primeiro problema: ele é diferente por causa de sua "hombridade" e ainda assim ele é finito. Ele não tem um ponto de convergência em si mesmo.

O segundo ponto acerca do homem e seu dilema é o que eu chamo de nobreza do homem. Podemos não gostar deste termo, por causa das suas associações românticas com o passado, mas continuamos diante da maravilha que é o homem; e, ao mesmo tempo, sua crueldade. Assim o homem mantém-se com tudo o que tem de admirável e toda a sua nobreza e, ao mesmo tempo, com a sua horrível crueldade que perpassa os percalços de toda a história humana.

Poderiamos expressá-lo ainda de outra maneira - o estranhamento do homem de si mesmo e de outros seres humanos no aspecto da moral. Isso já nos conduz à palavra moral. Até aqui, preocupamo-nos com o problema da metafísica, mas agora estamos penetrando o campo da moral.

Se deixarmos de lado a "resposta" que diz não haver respostas, no campo da razão, a primeira resposta que foi dada a este dilema da moral é (como no campo de metafísica) a origem impessoal. Como consideramos a finitude do homem e sua crueldade, poderia certamente parecer que estas coisas não são uma só, mas duas. A humanidade sempre pensou nestas coisas como sendo coisas diferentes. A finitude do homem é a sua

limitação; ele não consegue ser um ponto de referência suficiente para si mesmo. Mas sua crueldade sempre foi considerada como distinta de sua finitude. Entretanto, precisamos notar algo. Se aceitarmos a origem impessoal, acabaremos, no final, chegando ao ponto em que a finitude do homem e a sua crueldade tornam-se a mesma coisa. Esta é uma regra absoluta. Não importa de que tipo de impessoalidade nós partamos, se das partículas de energia do cientista moderno, ou do pantudismo do Oriente, ou da teologia neo-ortodoxa, certamente estas duas coisas fundem-se em um só problema. Se partirmos da origem impessoal, a moral não existe como moral propriamente dita; e a solução para a moral, certamente, acaba encontrando-se na asserção de que não há moral (não importa de que forma sofisticada isso possa ser expresso). Isso é verdade, quer partamos do panteísmo oriental, quer do panteísmo da nova teologia, ou então das partículas de energia. A partir da origem impessoal tudo, no final das contas, será indiferente no campo da moral. A mo-ral será somente uma outra forma de metafísica, de Ser. A moral desaparecerá, restando uma área filosófica somente, ao invés de duas.

Deixados neste ponto, poderemos falar do que seja antisocial, ou daquilo que a sociedade não aprecia, ou mesmo do que não aprecio, mas jamais poderemos nos referir a algo que seja definitivamente certo ou definitivamente errado. Se partirmos do impessoal, a alienação do homem, como ela se dá atualmente, somente será possível devido à casualidade; ele tornou-se algo desalinhado com o que o universo sempre foi - isto é, o impessoal. Assim, o dilema do homem, a tensão do homem, se partirmos do impessoal, nunca se encontrará no terreno da moral. Antes o homem foi desalinhado em relação ao universo, como este sempre foi e intrinsecamente é.

Supondo que o começo foi impessoal, o homem acabou, por acaso, tornando-se um ser com aspirações, incluindo ações morais para as quais não há realização completa no universo, como tal. O ser humano foi “desviado” por ter desenvolvido emoção ou senso moral, quando, na realidade, as mesmas não têm razão de ser em si no universo. Esta é a alienação cósmica fundamental, o dilema da nossa geração - Giacometti, com suas figuras estáticas, paradas, sempre alienadas de todas as outras e do espectador que as observa no museu. O problema de nossa geração é o

sentimento de alienação cósmica, inclusive no campo da moral. O ser humano tem um senso moral; ainda que no universo, como ele é, seu sentimento esteja completamente desalinhado com o que existe. Você podería perguntar-me por que eu uso o termo “senso moral”. Escolhi esta expressão simplesmente porque não estou me referindo a nenhuma norma específica. Estou falando do fato de que os seres humanos sempre sentiram que há uma diferença entre o certo e o errado. Todos os seres humanos têm senso moral. Em tempo algum você encontrará um único homem sem sinal disto. Não encontrará uma prostituta menor de idade nas ruas que não tenha nenhum tipo de senso moral. Não se pode encontrar o determinista, nenhum seguidor convicto da psicologia comportamentalista, sem senso moral, por mais que ele diga que não existe moral propriamente dita. Assim, encontramos pessoas com senso moral, o que, na realidade, só os conduz à alienação cósmica total, pois, se partimos do início impessoal, em um universo como ele é, não há lugar para uma moral propriamente dita. Não há padrão no universo que dê um sentido final a palavras como *certo* e *errado.* Se partirmos do impessoal, o universo toma-se totalmente silencioso, em relação a qualquer uma destas palavras.

Assim, para o panteísta, o que há de fundamentalmente equivocado ou tenso é a não aceitação da sua própria impessoalidade. Se observarmos todos aqueles lugares do Oriente em que o panteísmo se impôs de forma consistente, descobriremos que o erro final, o seu karma final, se quiser assim denominar, encon-tra-se no fato de que ele mesmo não aceitará a sua impessoalidade. Em outras palavras, ele não aceita quem ele é.

No pantudismo hindu, existe um sofisticado desenvolvimento do conceito de que não há grande diferença entre a crueldade e a não cmeldade. Podemos observar este fato claramente na pessoa de Kali. Nas representações hindus de Deus sempre há alguma figura feminina. Muitas vezes, as pessoas dizem que existe uma trindade no hinduísmo, porque há três faces diferentes aparentes num “baixo-relevo”. Mas é apenas porque estas pessoas não entendem que é apenas um baixo-relevo. Na verdade, há cinco faces numa representação hindu - quatro em volta, se a figura estiver totalmente exposta, e uma no topo, olhando para o alto, mesmo se você não a puder ver e mesmo quando ela não foi bem esculpida. Não há Trindade no hinduísmo. Não se trata de apenas três, mas de cinco faces, mas, o que é

mais importante, não se trata de pessoas, trata-se apenas de manifestações do deus final e impessoal. Mas uma das manifestações é sempre feminina, porque o feminino deve estar presente, da mesma forma que o masculino. Mas é interessante notar, que a feminina Kali sempre representa a destruidora. Ela sempre é representada com grandes dentes e crânios em torno de seu pescoço. Por que isso? Porque, afinal de contas, a crueldade tanto faz parte do que aí está quanto a não crueldade. Então, temos Vishnu empreendendo seus três passos construtivos, mas, do outro lado, você deve sempre ver Kali, aquela que derruba, aquela que des-trói, aquela que está pronta para devorar a sua carne e rasgá-lo em pedaços. A crueldade faz parte de tudo o que aí está da mesma forma que a não crueldade.

Por que a parte cruel é sempre feminina? Ninguém sabe, mas eu posso arriscar um palpite: isto é uma memória “pervertida” de Eva. Mitos normalmente vêm de algo - mas também tem algo de “pervertido”.

Eventualmente, se você examinar a teologia, da mesma forma que o panteísmo do Oriente, chegará a um ponto em que não se pode falar de certo e errado. No pantudismo religioso ocidental encontramos homens se esforçando para evitar esta conclusão e, de alguma forma, manter a distinção entre a crueldade e a não crueldade. Eles tentam esquivar-se do reconhecimento de que não há, em essência, qualquer sentido nas palavras *certo* e *errado.* Mas isto não lhes é possível. É como levar uma pedra morro acima. Começando pelo impessoal, embora alguém possa até usar os termos religiosos ou mesmo termos cristãos, não há absoluto final e não há categorias finais acerca do certo e do errado. Consequentemente, o que resta pode ser denominado de diferentes formas em diferentes culturas, mas tratar-se-á, contudo, somente de um termo relativo - algo social, estatístico, situacional - nada mais. Você poderá admitir situações, estatísticas, éticas - os padrões das médias - mas não poderá ter moralidade.

Finalmente, temos de entender, neste contexto, que estar certo faz tão pouco sentido quanto estar errado. A moral desaparece enquanto moral, e ficamos somente com a metafísica. Somos apenas pequenos contra os grandes; nada tem sentido em termos de certo e errado.

Estamos avançando rapidamente em direção a isto em nossa cultura moderna. Considere o conceito de Marshal McLuhan de que a democracia está acabada. O que teremos no lugar da democracia ou da moral? Ele diz que está chegando um tempo na aldeia global (que não está muito longe no campo da eletrônica), em que estaremos aptos a nos conectar a um computador gigante, e o que o computador determinar como sendo a média, em um determinado momento, será o certo e o errado. Você poderá dizer que eu estou exagerando e que nunca haverá um sistema de computação de extensão internacional como este. Acontece que o conceito de moral como sendo apenas a média entre o que as pessoas estão pensando e fazendo em determinado tempo é uma realidade presente. O leitor precisa entender que exatamente isto é o que Kinsey promoveu em *Sexual Behavior of the Human Male*, de 1948, com sua ética sexual estatística. Não estamos falando de teorias. Chegamos a este ponto em nossa cultura ocidental, porque o homem se vê como algo que se originou na impessoalidade, da partícula de energia e mais nada. Somos deixados somente com éticas estatísticas e, neste contexto, simplesmente não há nada que se possa denominar moral propriamente dita.

Se usarmos a linguagem religiosa, ao invés da secular, pode parecer que isso nos desvie um pouco do foco. Mas, quando investigamos o que há por trás das palavras religiosas, elas não têm mais sentido real do que a redução naturalista e/ou psicológica a condicionamentos e reflexos. Por trás da conotação religiosa das palavras, não encontraremos nada mais do que o mesmo problema que encontramos no mundo secular. O conceito de moral, enquanto moral, certamente desaparecerá. O homem que o expressou melhor do que qualquer um foi o Marquês de

Sade, com o seu determinismo químico, que simplesmente fez esta declaração: “O que é, certo é”. Quem admite uma origem impessoal não poderá objetar nada quanto a isto.

Façamos um resumo: se partirmos de uma origem impessoal, não haverá explicação possível para a complexidade do universo ou para a personalidade do homem. Como eu disse no capítulo anterior, não estou defendendo que o Cristianismo ofereça a melhor resposta, mas que, se partimos de uma origem impessoal, na verdade, você absolutamente não

terá resposta alguma para as questões metafísicas. O mesmo é verdadeiro no campo da moral. Se partirmos do impessoal, não importa como você denomine esta força impessoal, não restará sentido para a moral.

Considere a resposta diametralmente oposta - a que parte da origem pessoal. Com esta resposta, temos uma possibilidade de distinguir a moral da metafísica. Isto é muito profundo, por mais simples que possa soar. Enquanto a origem impessoal nos conduz a uma fusão entre moral e metafísica, a origem pessoal nos abre a possibilidade de manter estes campos separados. Em outras palavras, a finitude do homem pode ser separada de sua crueldade.

Entretanto, assim que dizemos isso, deparamos com uma questão séria. Se partirmos da origem pessoal e olharmos para o ser humano como é atualmente, como explicar o dilema da crueldade humana? Em que tipo de perspectiva podemos considerá-la?

Há duas possibilidades. A primeira é que o homem é hoje, com toda a sua crueldade, aquilo que ele sempre intrinseca-mente foi; é isso que o homem é. O símbolo *h.o.m.e.m* equivale a “aquele que é cruel” e os dois lados não podem ser separados. Mas, se for verdade que o homem sempre foi cruel, somos apresentados a dois problemas.

Gostaria de lidar com o primeiro deles de forma extensiva. Se o homem foi criado por um Deus pessoal infinito, como poderiamos escapar da conclusão de que o Deus pessoal que criou um ser humano cruel também não seja ele mesmo mal e cruel? É aí que entram em cena os pensadores franceses Charles Baudelaire e Albert Camus. Baudelaire, que foi um historiador de arte famoso, poeta e grande pensador, cunhou uma famosa frase: “Se Deus existe, ele é o diabo”. A princípio, os cristãos que acreditam na Bíblia provavelmente reagiriam de forma negativa a esta sentença. Por outro lado, após alguma reflexão, um verdadeiro cristão acabará concordando com Baudelaire que, se houvesse uma linha ininterrupta entre o que o homem é hoje e o que ele sempre foi intrinsecamente, então, se existe um Deus, então deve ser o diabo. Ainda que, enquanto cristãos, discordássemos definitivamente de Baudelaire, concordaríamos com esta conclusão - se partíssemos do seu pressuposto.

Camus lidou com o mesmo problema, mas de um ponto de vista um pouco diferente. Ele argumentava que, se existe um Deus, então não podemos lutar contra o mal social, pois, se o fizermos, estaremos lutando contra Deus, que fez o mundo como é. O que estes dois homens dizem é irrefutável, se aceitarmos a sua premissa básica de que o homem se encontra onde ele sempre se encontrou - de que tem havido uma continuidade da crueldade intrínseca.

A esta altura, há os que oferecem uma resposta seletiva no campo do irracionalismo. A primeira classe de respostas, tratada no primeiro capítulo, é a que diz que não haja respostas -tudo é, em última instância, caótico e irracional. Muito do que é religioso, especificamente na teologia liberal do Ocidente, acaba migrando para o campo do irracionalismo e diz que "não temos resposta para isto, mas nos deixe dar um passo de fé contra toda a razão e tudo o que é razoável, e dizer que Deus é bom". Este é o posicionamento da teologia liberal moderna, não importando se é da velha linha do liberalismo racional ou do pensamento barthiano. Mas isso deve ser visto como o que é: uma parte da resposta contra o caos e o irracionalismo.

Eu disse que as pessoas que argumentam que o irracionalismo seja a resposta sempre são seletivas acerca da altura em que se tornarão irracionais. Isto, sem dúvida, é o que acontece neste campo. De uma hora para a outra, aqueles que alegavam estar argumentando firmemente fincados na razão tornam-se irracionais, afirmando que só pode haver uma resposta irracional para a questão de como Deus pode ser bom. A teologia liberal moderna encontra-se firmemente fixada neste ponto de vista.

Examinemos este ponto com mais cuidado. Assim que o irracionalismo entra em cena, ele causa uma tensão em duas direções simultaneamente. Em primeiro lugar, haverá um movimento de resgate da razão. Como as pessoas argumentam que Deus é um Deus bom, contra toda a razão e racionalidade, algo nelas passa a ficar sob tensão. Conseqüentemente, os liberais que oferecem esta resposta frequentemente recaem na razão; e toda vez que eles assim procedem, perdem esta tão cegamente otimista resposta. Assim que reintroduzem a razão, a resposta otimista se vai, pois todo o otimismo concernente à bondade de Deus está embasado no irracionalismo. Se eles

recuam para a área da razão, recaem novamente no pessimismo - se há um Deus, ele deve ser um Deus mau. Nas palavras de Baudelaire, ele é o Diabo. À medida que há uma fuga para o irracionalismo neste ponto, há uma tendência de se recair no pessimismo.

A outra tensão que se instaura imediatamente quando as pessoas dão esta resposta é de cair na direção oposta - tomando tudo racional. A medida que assim procedem, elas perguntam onde vamos parar com isso? Elas tendem a dizer que talvez possamos apenas aceitar toda esta situação caótica irracional e decidir que não há sentido algum no uso das “divinas palavras” religiosas. A questão do irracionalismo não pode ser fechada, simplesmente dizendo que Deus é bom, contrariando toda a razão. Estas são duas tensões que se instauram assim que buscamos respostas irracionais para este ponto crucial.

O segundo problema inerente a esta situação é o seguinte: se dissermos que o homem em seu estado atual de crueldade é aquilo que sempre foi, e o que o homem intrinsecamente é, então, como pode haver qualquer esperança de mudança qualitativa do homem? Pode até haver uma mudança quantitativa -isto é, ele pode tornar-se um pouco menos cruel - mas nunca poderá haver uma alteração qualitativa. Se Deus fez o homem como ele o é atualmente, então é isto que o homem é enquanto ser humano. Assim, resta-nos o pessimismo no que se refere ao homem e suas ações. Estes são dois problemas que surgem, se tomamos o posicionamento de que o homem foi criado por um Deus pessoal (tendo uma origem pessoal e não uma origem impessoal) e que o homem sempre foi o que ele hoje é.

Entretanto, se houve uma origem pessoal do homem, se o homem foi criado por um Deus pessoal, há uma segunda possibilidade. Isto é, que o homem, como é agora, não é o que foi um dia; o homem está em descontinuidade com o que ele já foi um dia, em oposição a estar em continuidade com o que ele sempre foi. Ou, para expressá-lo de outra forma, o homem é hoje anormal - ele mudou.

Isto envolve mais uma outra questão e decisão: se Deus o alterou, ou o tornou anormal, então ele continua sendo um Deus mau e não resolvemos nada. Mas há uma outra possibilidade neste ponto: de que o homem pessoalmente criado por Deus transformou-se - que ele se encontra em um

ponto de descontinuidade e não de continuidade, não porque Deus o mudou, mas porque ele se mudou a si mesmo. O ser humano, por sua livre e espontânea vontade, não é o que ele intrinsecamente era. Neste caso, podemos entender que o homem é hoje cruel, mas que Deus não é um Deus mau. Este é precisamente o posicionamento judaico-cristão.

Consideramos todas as outras possibilidades filosóficas e vimos para onde elas nos levaram em cada caso. Agora, chega-mos a uma outra possibilidade, o posicionamento judaico-cris-tão. Houve uma mudança espaço-temporal e histórica com o homem. Quando ele assim procedeu, ele tornou-se algo que ele não era anteriormente e o dilema do homem tornou-se um problema verdadeiramente moral, ao invés de uma questão meramente metafísica. O ser humano, em certo ponto da história, mudou a si mesmo e, desde então, encontra-se em toda a sua crueldade em descontinuidade com o que ele era, e temos uma situação realmente moral: a moral existe. Tudo depende do fato de que o homem é hoje anormal, em comparação com o que ele originalmente era.

A diferença entre o pensador cristão e o filósofo não-cristão tem sido gritante neste ponto. O filósofo não-cristão diz que o homem está em condições normais hoje, mas o Cristianismo bíblico diz que o homem encontra-se em um estado anormal. É interessante notar neste sentido que o "Heidegger tardio" reconheceu que você não pode levantar respostas finais, se você disser que o homem sempre foi o que ele é hoje; com seu estilo próprio, ele está dizendo que o homem encontra-se em estado anormal. Mas ele propôs também um tipo muito diferente de anormalidade, de uma anormalidade epistemológica, como em Aristóteles. Isto não forneceu resposta real ao problema, mas é intrigante observar que Heidegger, talvez o maior dos filósofos não-cristãos modernos, viu que assumir que o homem se encontra em estado normal leva a um beco sem saída.

Quando chegamos à resposta cristã, entretanto - isto é, que o homem é anormal hoje, porque em certo ponto da história espaço-temporal, ele mudou a si mesmo (não no sentido epistemológico, mas moral) - imediatamente surgem quatro consequências.

1. Podemos explicar o fato de que o homem seja cruel hoje, sem Deus ser um Deus mau.

2. Há uma esperança de uma solução para este problema moral que não é intrínseco à “hombridade” do homem. Se esta crueldade fosse intrínseca à “hombridade” do homem - se o homem sempre tivesse sido assim - então não haverí a esperança de solução. Mas, se isso é uma anormalidade, há uma esperança de solução. É neste contexto que a morte substitutiva e propiciatória de Cristo deixa de ser um conceito incompreensível. Na teologia liberal, a morte de Cristo é sempre uma palavra incompreensivelmente divina. Mas, quando chegamos ao contexto que chegamos, a morte substitutiva de Cristo passa a fazer sentido. Não se trata meramente de palavras divinas ou de uma coisa do outro mundo ou existencial. Tem um sólido significado. Podemos cultivar esperanças de uma solução quanto ao homem, se partirmos do pressuposto de que o homem encontra-se em condições anormais agora.

3. Com base nisto, podemos ter uma razão adequada para lutar contra o mal, inclusive o mal e a injustiça social. O homem moderno não tem um fundamento real para lutar contra o mal, porque para ele o homem está em condições normais -não importando se ele parte do pantudismo oriental, da teologia liberal moderna ou do pantudismo de tudo ser reduzido (incluindo o homem) a simples partículas de energia. Mas o cristão tem uma boa base - na qual ele pode lutar contra o mal, sem ter que lutar contra Deus. Ele tem a solução para o problema de Camus: nós podemos lutar contra o mal, sem ter que lutar contra Deus, porque Deus não fez as coisas como elas são hoje -como o homem as tornou, devido à sua crueldade. Deus não fez o homem cruel e não foi ele que gerou os resultados da crueldade do homem. Estes são anormais, contrários ao que Deus fez, e assim, podemos lutar contra o mal, sem lutarmos contra Deus.

Em um outro de meus livros, citei o que Jesus fez no túmulo de Lázaro. Aquele que reivindicava ser Deus postou-se diante do túmulo; a versão grega deixa bem claro que ele teve duas emoções. A primeira foi de lágrimas por Lázaro, mas a segunda emoção foi de ódio. Ele estava furioso; e ele podia ficar muito

furioso com a anormalidade da morte, sem ficar furioso consigo mesmo enquanto Deus. Isso é tremendo no contexto do século 20. Quando eu olho para o mal - a crueldade anormal com o que Deus fez - minha reação deveria ser a mesma. Estarei em condições não apenas de chorar por causa do mal, mas também de ficar furioso com o mal - desde que tenha cuidado de evitar que o mal entre na minha reação. Tenho um bom fundamento para lutar contra o que é anormal em relação ao que Deus criou originalmente.

Os cristãos deveríam estar na linha de frente, lutando pelos resultados da crueldade do homem, porque sabemos que não é isso que Deus fez. Podemos ficar furiosos diante das consequências da crueldade humana, sem ficarmos com raiva de Deus ou ficarmos com raiva do que é normal.

4. Podemos ter verdadeira moral e absolutos morais, pois Deus é absolutamente bom. Há uma exclusão total do mal de Deus. O caráter de Deus é a moral absoluta do universo. Platão estava inteiramente certo ao sustentar que, se não houver absolutos, não haverá moral. Aí está a resposta completa ao dilema de Platão; ele gastou todo o seu tempo tentando encontrar um lugar para fixar seus absolutos, mas ele nunca foi capaz de o fazer, pois seus deuses não eram o suficiente. Mas temos o Deus pessoal infinito, que tem o caráter do qual todo o mal é excluído, e o seu caráter é o absoluto moral do universo.

Não é que exista um absoluto moral anterior a Deus que dita as regras a Deus e aos homens, pois a coisa “mais anterior” é sempre, no final das contas, Deus. Desta forma, é o próprio Deus e seu caráter quem é o absoluto moral do universo.

Mais uma vez, como na área da metafísica, temos que compreender que essa não é simplesmente a melhor resposta - trata-se da única resposta em termos de moral. A única resposta no campo da moral, como moral verdadeira (incluindo o problema do mal social), está intimamente relacionada ao fato de que Deus existe. Se Deus não existisse (não apenas a palavra Deus, mas Deus mesmo, em pessoa, está objetivamente aí - o Deus das Escrituras judaico-cristãs), não haverία resposta nenhuma para o problema do mal e da moral. Mais uma vez, não é apenas necessário que ele exista, mas que ele não esteja em silêncio. Há uma necessidade filosófica, tanto na metafísica, quanto na moral, de que ele exista e de que ele não

esteja em silêncio. Ele falou, em forma verbalizada, proposicional, e ele contou-nos tudo acerca do seu caráter.

Os evangélicos muitas vezes cometem um grave erro hoje em dia. Sem o saber, eles passam a adotar uma posição bastante fraca. Eles muitas vezes agradecem a Deus em suas orações pela revelação que temos de Deüs em Cristo. Isso é bom, sem dúvida, e é maravilhoso o fato de termos uma revelação factual de Deus em Cristo. Mas ouço bem poucos agradecimentos dos lábios dos evangélicos de hoje pela revelação proposicional na forma verbalizada que temos nas Escrituras. De fato, Deus não deve somente existir, mas ele também deve ter falado. Deve ter falado de forma muito mais do que meramente apelativa para experiências extraordinárias e emocionais. Necessitamos fatos proposicionais. Precisamos saber quem ele é, e qual o seu caráter, porque seu caráter é a lei do universo. Ele nos contou tudo acerca do seu caráter, e esta se tornou a nossa lei moral, nosso padrão moral. Não se trata de algo arbitrário, pois está firmado em Deus mesmo, no que sempre foi. Trata-se precisamente do oposto do que é relativo. Ou é isso, ou a moral não é

moral. Ela se tornará simples médias sociométricas ou padrões

/

arbitrários impostos pela sociedade, o Estado ou uma elite. E um ou outro.

É importante lembrar que não é impróprio para o homem fazer estas perguntas concernentes à metafísica e à moral. E os cristãos devem destacar que não há resposta a estas questões, a não ser que Deus exista e de que ele não esteja em silêncio. Os estudantes ou quaisquer outros jovens não devem ser levados a se calarem quando apresentam estas questões. Eles estão certos em fazê-las, mas nós devemos deixar claro a eles que não se trata de respostas hipotéticas; as respostas cristãs são as únicas respostas possíveis. É isto ou nada.

Mas, se é assim, então o ser humano não é metafisicamente pequeno apenas, mas é de fato moralmente culpado. Ele carrega em si uma culpa moral verdadeira e ele necessita de uma solução para ela. Como eu disse anteriormente, é aqui que se torna necessária e se encaixa a morte

substitutiva e propiciatória de Cristo. Esta morte deve ser totalmente substitutiva e redentora, ou não teria sentido. Não há nada de errado em o homem ser metafisicamente pequeno, em ser finito. Foi assim que Deus o fez no início. Mas necessitamos uma solução para a nossa culpa moral verdadeira diante do Deus absolutamente bom que aí existe. Esta é nossa necessidade.[1]

Finalmente, como no campo da metafísica, precisamos frisar que a resposta nunca pode encontrar-se na palavra Deus; ela não dá conta. O homem moderno está tentando encontrar respostas apenas na palavra Deus, em palavras divinas. Isso vale tanto para a nova teologia, a seita hippie, e algumas das “pessoas de Jesus” de alguns anos atrás. Mas a resposta não está no uso da palavra, mas no seu conteúdo: o que Deus nos disse em relação a si mesmo, como sendo um Deus pessoal infinito e a verdadeira Trindade.

No campo da moral, não temos nenhuma destas respostas, a não ser que partamos de uma verdadeira, espaço-temporal, histórica *Queda.* Existiu um período anterior à queda, e então, o homem desviou-se do seu ponto de integração apropriado, por sua escolha; e, assim procedendo, houve uma descontinuidade moral - o homem tornou-se anormal. Remova estes fatos e a resposta cristã às questões da moral se vai. Freqüentemente encontro evangélicos levando a primeira parte do Gênesis na brincadeira. Mas o fato é que, se desprezarmos a Queda verdadeira, espaço-temporal e histórica, as respostas deixarão de existir. Não se trata apenas de uma extinção do Cristianismo histórico e bíblico, como se coloca na corrente da história, mas toda e qualquer resposta que possamos ter para o homem e o seu dilema moral, também estará extinta.

Capítulo 3

A NECESSIDADE EPISTEMOLÓGICA: O PROBLEMA

A epistemologia é a teoria do método ou bases do conhecimento - a teoria do conhecimento, ou de como chegamos a conhecer, ou de como podemos ter certeza de que conhecemos. A epistemologia é o problema central da nossa geração; de fato, o assim chamado “conflito de gerações” é, na verdade, um conflito epistemológico, simplesmente porque a geração atual olha para o conhecimento de uma forma radicalmente diferente das anteriores. Eu tratei das razões desse fato em certa extensão em dois livros anteriores[1], de modo que eu estarei agora me limitando a tocar nas minhas pesquisas acerca de Tomás de Aquino e o dilema levantado pelo desenvolvimento gradual e a extensão de suas afirmações. Gostaria de começar voltando para muito antes: para o tempo dos grandes filósofos gregos.

Os filósofos gregos empenharam muito tempo lutando com este problema do conhecimento, e o que mais se envolveu com ele, com maior sensibilidade, foi Platão. Ele compreendeu o problema básico, que é o que se encontra no campo do conhecimento, bem como no campo da moral, de que deve haver mais particulares, se quisermos que haja sentido. No campo do conhecimento, temos particulares, pelas quais nos referimos às “coisas” individuais que vemos no mundo. Em qualquer momento estaremos deparando com milhares, de fato, literalmente milhões de particulares, num só piscar de olhos sobre a realidade. O que são os universais que atribuem sentido a estes particulares? Eis o cerne do problema epistemológico e do problema do saber.

Um problema relacionado aparece na nossa aprendizagem. Por exemplo, para nos referirmos a maçãs, poderiamos muito bem relacionar as diferentes variedades toda vez que delas falássemos, e mencionaríamos duzentas ou trezentas espécies diferentes. Mas, na prática, reunimos todas elas sob a palavra *maçã* e, assim, obtemos uma compreensão maior do que estamos observando e do que estamos falando. Estamos todos envolvidos em uma progressão de particulares para universais.

O mesmo ocorre com a ciência. A ciência olha para particulares, tentando formular leis que dêem conta de um número suficiente deles para vermos as associações e compreendê-las adequadamente. As “superleis” (por exemplo, do eletromagnetismo ou da gravidade) são leis que vão além, buscando reduzir todos os particulares do universo material ao menor número possível de universais. Assim, não importa se estamos falando de maçãs ou sobre a ciência; em nosso aprendizado, estamos constantemente movendo-nos de particulares para universais.

Não é apenas uma questão linguística; é a forma como conhecemos. Não é mera teoria abstrata, ou algum tipo de escolasticismo, mas a própria substância de como realmente sabemos, e de como sabemos que sabemos. Os filósofos gregos, especialmente Platão, estavam em busca de universais capazes de dar sentido aos particulares.

Podemos compreender isto muito facilmente no campo da moral. No capítulo anterior, eu tratei do fato de que, no campo da moral, necessitamos universais (absolutos), se quisermos determinar o que é certo e o que é errado. Sem universais, o conceito moderno é, em última instância, sociológico: basta ter acesso às estatísticas da opinião pública de certo e de errado, e a maioria determina as questões morais. Ou então, podemos pensar em uma elite levantando-se para nos dizer o que é certo e o que é errado. Mas ambos os tipos de abordagem são tão somente uma questão de média aritmética. Os gregos entendiam que, se quisermos realmente saber o que é certo e o que é errado, temos de ter um universal que cubra todos os particulares.

Agora, enquanto podemos ver isso mais facilmente no campo da moral, na realidade é muito mais importante no campo do conhecimento. Como podemos encontrar universais que sejam amplos o suficiente para dar conta dos particulares, de modo que possamos saber que sabemos? Platão, por exemplo, promoveu o conceito de ideais capazes de providenciar a universalidade necessária. Pensemos, por exemplo, nas cadeiras: digamos que há em algum alugar uma cadeira ideal, e que esta cadeira ideal tem sentido somente em relação à cadeira ideal e não a uma cadeira em particular. Então, quando usamos a palavra cadeira, não há sentido que vá além do nosso acúmulo dos particulares acerca das cadeiras. Não haverí a

cadeiras fora deste universal ou além do conceito atribuído à cadeira "ideal". Qualquer coisa fora disso não é uma cadeira.

Do paralelo no campo da moral, podemos compreender o problema do conhecimento, do saber, da certeza. Os gregos pensavam em duas formas de tentar chegar a isso. Uma foi o senso da *polis.* A palavra *polis* significa simplesmente "cidade", mas no pensamento grego a polis tem um sentido que vai além daquele de mera cidade geográfica. Ela tem a ver com a estrutura da sociedade. Alguns gregos faziam uma idéia de que a polis, a sociedade, podería suprir o universal. Mas os gregos eram sábios o suficiente para reconhecer que isto era insatisfatório, pois, neste caso, voltaríamos aos cinqüenta e um por cento de votos ou ao conceito da pequena elite. Então acabaríamos indo parar nos reis filósofos de Platão, por exemplo. Mas isto também seria limitado. Mesmo se escolhéssemos apenas reis filósofos na polis, certamente eles não estariam em condições de fornecer um universal capaz de dar conta de todos os particulares.

Assim, o próximo passo foi voltar aos deuses, baseados em que os deuses têm a dar algo mais do que a polis é capaz de oferecer. Mas a dificuldade é que os deuses gregos (e isso inclui os deuses de Platão) eram simplesmente inadequados. Eles eram deuses pessoais - em contraste com os deuses orientais, que incluem tudo e são impessoais - mas eles não eram grandes o bastante. Consequentemente, o problema permaneceu não resolvido para os gregos.

Da mesma forma como a sociedade não resolveu o problema porque não era grande o suficiente, assim também não o resolveram os deuses, por não serem suficientemente grandes. Os deuses lutavam entre si e cultivavam as suas diferenças sobre uma série de trivialidades. Todos os deuses clássicos juntos não teriam sido realmente suficientes; a razão é que, como vimos no capítulo anterior, no conceito de destino da literatura grega, nunca se sabe com certeza, se os destinos são controlados pelos deuses ou se os destinos controlam os deuses. Será que os destinos são simples veículos da ação dos deuses, ou os destinos estão por trás dos deuses, manipulando-os? Há uma confusão constante entre os destinos e os deuses quanto ao controle final. Isto mostra a compreensão profunda dos gregos de que os seus deuses simplesmente não eram adequados: eles não eram suficientemente grandes

quanto aos destinos, e eles não eram suficientemente grandes quanto ao conhecimento. Assim, embora Platão e os gregos compreendessem a necessidade de encontrar um universal e vissem que, a menos que houvesse um universal, nada voltaria a resolver-se satisfatoriamente, e eles nunca encontrariam um lugar do qual o universal pudesse proceder - seja da polis, seja dos deuses.

Tomás de Aquino abordou o dilema da filosofia grega. Antes de seu tempo, o mundo bizantino não teve real interesse nos particulares. Devemos a Tomás de Aquino o fato de que, devido à sua visão, a natureza voltou a adquirir importância no pensamento humano.

Gradualmente, à medida que as visões enfáticas de Tomás de Aquino se expandiam (como eu frisei em *Escape From, Reason*), estas visões começaram a ser compreendidas e disseminadas no campo das artes. Cimabue (1240-1302), por exemplo, começou a pintar em um estilo diferente. Em seguida, Dante (1265-1321) começou a escrever de forma diferente. A natureza teve sua ênfase. Por outro lado, também surgiu uma crescente tensão entre a natureza e a graça. Na natureza temos os homens, a causa natural e efeito influenciando o mundo; na graça, temos as forças celestiais, e como estas forças invisív ;is podem afetar o mundo. Na natureza você terá o corpo; na graça, temos a alma. Mas, de alguma forma, acabamos aterrissando no problema de particulares e universais. Na natureza temos os particulares; na graça, temos o universal. Estes homens, Cimabue, Dante e outros, como Giotto (1267-1337), que os seguiram, começaram a enfatizar a natureza. Isto é certamente positivo, como dizíamos, mas aí está o problema. O que há de positivo é o fato de que a natureza foi restabelecida e novamente enfatizada no pensamento do homem; mas há um fator que foi destrutivo. Eles estavam tornando os particulares autônomos, perdendo assim o universal que conferia sentido aos particulares.

Conforme frisei em meus livros anteriores, há aqui um princípio: se a natureza ou seus particulares são autônomos em relação a Deus, então a natureza está tragando a graça. Ou poderiamos expressá-lo da seguinte forma: tudo o que nos resta são particulares, e os universais acabarão se perdendo não apenas no sentido moral (o que já seria suficientemente

ruim), mas também no campo do conhecimento. Podemos observar aqui a ten-dência do homem moderno e seu cinismo. Foi aí que tudo começou. Fomos relegados às massas de particulares, mas não temos nenhuma forma de reuni-los. Então, achamos que, a esta altura, a natureza está tragando a graça no campo da moral, ou

até mais basicamente, no campo da epistemologia também.

✓ *t*

E aqui que Leonardo da Vinci torna-se importante. Ele foi o primeiro matemático moderno, e ele realmente entendeu este dilema. Não estou projetando nele o nosso dilema do cinismo moderno. Ele realmente entendeu isso. Ele compreendeu onde o homem racionalista chegaria com a passagem de todas estas centenas de anos entre ele e o homem moderno, se o homem falhasse em encontrar a solução. Isto é o que um verdadeiro gênio é - alguém com uma compreensão à frente do seu tempo -e Leonardo da Vinci realmente compreendeu. Ele entendeu que, se você parte de uma base racionalista - do homem partindo exclusivamente de si mesmo, sem nenhum conhecimento externo - terá somente matemática, particulares e acabará apenas com a mecânica. Em outras palavras, ele estava tão à frente do seu tempo que compreendeu o fato de que tudo acabaria sendo reduzido a uma máquina e não haverí a mais universais ou qualquer sentido. Os universais seriam extintos. Assim, Leonardo realmente tomou-se muito semelhante ao homem moderno. Ele disse que nós deveriamos tentar pintar os universais. Isso está realmente muito próximo do conceito moderno da experiência “superior”. Assim ele pintou, pintou e pintou, tentando retratar os universais. Ele tentou pintar o universal, da mesma forma como Platão teve a idéia de que, se realmente quisermos obter conhecimento de cadeiras é necessário haver uma cadeira ideal em algum lugar, que englobe todos os tipos de cadeiras. Leonardo, que foi um neoplatônico, entendeu isto, e disse “deixe o homem produzir os universais”. Mas que tipo de homem?
O homem matemático? Não, não o homem matemático, mas os pintores. Os homens sensíveis. Assim Leonardo é um pensador essencial no campo da epistemologia humanista.

Neste ponto eu estabeleci em *Escape From Reason* uma diferença entre o que eu chamo de “ciência moderna” e “moderna ciência moderna”.

Em meus livros anteriores, eu me referi a Whitehead e Oppenheimer, dois cientistas - nenhum deles cristão - os quais insistiam que a ciência moderna não poderia ter nascido em qualquer outro lugar que não fosse o meio cristão, Perdoem-me se insisto em repeti-lo, mas eu gostaria de, neste livro, dar um passo adiante para a área do conhecimento. Como Whitehead o destacou de forma tão bela, os primeiros cientistas acreditavam que o universo foi criado por um Deus razoável e é por isso que o universo pode ser investigado pela razão. Esta era sua base. No nascer da ciência moderna, os cientistas eram homens que acreditavam na uniformidade das causas naturais em um sistema limitado ou aberto, um sistema que poderia ser reordenado por Deus e transformado pelo homem feito à imagem de Deus. Este é o sistema de causa e efeito em uma extensão de tempo limitada. Mas, desde os tempos de Newton (não de Newton mesmo, mas dos newtonianos que o seguiram), temos o conceito da “máquina” estendido até que nos reste somente a máquina. É neste ponto que passamos para a “moderna ciência moderna”, na qual temos a uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, que inclui a sociologia e a psicologia. O homem está incluso na máquina. Este é o mundo em que vivemos no campo da ciência. A medida que não acreditamos mais que eles possam ter certeza de que o universo seja razoável, porque foi criado por um Deus razoável, levanta-se a questão que Leonardo da Vinci já havia entendido e que os gregos já haviam compreendido antes dele: “Como o cientista sabe? Com base em que ele pode saber que o que ele sabe ele de fato sabe?”

Assim, o racionalismo desenvolveu para isso o conceito epistemológico de positivismo. O positivismo é a teoria do conhecimento que assume que conhecemos fatos e objetos com total objetividade. O “cientificismo” moderno foi construído sobre esta base.

Trata-se de um conceito realmente romântico e, enquanto ele manteve o seu domínio, homens racionalistas ergueram-se nos altares do seu orgulho. Ele se baseava na concepção de que, sem qualquer universal servindo de ponto de partida, os homens finitos seriam capazes de alcançar estes universais

com suas mentes finitas e compreender conhecimentos verdadeiros suficientes para criar universais, a partir de particulares.

Jean-Jacques Rousseau foi importantíssimo neste ponto, porque ele mudou a formulação de “natureza e graça” para “natureza e liberdade” - liberdade absoluta. Rousseau e os homens em seu redor viram que no campo de “natureza” tudo se transformou em máquina. Ao “superior” eles adicionaram outra coisa - a liberdade absoluta. No sentido de liberdade absoluta do “superior”, o homem não apenas devia ser “amarrado” pela revelação, mas também não estaria “amarrado” pela sociedade, e nem pela polis. Este conceito de liberdade autônomo fica claro em Gauguin, o pintor. Ele estava se livrando de todas as restrições - não apenas das restrições de Deus, mas também das restrições da polis, que para Gauguin resumia-se à cultura altamente desenvolvida da França. Ele deixou a França e foi para o Taiti, livrar-se da cultura.'Agindo assim, ele colocou em prática o ideal do bom-selvagem que Jean Jacques Rousseau havia desenvolvido anteriormente. Livre-se dos controles, livre-se da polis, livre-se de Deus e dos deuses e, então, você estará livre. Infelizmente - ainda que nada surpreendente - o resultado não foi o esperado.

O que temos aqui é uma liberdade destrutiva, não apenas no campo da moral (embora ela se manifeste muito rapidamente na moral, especialmente rápido, talvez, por meio da anarquia sexual), mas na área do conhecimento também. Na metafísica, no campo do Ser, bem como da moral, devemos viver na liberdade absoluta. Mas então vem o dilema: como você sabe e como você sabe que você sabe?

Poderiamos imaginar os gregos, Leonardo da Vinci e todos os neoplatônicos nos tempos do alto Renascimento entrando e perguntando a Rousseau e seus seguidores, “Vocês não vêem o que fizeram? Onde estão os universais? Como vocês saberão? Como vocês construirão todos os universais suficientes a partir de particulares, até mesmo para que a sociedade funcione, deixada sozinha para construir conhecimento verdadeiro, e como terão o conhecimento de que realmente conhecem, e como terão a certeza que vocês conhecem?”

Na realidade, há apenas um passo entre um homem como Gauguin e a cultura hippie dos anos 60 - ou melhor, e toda a cultura moderna. De certa

forma há um parêntesis do tempo de Rousseau até o nascimento da cultura hippie e toda a cultura moderna fundada sob a perspectiva de que não há universais em lugar algum - de que o homem está total e hedonistica-mente livre, não apenas moralmente, mas também no campo do conhecimento. Podemos facilmente reconhecer a confusão moral que resultou disto, mas a confusão epistemológica foi pior. Se não há universais, como podemos conhecer a realidade, a partir do que não é real? Chegamos aqui precisamente no cerne do problema do homem moderno, como eu explicarei mais adiante.

Retomemos agora o período imediatamente após Rousseau, a época de Immanuel Kant e Hegel, que alteraram todo o conceito de epistemologia. Antes disso, na epistemologia, o homem sempre pensou em termos de antítese: isto é, todos nós aprendemos que “A é A” e que “A não é não-A”. Estes são os primeiros passos da lógica clássica. Em outras palavras, de acordo com a antítese, se algo é verdadeiro, então o seu oposto não é verdadeiro. Você pode estabelecer uma antítese. Esta é a metodologia da epistemologia clássica, do saber. Mas Hegel via que a antítese nunca se deu bem em uma base racionalista; então ele propôs a mudança de metodologia. Nesta posição, todas as coisas são relativizadas. Ao invés de lidar com antíteses, o que nos restam são sínteses. Isto forma um triângulo: cada coisa é uma tese, que gera uma antítese, e a resposta a ela é sempre uma síntese. Todo o mundo mudou na área da moral e da ciência política, mas ele mudou mais profundamente, ainda que menos obviamente, na área do próprio conhecimento. Isto mudou toda a teoria de como conhecemos.

Em meus livros eu passo para Kierkegaard, cujo pensamento levou isso a um passo além. Os que o seguiram estabeleceram uma dicotomia absoluta entre a razão e a não-razão. O kierke-gaardismo, que se desdobrou a partir dos seus ensinamentos, ensina que o que daria sentido está sempre separado da razão. A razão só leva ao conhecimento do “inferior”, que é o conhecimento matemático sem sentido, mas, no “superior”, você espera encontrar um sentido não-racional para os particulares.

Tudo isso flui do ensino destes quatro homens - Rousseau, Kant, Hegel e Kierkegaard - e do seu pensamento na área da epistemologia. De Hegel para

frente, este tipo de pensamento substituiu a antítese pela síntese, colocando toda a teoria do conhecimento de cabeça para baixo.

Os ensinamentos de Kierkegaard foram incrementados pelo existencialismo secular e religioso. O existencialismo secular assumiu três formas: o francês (Jean Paul Sartre e Camus), o alemão (Heidegger) e o suíço (Karl Jaspers, também alemão, mas viveu na Suíça). As distinções entre as formas de existencialismo não mudam o fato de que se trata do mesmo sistema, ainda que aquele racionalismo tenha diferentes expressões nestes diferentes homens, ou seja, levar apenas a algo absurdo em cada área, incluindo a do conhecimento. Na verdade, não somente incluindo o conhecimento, mas antes de tudo o conhecimento - principalmente o conhecimento. Para estes homens, enquanto racionalistas, o conhecimento que podemos obter com a nossa razão é apenas uma fórmula matemática, na qual o homem é apenas uma máquina. Ao invés da razão, eles esperam encontrar algum tipo de experiência mística do "superior", fora da razão, capaz de providenciar um universal.

Podemos aqui sentir toda a corrente do movimento hippie e a cultura da droga dos anos 60. Ela está muito presente conosco nos anos 80. O homem espera encontrar algo dentro de sua mente, pois ele não pode saber com certeza que há qualquer coisa "lá fora". Estou convencido de que o conflito de gerações encontra-se basicamente no campo da epistemologia. Antes, o homem tinha uma romântica esperança de que, com base no racionalismo, ele iria se tornar capaz de encontrar um sentido para a vida, e colocar os universais acima das particularidades. Mas, neste tempo de Rousseau, Kant, Hegel e Kierkegaard, tal esperança não mais existe; abriu-se mão da esperança. As pessoas de hoje vivem em uma geração que não acredita mais na esperança da verdade enquanto verdade. Eis porque eu utilizo a expressão "verdadeira verdade" em meus livros, para enfatizar a verdade real. Não se trata de mera tautologia. Trata-se de admitir que a palavra verdade agora quer dizer algo que, antes destes quatro homens, não teria sido considerada verdade de forma alguma. Por isso eu cunhei a expressão "verdadeira verdade" para dar conta deste ponto, mas é duro torná-la afiada o suficiente para que as pessoas entendam a amplitude do problema.

A racionalidade é vista como algo que leva ao pessimismo. Podemos ter conhecimentos matemáticos, mas o homem é apenas uma máquina e qualquer tipo de otimismo que possamos ter em relação ao sentido teria que se encontrar no campo do não-racional, do “superior”. Assim, a racionalidade, incluindo a ciência moderna, levará apenas ao pessimismo. O homem é apenas máquina; o homem é apenas um zero, e nada tem qualquer sentido final. Eu sou um nada - apenas um particular entre milhares de particulares. Nenhum particular tem sentido, e especificamente o homem não tem sentido - especificamente a particularidade do meu eu. Eu não tenho sentido; eu morro; o homem está morto. Se as pessoas se assustam, quando são tratadas como dados de computador, é por uma razão não outra que esta.

Assim, o homem dá a sua volta por cima, para o “superior” de todo o tipo de misticismo no campo do conhecimento - e estes são misticismos, porque se encontram separados de toda racionalidade. Este é um misticismo como nenhum misticismo anterior. Os misticismos anteriores sempre partiram do pressuposto de que alguém estava aí. Mas os misticismos do homem moderno são misticismos semânticos, lidando apenas com palavras; eles não têm nada a ver com qualquer coisa que possa existir, mas se preocupam simplesmente com algo que está na sua própria cabeça, ou na linguagem, de uma forma ou de outra. O consumo idealista de drogas nos anos 60 começou como uma forma de tentar encontrar o sentido dentro de nossas cabeças.

A situação atual é uma situação que nos leva, no campo do racional, a fórmulas matemáticas e ao homem como máquina e, no campo do não-racional, a todos os tipos de misticismos irracionais.

Agora temos que voltar a nossa atenção novamente para o positivismo do “andar de baixo”. Esta foi a grande esperança do homem racionalista, mas gradualmente o positivismo morreu. Lembro-me de que, quando ministrei meu primeiro seminário em Oxford e Cambridge, tive que rapidamente adaptar-me entre as duas grandes universidades, pois em Oxford eles ainda estavam ensinando o positivismo lógico, enquanto em Cambridge só se falava em análise lingüística. Gradativamente o positivismo morria. Para um estudo detalhado sobre o porquê de isto ter ocorrido eu recomendaria a

obra de Michael Polanyi *Personal Knowledge, an Introduction to Post-Critical*

Philosophy. Polanyi é um nome que dificilmente aparece na imprensa popular e é desconhecido de muitos, mas ele foi um dos pensadores dominantes no mundo intelectual. O seu livro mostra porque o positivismo não é uma epistemologia suficiente, e por que a esperança da ciência moderna, de ter algum conhecimento exato, está fadada ao fracasso. De fato, provavelmente não haverá uma só cadeira de filosofia, de importância no mundo de hoje, que ensine o positivismo. Ele continua sendo defendido pelo cientista ingênuo que, com um sorriso alegre em seu rosto, está construindo sobre alicerces que já não existem.

Agora precisamos perceber onde chegamos. Os primeiros de uma série de filósofos modernos, Copérnico, Galileu e até Newton e Faraday (como Whitehead o destacava) tiveram a coragem de dar início à formulação da ciência moderna, porque eles acreditavam em um universo criado por um Deus razoável, e, por isso, foi possível descobrir a verdade sobre o universo através da razão. Mas, quando chegamos à ciência naturalista, tudo isso é destruído; o positivismo foi colocado como base do conhecimento pelos primeiros cientistas modernos. Mas, agora, o próprio positivismo estava sendo destruído.

Polanyi argumenta que o positivismo é inadequado porque este sistema não considera o conhecedor do que é conhecido. Ele age como se o conhecedor pudesse ser ignorado - como se o conhecedor soubesse, sem realmente existir. Ou pode-se dizer até que o positivismo não leva em conta as teorias ou pressupostos dos conhecedores. Isto é, o positivismo parte do pressuposto que o conhecedor aproxima-se de tudo, sem quaisquer pressupostos, sem qualquer sistema de referenciais que sustentem seu conhecimento.

Mas aí está o dilema, como Polanyi nos mostra, porque isto simplesmente não é verdade. Não há cientista que apóie o posicionamento positivista e que não sustente o seu conhecimento a partir de um sistema de referenciais - uma teoria ou visão de mundo por meio da qual ele veja e descubra as coisas. A idéia de que haja um observador totalmente inocente,

totalmente objetivo é totalmente pueril. E a ciência não pode existir sem um observador.

Quando eu era mais jovem, dizia-se que a ciência é completamente objetiva. Então, há alguns anos em Oxford, começou-se a insistir que isso não é verdade; não há algo como ciência sem que haja um observador. O observador planeja um experimento, o observador o observa, e o observador tira as conclusões. Polanyi diz que o observador nunca é neutro; ele tem sempre um sistema de referenciais, ele tem pressupostos pelos quais sustenta as coisas que descobre.

Eu iria um passo além. Sempre insisti que o positivismo tem um problema ainda mais básico. Temos sempre que julgar o sistema em sua própria estrutura total. Dentro do positivismo como uma estrutura total, não há nenhuma forma de dizer que qualquer coisa exista com certeza. Dentro do próprio sistema do positivismo, pela própria natureza do caso, você simplesmente começa de forma descoberta, a partir do nada. Você não tem razões para saber que os dados são dados, ou que aquilo que está o alcançando sejam dados. O próprio sistema do positivismo não lhe dá certeza de que algo exista, ou de que, realmente, para início de conversa, haja aí alguma realidade, alguma diferença entre realidade e fantasia.

Há aí um problema além deste. O positivismo não apenas não sabe com certeza que qualquer coisa exista, mas, mesmo se existir, ele não tem razão para pensar que ele sabe qualquer coisa verdadeiramente, nem mesmo qualquer coisa perto da verdade. Não há qualquer razão dentro do sistema para se ter certeza que há uma correlação entre o observador - isto é, o sujeito - e a coisa - isto é, o objeto.

Para atualizá-lo mais ainda, Karl Popper, que é um dos mais conhecidos pensadores dos nossos dias, argumentou que nada faz sentido, enquanto não for aberto para verificação e refutação. Mas em um livro posterior, ele voltou atrás. Ele dizia que não há possibilidade de verificação. Não é possível verificar nada -apenas refutar. Isto é, não podemos dizer o que as coisas são; o que podemos dizer apenas sobre certas coisas é o que elas não são.

Na ciência, este mesmo problema está relacionado com muito do conceito de “modelo”. Muitas vezes achamos que a realidade objetiva está sendo ofuscada e que o que restará é o modelo no pensamento do cientista.

Resta então dizer o seguinte: o positivismo não nos conduz ao conhecimento, mas apenas a um conjunto de médias estatísticas e aproximações - sem a certeza de que alguma coisa estava aí finalmente e nenhuma certeza de continuidade nas coisas que aí estavam.

Podemos relacionar isso à “semântica geral” de Alfred Korzybski e D. David Bourland, que não permitiría que o verbo “ser” fosse jamais utilizado. Todos os seus livros são escritos sem o uso do verbo “ser”. Por quê? Porque eles dizem que não há certeza de continuidade.

Gostaria de voltar ao filósofo Ludwig Wittgenstein que, em muitos sentidos, é a chave para toda esta questão. Há um primeiro Wittgenstein e um Wittgenstein tardio, mas em seus *Tractatus*, aos quais estamos nos referindo aqui, estamos preocupados com o primeiro Wittgenstein. Mais tarde, ele mudou para a análise linguística, mas, neste primeiro estágio, ele argumenta que aqui em baixo no mundo (no âmbito da razão), temos fatos: a proposição da ciência natural. Isto é tudo o que pode ser dito; isso é tudo o que pode ser formulado em uma linguagem. Este é o limite da linguagem e é também o limite da lógica. No “inferior” podemos até falar, mas podemos falar apenas na linguagem matemática das ciências naturais. A linguagem limita-se ao “inferior” da razão e isso acaba nas formulações matemáticas.

Mas, como Bertrand Russel enfatiza, Wittgenstein era um místico. Mesmo na sua fase inicial, já havia os elementos do misticismo. No “superior” ele colocou o silêncio, pois você não pode falar de nada fora do mundo conhecido da ciência natural. Mas o homem necessita desesperadamente de valores, ética, sentido e tudo isso. O ser humano necessita dessas coisas de forma desesperada, mas só encontra silêncio acerca delas. Foi neste ponto que o título do presente livro nasceu. E a palavra “silêncio” de Wittgenstein que me deu o título deste livro.[1]

Wittgenstein já dizia que, quando se trata das coisas de que o homem mais desesperadamente necessita - valores, ética e sentido - impera somente o silêncio. O homem sabe muito bem que tais coisas existem, Wittgenstein

comenta, mas ele não pode nem sequer falar ou pensar sobre elas. Como místico que era, Wittgenstein valorizava muito o “silêncio”, mas, não importa quanto necessitamos de valores, ética e sentido na vida, o que existe é somente o silêncio.

Daqui ele mergulhou diretamente na análise linguística, que se tornou a filosofia predominante por todo o mundo. Foi aí que ela foi concebida, no desespero que seguiu, quando o positivismo passou a ser visto como inadequado. O “velho” Wittgenstein e o existencialista encontram-se realmente bem mais próximos um do outro neste aspecto particular do que se pensa, posto que, se nos deslocarmos da Inglaterra para o continente no estudo da filosofia, temos a impressão de que as pessoas normalmente partem do pressuposto de que elas estão em completa discórdia. Ainda assim, há uma forma de olharmos para elas pela qual elas se encontram muito próximas, precisamente quando Wittgenstein diz que não há valor ou sentido verdadeiro em tudo isso, mas somente silêncio.

Em inglês, *He Is There and He Is not Silent* (Ele existe e não está calado).

Os que conhecem o filme de Bergman, *O Silêncio*, ficarão logo de sobreaviso. Bergman é um filósofo que chegou ao ponto de decidir que nunca algo seria dito, a partir deste “superior”, que Deus (ainda que no sentido que os existencialistas usam o termo) não faça sentido. Foi aí que ele criou o filme *O Silêncio*, e a partir daí passou, ele mesmo, por uma grande mudança. Em outras palavras, ele concordou com o que Wittgenstein, este brilhante filósofo, dissera muitos anos antes. Assim, podemos de fato colocar Bergman e Wittgenstein lado a lado, e o filme *O Silêncio* foi uma demonstração particular deste fato.

O que nos resta agora, diga-se de passagem, é uma antifilosofia. Tudo o que torna a vida valiosa ou que dá sentido à vida, ou que a mantém coesa para além de particulares isolados é um “superior” de silêncio total.

Assim, restam-nos duas antifilosofias no mundo de hoje. Uma é a do existencialismo, que é uma antifilosofia, pois ela lida com as grandes questões, contudo, sem racionalidade alguma. Mas, se acompanharmos o desenvolvimento posterior de Wittgenstein, partimos para a análise lingüística e acabaremos considerando-a igualmente uma antifilosofia.

Embora isso defina as palavras a partir da razão, a linguagem final não leva nem a valores, nem a fatos. Linguagem leva a linguagem, e isso é tudo. Não se trata apenas da certeza de valores que sumiu, mas da certeza dos conhecimentos.

Falando em Wittgenstein e sua migração para o campo da linguagem, é bom mencionar, neste momento, o Heidegger tardio, que também tratava da linguagem, ainda que de uma forma muito diferente. Heidegger foi originalmente um existencialista que acreditava que existe somente o medo (Angst) por todo o universo, a alimentar a esperança de que algo exista. Mas posteriormente ele partiu para a visão de que, já que existia linguagem no universo, podemos cultivar a esperança de que algo esteja aí, uma esperança não-racional de que haja um sentido último em tudo isso. Assim Heidegger diz que “basta darmos ouvidos aos poetas” - não ao conteúdo do poeta, mas é preciso ouvir pelo simples fato de que existe um ser (isto é, o poeta) que fala; de modo que podemos cultivar a esperança de que o Ser - isto, é a existência - tenha sentido. Ele acrescenta a isso uma nota diferente, na tentativa de tornar o seu posicionamento empírico e não somente abstrato. O que ele fez foi alegar que houve, num passado distante, no período pré-socrático anterior a Aristóteles, uma grande, dourada linguagem abarcando uma “experiência de primeira ordem” direta do universo. Isso é puramente hipotético. Não tem qualquer base histórica, mas ele a propôs como um ato de desespero no esforço por lançar bases históricas sobre ou sob um conceito que, se não fosse por ela, seria completamente hipotético ou nebuloso.

Devemos entender que estas coisas não são apenas teóricas em seus efeitos. O Heidegger mais maduro é de crucial importância em certas formas da teologia liberal moderna. Essas coisas também têm o seu efeito no mundo dos estudiosos. Elas não são abstratas. Elas estão transformando o nosso mundo.

Deixe-me, neste ponto, destacar um fator importante. Não importa se lidamos com Heidegger, dizendo: “Dê ouvidos ao poeta” (e oferecendo um misticismo semântico da história “superior”, que parece nos encher de esperanças), ou com Wittgenstein (que trafega na direção oposta e é mais honesto em dizer que existe apenas o silêncio no “superior” e por isso, tudo

o que podemos fazer é definir as palavras que nunca tratarão de forma definitiva com os sentidos ou valores), o mais interessante de tudo é que o homem moderno chegou à conclusão de que o segredo de tudo isso se encontra, de alguma forma, na linguagem. Encontramo-nos na era da semântica, precisamente por este fato fundamental.

Note o que isto significa para nós. A questão toda em torno de Heidegger e Wittgenstein - e também de Bergman - é se existe alguém adequado no universo para falar. Somos cercados por um mar de antifilosofias. O positivismo, que foi um racionalismo otimista e a base da ciência naturalista, morreu. Ela provou ser uma epistemologia insuficiente. Mas as alternativas - existencialismo, por um lado, e análise linguística, por outro - são antifilosofias que levam o homem à desesperança em relação à ética, valores, sentido e a certeza do conhecimento. Assim, na epistemologia, estamos cercados por um mar de antifilosofias.

Polanyi foi magnífico destruindo o positivismo lógico, e também ao insistir que o relacionamento sujeito-objeto é real e que o sujeito pode conhecer o objeto. Ele também é conhecido por advogar a verdade das coisas; ainda que não tivesse desenvolvido uma base adequada para dizer por que estas coisas são verdadeiras. No final da sua vida ele, às vezes, dava motivos religiosos. Por exemplo, ele dizia que repetia o credo dos apóstolos, mas, quando questionado mais tarde, ele dizia que não acreditava no conteúdo da crença em forma de proposição - mas antes, que, para ele, o credo representava algo semelhante ao que a bandeira representa para o patriotismo. Nós verdadeiramente podemos ser gratos pela sua saída para “a verdade”, mas ele falhou em fornecer-nos a base e método para sabermos como “a verdade” pode vir a tornar-se epistemologicamente conhecida como sendo verdade.

O positivismo está morto e o que restou foi o cinismo ou alguma espécie de substituto místico do saber. É aí que o homem moderno se encontra, não importando se o homem individual o sabe ou não.

Aqueles que têm surgido nos últimos pares de décadas en-contram-se bem aqui no campo da epistemologia. O maior problema de todos não é, por exemplo, o das drogas ou amoralidade. O problema encontra-se no âmbito do conhecimento. Esta é uma geração de pessoas antifilosóficas, presas por

uma profunda in-certeza no campo do saber. Na área do “inferior”, que o homem moderno atribui à racionalidade e sobre a qual ele fala com um linguajar cheio de sentido, ele pode ver-se a si mesmo apenas como uma máquina, uma máquina totalmente determinada, que, desta forma, não tem como ter certeza de saber nada, até mesmo acerca do mundo natural. Mas no campo do “superior”, que ele atribui ao não-racionalismo, o homem moderno não tem categorias, pois as categorias encontram-se relacionadas à razão e à antítese. Nas regiões do “superior” ele não tem razões para dizer que isso ou aquilo é certo, como alguma coisa oposta ao que é errado (ou até “incerto”, para usarmos o linguajar mais moderno). No campo da moral, ele não tem uma forma de dizer, no “superior”, que uma coisa é certa, como se fosse oposta a outra coisa que é incerta. Mas note que isso é mais profundo e mais terrível. Semelhantemente, vivendo nas regiões do “superior”, ele não terá como dizer que isso seja verdade, como se isso fosse oposto de uma não-verdade.

Isso pode ser observado de uma forma viva no cinema. Eu já tratei até certo ponto desse assunto em *Escape From Reason* e noutra ocasião; por outro lado, trata-se de uma peça necessária para completar este quadro, pelo que sou obrigado a repetir-me. O filme de Antonioni, *Blow-up*, é um exemplo deste problema. O personagem principal é um fotógrafo. Ele representa uma escolha perfeita, porque ele está lidando não com um conjunto de valores humanos, mas com uma lente fotográfica impessoal. A câmera poderia muito bem ter focado em um computador impessoal, no lugar deste fotógrafo. O fotógrafo circula tirando suas fotos, de um ser humano finito, tratando apenas de particulares e totalmente incapaz de colocar qualquer sentido nelas, e as frias lentes da câmera não oferecem julgamento ou controle em qualquer coisa que vê. Os pôsteres do filme de Antonioni diziam: “Assassinato sem culpa, amor sem sentido”. Em outras palavras, não há categorias no âmbito da moral - o assassinato foi sem culpa; em contraposição, igualmente não há categorias no âmbito humano - o amor é sem sentido. Assim Antonioni retrata a morte das categorias.

No campo da moralidade, não há um âmbito superior universal; contamos somente com os casos particulares. A câmera pode fazer as suas tomadas, e temos uma série de casos, mas nenhum universal. Isso é tudo o que o homem racionalista pode fazer por si mesmo.

Mas o cinema moderno e outras formas de arte vão além da perda das categorias humanas e morais. Eles destacam de forma bastante apropriada que, se você não deixar espaço para categorias, você não apenas porá a perder as categorias que concernem aos valores morais e humanos, mas também porá a perder todas as categorias distintivas entre realidade e fantasia.

Retomando todo o percurso percorrido desde os gregos temos, por 2000 anos, os mais inteligentes homens de todos os tempos tentando encontrar meios para ter sentido e certeza para o seu saber; mas o ser humano, a começar de si mesmo com nenhum outro conhecimento fora de si, falhou totalmente, e Antonioni destacou isto poderosamente em seu filme.

O homem moderno não tem categorias, uma vez que se moveu para fora do âmbito “inferior” da razão. No “inferior” ele já está morto; ele não passa de uma máquina, e nenhuma dessas coisas faz qualquer sentido. Mas, assim que ele se passa para o “superior”, para a área do misticismo do “superior”, tudo o que resta é um lugar sem categorias no qual ele não poderá distinguir o mundo interior do mundo exterior com qualquer nível de certeza. O homem moderno não tem categorias que lhe permitam ter qualquer certeza da diferença entre o que é real e o que é ilusório.

Há quatro grupos de categorias envolvidos nisso. Nós consideramos apenas três deles: primeiro, a categoria da moral; em segundo lugar, a humana; em terceiro lugar, as categorias da realidade e da fantasia. O quarto grupo, que examinaremos agora, se relaciona ao nosso conhecimento de outras pessoas.

O terceiro grupo de categorias estava relacionado ao mover-se de dentro para fora da mente, com algum grau de certeza, e estando certo de que exista qualquer diferença entre realidade e fantasia. O quarto grupo é o inverso. Como pessoas, que se encontrassem ocasionalmente, poderiam conhecer-se - penetrando na mente uma da outra? Como seria possível ter qualquer categoria para permitir-nos penetrar no mundo de pensamentos de outra pessoa? Isto faz parte da alienação do homem moderno; esta é a escuridão que tantas pessoas encaram, o sentimento de estarem totalmente alienadas. Um casal poderá dormir junto por dez ou quinze anos, mas como eles poderiam penetrar na mente um do outro, para saber qualquer coisa

sobre o outro como uma pessoa, e não como uma máquina de linguagem? É fácil conhecer a carcaça de uma máquina de linguagem, mas como seria possível descobrir o que está oculto por trás da linguagem em busca do conhecimento da pessoa neste tipo de cenário? Esta é uma forma muito peculiarmente moderna de falta de rumo.

Alguém chamou minha atenção para isto de forma muito contundente há alguns anos, quando um casal muito moderno veio a I/Abri. Nós os abrigamos em um dos chalés. Eles mantiveram todos acordados noite após noite, porque eles conversaram incessantemente por toda noite, até o raiar do dia. Falavam, falavam, falavam. Eles estavam tirando todo mundo do sério. Naturalmente, eu fiquei intrigado. Eu estava me perguntando do que eles falavam tanto. Estas duas pessoas já estavam convivendo há muitos anos; sobre o que estariam conversando por tanto tempo? Quando os conheci, descobri. Isso me abriu novos horizontes, pois comecei desconfiar vagamente de qual era o real dilema. Descobri que eles conversavam porque estavam desesperadamente tentando conhecer um ao outro. Eles estavam realmente apaixonados, e estavam conversando e conversando, a fim de tentar encontrar uma sentença ou frase que ambos pudessem conhecer de forma exaustiva, para que pudessem conhecer-se um ao outro e penetrar na mente um do outro. Eles não tinham universais no seu mundo, e, assim, tiveram que confeccionar um substituto, por meio de um ponto de contato totalmente exaustivo. Sendo finitos, não poderíam alcançá-lo.

Num caso como este, por onde começar? Contamos somente com particulares. Se não nos expomos, não teremos qualquer certeza do que haverá lá fora. Se tentarmos entrar, estamos tentando penetrar na mente de um outro alguém. Como saber que o estamos tocando? A partir deste cenário, os seres humanos serão os únicos que existem. Não haverá mais ninguém com quem se possa conversar - apenas o silêncio. Assim, quem não detém a frase exaustiva, por onde poderia começar? Não se pode partir do conhecimento parcial de alguma coisa; é necessário ser exaustivo, pois não há mais ninguém, em lugar algum capaz de providenciar quaisquer universais. O universal, a certeza, precisa encontrar-se no seu próprio discurso, em uma sentença exaustiva, ou, para começar, em uma só frase

exaustiva. O problema situa-se no campo da epistemologia, e está centrado na linguagem.

O homem moderno permanece ou no “inferior”, como uma máquina com palavras que não levam nem aos valores nem aos fatos, mas apenas a outras palavras, ou ele fica relegado ao “superior”, em um mundo sem categorias no que tange aos valores humanos, valores morais, ou à diferença entre a realidade e a fantasia. Lamentável geração! Os homens, feitos à imagem de Deus, com o intuito de estar em comunicação vertical com aquele que existe e que deseja lhes falar, e para ter comunicação horizontal com seres da sua própria espécie, transformaram-se a si mesmos, devido ao seu racionalismo soberbo, em seres auto-suficientes, chegando a este lugar.

Gostaria de encerrar este capítulo com uma citação de Satyricon de Fellini. Perto do final do filme, um homem olha para baixo em direção ao seu amigo, que está morrendo de uma forma ridí-cuia, uma morte absolutamente absurda. Com todas as suas esperanças ele chegou a um fim completamente absurdo. O homem moderno, feito à imagem de Deus e destinado à comunicação com Deus e com os seus semelhantes, chegou a este ponto de horrível silêncio. No filme, Fellini faz uma voz dizer “0 Deus, como ele está longe do seu destino agora”. Nunca existiu frase mais verdadeira.

Capítulo 4

A NECESSIDADE EPISTEMOLÓGICA: A RESPOSTA

Há uma resposta cristã para o problema epistemológico. Vamos começar lembrando que a alta Renascença apresentava um problema quanto à natureza e à graça: seu racionalismo e humanismo não admitiam nenhuma forma de relação entre a natureza e a graça. Eles nunca foram capazes de dar resposta ao problema - o dilema do século 20, na verdade, vem daí. Os racionalistas e os humanistas, por mais brilhantes que fossem, nunca encontraram uma forma de juntar a natureza e a graça. Contudo, praticamente na mesma época, como enfatizei em outras obras, estava acontecendo a Reforma, a qual não apresentava este tipo de problema entre natureza e graça. De fato, esta é uma diferença tremenda. O problema da natureza e graça surgiu como um derivado do Renascimento racionalista e humanista, e nunca mais foi resolvido. Não é que o Cristianismo tivesse um problema na época da Reforma, e que os reformadores tenham batalhado e para depois surgir com uma resposta. Não, simplesmente não havia nenhum problema do tipo natureza e graça para os reformadores, pois a Reforma contava com a revelação verbal, assertiva, e não havia dicotomia entre natureza e graça. O posicionamento histórico do Cristianismo não apresentava este problema de natureza e graça por causa da revelação assertiva, e a revelação trata da linguagem.

Em nossa geração, o cerne do problema da linguagem foi atingido. Já discutimos o uso da linguagem e a análise linguística do Heidegger tardio e de Wittgenstein ao problema. Mas a diferença é que Heidegger e Wittgenstein perceberam que deve existir alguma coisa falada se formos conhecer algo, mas eles não tinham ninguém para falar. É tão simples e profundo como isso. Será que existe alguém com quem conversar? Ou será que nós, sendo finitos, somos capazes de reunir evidências suficientes, particulares o bastante, para ousarmos criar os nossos próprios universais?

De acordo com o posicionamento judaico-cristão e da Reforma em geral, acreditamos que existe alguém com quem conversar, e que ele nos transmitiu informações de dois tipos. Primeiramente, ele falou sobre si

mesmo, não exaustiva, mas verdadeiramente; e, em segundo lugar, ele falou sobre a História e o Cosmos, não exaustiva, mas verdadeiramente. Sendo assim, e, como ele nos contou as duas coisas na base da revelação proporcional e verbalizada, a Reforma não apresentava o problema da natureza e da graça. Para os reformadores havia uma unidade nestas coisas pela simples razão de que a revelação falava acerca de ambas as áreas; assim, o problema simplesmente não existia. O racionalismo não conseguia encontrar uma resposta, mas Deus falando confere a unidade necessária ao dilema da natureza e graça.

Isso já nos leva a uma questão fundamental. Será que o posicionamento bíblico é intelectualmente possível? Será possível obtermos integridade intelectual, quando mantemos o posicionamento de uma revelação verbalizada e proposicional? Eu diria que a resposta é; não é possível mantermos o pressuposto da uniformidade de causas naturais inseridas em um sistema fechado. Se assim fizermos, qualquer idéia de revelação se tornará absurda. Não é apenas que, nesse caso, teremos problemas detalhados, mas se tornará totalmente absurdo, se realmente acreditarmos na uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado - em outras palavras, que tudo é máquina. Não importa se você parte de um ponto de vista racionalista na sua filosofia ou de um ponto de vista racionalista na sua teologia. Pois, para o teólogo liberal, é simplesmente impossível pensar em uma revelação realmente proposicional. A discussão sobre certos detalhes não solucionará o problema. Precisamos encarar a questão maior de todas, que é a questão dos pressupostos. Se nos comprometemos completamente, sem questionamento, com a uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado, então, não importa se nos expressamos em termos filosóficos ou religiosos. A revelação proposicional, verbalizada - o conhecimento que o homem recebeu de Deus -passa a ser completamente inconcebível. Isso porque, por definição, tudo é máquina, então naturalmente não há conhecimento fora deste sistema, proveniente de Deus. Se for este o seu ponto de vista, e você se recusa a considerar qualquer outra possibilidade, mesmo que a sua visão de mundo naturalista conduza à desumanização do homem e se oponha aos fatos que conhecemos acerca do homem e as coisas, você está em um beco sem saída. Você precisa lembrar que só é possível sustentar a uniformidade das coisas naturais em um sistema fechado, o que é praticamente consenso

geral hoje em dia, devido à negação do que o homem sabe sobre o homem. Mas se você insiste em levar este ponto de vista adiante, mesmo que ele desumanize o homem, e ainda que seja oposto às evidências do que o homem sabe acerca do homem, então não há lugar para a revelação. E não só isso, mas quem quiser manter a uniformidade das coisas naturais em um sistema fechado, contra todas as evidências (e insisto que isso contradiz as evidências), jamais estará em condições de considerar a outra pressuposição, que se tornou a base da ciência moderna, em primeiro lugar: da uniformidade das causas naturais num sistema limitado, aberto para ser reordenado por Deus e pelo homem.

Há aqui um fator interessante a ser considerado: na antropologia moderna e secular (e friso *secular),* a distinção entre o humano e o não-humano estabelece-se no campo da linguagem. Mas nem sempre isso foi assim. A distinção, que era feita na área, era a do homem como fabricante de ferramentas; então, onde quer que você encontrasse o fabricante de ferramentas, este ser era um ser humano, contraposto ao não humano. Isso já não é mais válido. A distinção passou agora a ser linguística.
Os antropólogos seculares concordam que, se quisermos determinar o que é humano, em contrapartida ao que é não-humano, essa diferença não se encontra no campo da elaboração de ferramentas, mas no campo da elaboração da linguagem. Se estivermos diante de algo verbalizado, é humano. Se estivermos diante de algo não-verbalizado, é não-humano.

Comunicamo-nos de uma forma proposicional uns com os outros, em linguagem verbal ou escrita. Mas na realidade trata-se de algo mais profundo do que isso, pois a maneira em que pensamos em nossa própria cabeça é linguística. Podemos até ter outras coisas na cabeça além da linguagem, mas tudo sempre tem que estar associado à linguagem. Um livro, por exemplo, pode ser escrito com muitas figuras de linguagem, mas a figura de linguagem precisa ser coerente com o uso normal da sintaxe e ter um sentido definido dos termos, ou ninguém saberá de que trata o livro. Logo, não importa se estamos nos referindo a uma comunicação externa ou a um pensamento interno, o ser humano será sempre um ser verbalizador.

Passemos agora a encarar este argumento de um ponto de vista não-cristão, a partir da visão que o homem moderno tem da uniformidade das causas

naturais inseridas em um sistema fechado. Nesta perspectiva, os conceitos de revelação proposi-cional e especialmente da revelação verbalizada proposicional não fazem qualquer sentido. A questão que eu tentei levantar várias vezes, que está relacionada a este pressuposto da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, é se este pressuposto é viável à luz do que se sabe. Gostaria de insistir na idéia de que não é. Esta perspectiva não é capaz de explicar o homem. Não é capaz de explicar o universo e sua forma. Não é capaz de sustentar-se no campo epistemológico.

É óbvio que a revelação proposicional verbalizada não é possível, se partimos de uma uniformidade das causas naturais reveladas. Mas este raciocínio se sustentará ou cairá com esta questão: o pressuposto da uniformidade de causas naturais é realmente aceitável? Em livros anteriores e nos capítulos anteriores deste mesmo livro analisamos a questão de se este pressuposto é, de fato, aceitável ou até razoável, não sobre a ; bases da fé cristã, mas sobre as bases daquilo que sabemos do homem e do universo, como eles são.

O Cristianismo oferece um conjunto de pressupostos completamente diferente. Os demais pressupostos simplesmente não dão conta das necessidades. É preciso observar, aliás, que temos que ter cuidado com as palavras. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o termo *pressuposto* é muitas vezes difícil de entender. Um pressuposto pode ser algo de que você nem sequer se dá conta. Mas não é nesse sentido que eu estou usando a palavra. Estou usando “pressuposto” como um ponto de partida que podemos escolher. Muitas pessoas recebem os seus pressupostos da família ou da sociedade, sem o saber, mas isso não precisa ser assim. Para nós urge alertar as pessoas a analisarem dois grandes pressupostos - da uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado e a uniformidade das causas naturais em um sistema aberto, em um espaço de tempo limitado - e de refletir sobre qual deles melhor se encaixa com os fatos relativos ao que existe.

Os pressupostos do Cristianismo começam com um Deus que existe, que é um Deus pessoal infinito, que fez o homem à sua própria imagem. Ele fez o homem como um ser que verbaliza propostas e afirmações na sua

comunicação horizontal com outros seres humanos. Até os antropólogos seculares dizem que, de um jeito ou de outro, eles não sabem porque o homem é um ser verbal. Temos algo diferente no homem. A Bíblia o diz, e a postura cristã o diz, e permita-me dizer por quê: Deus é um Deus infinito. Sempre houve comunicação, antes que qualquer coisa fosse criada, na Trindade. Se Deus fez o homem à sua própria imagem, parte desta imagem é que o homem é um ser verbal. Esse fato encontra-se na unidade da estrutura cristã.

Perguntemo-nos agora o seguinte: na estrutura cristã - que parte de um Deus pessoal, que existe e fez o homem à sua própria imagem como ser verbal, de forma a torná-lo capaz de comunicar-se horizontalmente com outro ser humano, a partir de pressuposições e linguagem - seria impensável ou sequer surpreendente que este Deus pessoal pudesse ou quisesse comunicar-se com o homem, de forma proposicional? A resposta é certamente negativa. Nunca encontrei um só ateu que achasse isso algo que se possa considerar surpreendente dentro da estrutura cristã. Pelo contrário, isto seria o esperado. Se Deus nos fez para a comunicação, com base no verbo, e dada a possibilidade de comunicação proposicional, objetiva com o próximo, porque deveriamos pensar que ele não pudesse comunicar-se conosco de forma verbal e proposicional? À luz da estrutura cristã total, isso seria totalmente razoável. A revelação proposicional não é sequer surpreendente, muito menos impensável, dentro da estrutura lógica do Cristianismo.

O Deus pessoal criou-nos para conversarmos uns com os outros por meio da linguagem. Assim, se o Deus pessoal nos criou como seres que se comunicam através da linguagem - e evidentemente é isso que o homem é - por que seria estranho pensar que ele pudesse falar com Paulo na estrada de Damasco em hebraico? O que faz isso ser surpreendente? Será que Deus não seria capaz de falar hebraico? Da mesma forma, se o Deus pessoal é um Deus bom, por que seria surpreendente ele comunicar-se com o homem de uma forma verbalizada, proposi-cional, na qual possa nos dizer a verdadeira verdade em todas as áreas, acerca do que ele está comunicando?[1] Isso será surpreendente apenas para quem já absorveu os pressupostos da uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado. Então, neste caso, é claro que isso seria impossível. Mas, como tenho dito, trata-se de uma questão de decidir qual desses conjuntos de

pressupostos vai real e empiricamente ao encontro da realidade dos fatos como os vemos no mundo à nossa volta.

O que descobrimos agora é que a resposta se encontra na linguagem, na revelação. O Cristianismo não tem problemas com a natureza e a graça, e a razão para isto está na linguagem, na revelação. A coisa mais surpreendente é que Heidegger e Wittgenstein, dois dos maiores nomes no campo da episte-mologia moderna, entenderam que a resposta deve encontrar-se no campo da linguagem, mas eles não tinham ninguém com quem conversar.

O Cristianismo não tem nenhum problema em relação à natureza e à graça. Mas, gostaria de acrescentar a isto, muito suavemente, que o Cristianismo também não tem nenhum problema de ordem epistemológica. Lembre-se do capítulo três e a agonia absoluta do homem moderno no campo do conhecimento, da epistemologia - a mais profunda escuridão daquilo que está envolvido. Para o cristão, não há qualquer problema no campo da epistemologia, da mesma forma como não há problema quanto à relação entre a natureza e a graça. Não é que, por acaso, nós tenhamos uma solução, e sim, que não há nenhum problema a ser solucionado na estrutura do pensamento cristão.

Esclareçamos melhor o porquê de não haver problema epistemológico na estrutura do pensamento cristão. Do ponto de vista cristão, temos que retomar e tentar compreender de forma mais profunda o sentido do que Oppenheimer e Whitehead disseram sobre o nascimento da ciência moderna.

Gostaria de lembrá-los de um ponto que eu destaquei em um capítulo anterior. Whitehead e Oppenheimer diziam que a ciência moderna não teria nascido em outro lugar que não fosse o meio cristão. Por quê? No campo do Cristianismo bíblico, Galileu, Copérnico, Kepler, Francis Bacon - todos estes homens, chegando até Newton, Faraday e Maxwell - entendiam que há um universo porque Deus o fez. E eles acreditavam, como Whitehead disse de forma tão bela, que, porque Deus é um Deus inteligível, seria possível descobrirmos a verdade acerca do universo pela nossa razão. Foi assim que nasceu a ciência moderna. Os gregos dominavam praticamente os mesmos fatos que os primeiros cientistas, mas nunca os transformaram em uma ciência como a ciência moderna. Isto veio, como disse Whitehead, do

fato de que estes homens tinham realmente certeza de que a verdade do universo pode ser investigada pela razão, porque ela foi feita por um Deus inteligível.

Não acredito, nem por um momento, que, se o homem daquela época da história tivesse tido a filosofia e a epistemologia do homem moderno, a ciência moderna tivesse surgido. Eu também acredito que a ciência, como a conhecemos hoje, morrerá um dia. Acredito que ela será reduzida a duas coisas: mera tecnologia, e mais alguma outra forma de manipulação sociológica.[2] Não acredito, nem por um momento, que a ciência está em condições de sustentar a sua objetividade, uma vez que o fundamento que permitiu o desenvolvimento da ciência foi totalmente destruído, e uma vez que o fundamento de esperança do positivismo foi destruído. Mas de uma coisa eu tenho certeza: a ciência nunca teria surgido, se os homens tivessem as mesmas incertezas que o homem moderno tem no campo da episte-mologia. Eles não teriam como dar os primeiros passos com a certeza que os primeiros cientistas modernos estavam em condições de ter.

Agora note que, quando aplicamos isso ao campo da episte-mologia, acontece precisamente a mesma coisa. É o Deus pessoal infinito que existe - e não uma mera abstração - que faz as coisas se associarem de forma tal, que os primeiros cientistas tiveram a coragem de ter esperança de descobrir a explicação para o universo. O Deus que existe criou as coisas que existem no universo de forma articulada, cheio de relações. De fato, todo o campo da ciência aponta para o fato de que ele criou um mundo em que as coisas foram feitas para cooperar umas com as outras, para terem relações entre si. Assim, Deus fez o universo externo, o que toma possível a ciência verdadeira; mas também fez o homem e o fez para viver naquele universo. Ele não fez o homem para viver em nenhum outro lugar. Assim, temos três fatos simultâneos: Deus, o Deus pessoal infinito fez o universo; o homem, a quem ele fez para viver naquele universo; e a Bíblia, que ele nos deu para falar sobre o universo. Seria de se estranhar haver unidade entre as coisas? Por que motivo deveriamos ficar surpresos?

Portanto, Deus fez o universo, fez o homem para viver neste universo, e nos deu a Bíblia, a sua revelação verbalizada propo-sicional e objetiva, para nos transmitir o que precisamos saber. Na Bíblia, ele não nos fala apenas sobre

uma moral, a qual fornece padrões morais verdadeiros, ao invés de meras estatísticas sociológicas, mas ele também nos dá entendimento suficiente para articular o nosso conhecimento. A razão pela qual o cristão não tem problema epistemológico é precisamente a mesma razão porque não há para o cristão problema nenhum quanto à questão da natureza e da graça. Foi o mesmo Deus inteligível que fez as duas coisas - ou seja, o cognoscente e o conhecido, o sujeito e o objeto - e foi ele que os unificou. Assim, não é de se surpreender que haja uma correlação entre estas coisas. Isso não seria precisamente o que se esperaria ocorrer?

Se foi possível à ciência moderna surgir a partir da existência de um Deus inteligível, o qual nos permite descobrir a ordem do universo através da razão, porque nós deveriamos ficar surpresos em encontrar correlação entre o cognoscente que deve conhecer e o objeto a ser conhecido? Seria precisamente isso que se esperaria. Por termos um Deus inteligível que os fez, antes de tudo, é que há uma correlação razoável entre o sujeito e o objeto.

No capítulo anterior vimos que o horror fundamental da grande escuridão em que se encontra o homem moderno é que ele não pode ter qualquer certeza acerca do relacionamento entre sujeito e objeto. Mas o posicionamento cristão parte de um outro conjunto de pressupostos, que diz que há uma razão para uma correlação existente entre sujeito e objeto. Agora, é interessante notar que isso não vai contra a experiência humana. Isto é, pelo menos, o que diz a experiência de todos os homens. Se fosse alguma coisa mística, religiosa que alguém oferecesse como um ciclo vicioso completamente fora da realidade e sem meio de verificação objetiva, realmente não passaria de mais um castelo nas nuvens. Mas não importa em que nível de profundidade um homem e sua filosofia procure sustentar o conceito de falta de relação entre as coisas; na realidade, ele não deixará de viver como se existisse relação entre o sujeito e o objeto. Lembre-se do filme de Godard, no qual se tomou possível optar pelas janelas ao invés das portas para sair da sala, mas seria impensável passar pelas paredes sólidas.

O fato é que, se quisermos viver de alguma forma neste mundo, temos que viver nele agindo a partir do pressuposto de que há uma correlação entre

nós mesmos e as coisas que existem, mesmo se sustentarmos uma filosofia que diz não haver tal correlação. Não há como viver neste mundo de forma diferente. Mesmo aqueles que procuram sustentar teoricamente a mais convincente concepção de que não existe relação entre as coisas (Hume, por exemplo), vivem neste mundo fundados na experiência de que há uma correlação entre o mundo externo e o interno, entre a causa e o efeito. Eles não apenas vivem desta maneira apenas, eles têm que viver desta maneira. Não há outra maneira de viver neste mundo. Foi assim que o mundo foi feito. Assim, da mesma forma como todos os homens amam, mesmo quando dizem que o amor não existe, e todos os homens têm senso moral, mesmo quando dizem que não existe moral, da mesma forma todos os homens agem como se houvesse uma correlação entre o mundo externo e o interno, mesmo não tendo base nenhuma para sustentar tal correlação.

O que estou querendo dizer é que a visão cristã está perfeita-mente alinhada com a experiência de todos os homens. Mas nenhum outro sistema, exceto o judaico-cristão - que é apresentado no Antigo Testamento, da mesma forma como no Novo Testamento - explica-nos por que há uma correlação entre sujeito e objeto. Todo mundo age de acordo com isso, todo mundo tem que agir com base nisso, mas nenhum outro sistema nos diz por que existe uma correlação entre o sujeito e o objeto. Em outras palavras, todos os seres humanos agem constante e consistentemente como se o Cristianismo fosse verdadeiro.

Retomemos esse paralelo. Os homens modernos dizem que não há amor, mas apenas o sexo, no entanto estão amando. Os homens dizem que não há senso moral, tudo é comportamental, no entanto, todos têm consciência moral. Mesmo no mais profundo campo epistemológico, não importa o que um ser humano diga que acredita realmente - em todos os momentos da sua vida - ele estará agindo como se o Cristianismo fosse verdadeiro, e somente o sistema cristão explica porque ele pode agir, deve agir e, de fato, age da forma como age.

Por mais que o homem seja diferente das outras coisas, pelo fato de ter sido feito à imagem de Deus e as demais coisas não terem sido (ele tem personalidade, “hombridade”), contudo, ainda assim ele é uma criatura como todas as outras. As criaturas e ele são igualmente seres. Neste nível

eles são iguais, em nível de criaturas. Logo, por isso mesmo, embora sejamos separados de todas as outras coisas criadas, devido à nossa personalidade, ainda assim somos criaturas dependentes de um mundo comum, porque Deus assim o fez.

Caso você tenha lido a minha aplicação deste raciocínio à temática ecológica, em *The Pollution and the Death of Man*, lembrar-se-á de como eu desenvolví este ponto. No campo da ecologia, argumentei que, por sermos criaturas dependentes, temos que tratar as árvores, os animais e o ar de forma adequada. Acredito que este seja o fundamento cristão da ecologia. Já quando se trata da epistemologia, esta criatura dependente passa a ser o objeto, enquanto eu vejo, enquanto sujeito. Por sermos ambos feitos pelo mesmo Deus inteligível, sou capaz de conhecer verdadeiramente as criaturas dependentes. Quando se trata da ecologia, sou convidado a tratar a natureza da melhor forma possível, de acordo com a forma como Deus a criou. Eu não devo explorar a natureza. Mas isso vai ainda mais fundo. Eu não só devo tratá-la bem, como eu posso conhecê-la verdadeiramente, enquanto criação dependente.

Na epistemologia, sabemos que algo existe porque Deus o trouxe à existência. Não se trata de um desdobramento da sua essência, não se trata de um sonho de Deus, como o pensamento oriental supõe que as coisas sejam. A coisa existe mesmo. Ela possui uma realidade verdadeiramente objetiva, e não ficamos surpresos de achar que há uma correlação entre o observador e o observado, porque Deus os fez para andarem juntos. Eles foram feitos pelo mesmo Deus, de acordo com os mesmos parâmetros referenciais. O cristão não tem nenhum problema com a epistemologia. Todo ser humano vive supondo que seja verdade, não importando o que as suas teorias epistemológicas possam estar dizendo. Nenhum cristão ficará surpreso em saber que a árvore existe de fato, e não achará nada surpreendente o fato de não poder atravessá-la, porque sabe que a árvore está de fato aí.

Agora, todos têm que encarar esta verdade, não importando tratar-se de uma pessoa muito intelectual, que possa lutar contra a visão cristã das coisas, ou de uma pessoa muito simples, que vive como se a visão cristã fosse verdadeira, simplesmente

porque age daquela forma, sem maiores questionamentos. O

/

cristão perguntaria a ambos: o que você esperava? E claro que é assim mesmo que as coisas são, porque foi um Deus inteligível que fez não somente o sujeito, mas também o objeto. Ele é o criador do sujeito e ele é igualmente criador do objeto, e ele nos deu a Bíblia para veicular o conhecimento que necessitamos acerca do universo.

Quando Michael Polanyi destruiu o positivismo de forma tão magnífica, como destacamos em um capítulo anterior, restou ao homem moderno somente o cinismo e um misticismo qualquer. Mas o cristão não está relegado ao cinismo ou ao misticismo quanto à relação sujeito-objeto, pois o mesmo Deus criou a ambos. Por isso, a relação mútua que há entre eles não é nem um pouco surpreendente para o cristão.

Entretanto, foi levantada aqui uma questão que gostaríamos de discutir: como abordar a questão da precisão do conhecimento? Estas coisas dizem respeito à linguagem, que nos remete ao tema moderno da análise semântica e linguística, não como filosofia, mas como ferramenta. A análise linguística pode vir a tomar-se uma ferramenta de grande auxílio em certos pontos, desde que a descartemos conscientemente como filosofia racionalista. De fato, o relacionamento sujeito-objeto e o problema da linguagem encontram-se profundamente relacionados de um modo muito real.

Por outro lado, é preciso reconhecer que existem três possíveis formas de encarar a linguagem. A primeira diz que, pelo fato de partirmos necessariamente dos nossos próprios pressupostos em cada palavra que empregamos, isso significa que não temos absolutamente nenhuma condição de nos comunicar. Nossos próprios pressupostos marcam as nossas palavras e as nossas sentenças de forma tão profunda que elas não tocam a pessoa com que estamos falando.

O oposto diz que, tão logo empregamos qualquer palavra em um determinado sistema simbólico de palavras, todos captam imediatamente o seu sentido, de modo exaustivo, absoluto e comum, porque, afinal de contas, todos nós estamos empregando a mesma linguagem.

Temos aqui, portanto, estes dois pontos de vista extremos, nenhum dos quais adequado: seus termos são tão fortemente marcados pelas suas experiências passadas que eles não querem dizer nada a mais ninguém, ou, então, cada termo tem automaticamente um sentido exaustivo, comum entre o falante e o ouvinte. Mas é evidente que nenhuma das duas visões destes posicionamentos extremos é uma explicação adequada do que realmente acontece com a linguagem. Na realidade, como é que imaginamos que a linguagem funciona neste mundo? Certamente, a descobrimos desta forma: apesar de trazer nossos próprios pressupostos para nossa linguagem, a qual dá as palavras um sentido especial fora de nossos pressupostos, existem também, com todo o cuidado, as sobreposições suficientes entre o mundo externo e a experiência humana, para assegurar que possamos nos comunicar, mesmo quando não conseguimos esgotar um mesmo sentido atribuído a uma palavra - nossas palavras admitem sobreposições, mesmo quando elas não se encaixam perfeitamente. Esta é a forma como todos nós operamos no campo da linguagem.

Gostaria de aplicar aqui uma ilustração que diz respeito à palavra *chá.* Chá é, no nosso sistema simbólico lingüístico, um símbolo que representa um objeto real plenamente identificável. Mas para a minha esposa, que nasceu na China, a primeira experiência com a coisa, representada pelas letras *c.h.á* (no nosso sistema simbólico linguístico) ocorreu nos lares chineses. Ali os chineses ensinaram-lhe algo de que ela se lembra até o dia de hoje, que a melhor forma de tomar chá é tomá-lo em um copo grande, com a boca cheia de arroz, que deve ser passado todo para um dos lados da bochecha. O fato é que você acaba aprendendo a tomar o chá em volta do arroz, sem contato ou mistura entre eles. Para ela, tudo isso está associado à sua palavra *c.ká.*

Para mim, porém, a palavra *chá* começa com minha mãe e eu preparando o chá em Germantown, Filadélfia, de uma forma que eu já não ousaria mais fazê-lo hoje: um escaldador de alumínio posto diretamente na água. Estas coisas marcaram a palavra *chá* para nós dois, mas você jamais imaginaria, por um momento sequer, que, pelo fato de termos apresentado todas estas conotações diferentes, tantas nuances diferentes da palavra *chá*, que eu pedisse à minha esposa: “Querida, você podería, por favor, trazer-me uma xícara de chá?” e não recebesse a xícara de chá solicitada. Você entende o

que eu disse? Se você está enfrentando lutas com as análises semânticas e lingüísti-cas, precisa entender isso. Mantenha distância dos dois extremos; admita que há sobreposições entre o nosso mundo externo e a nossa experiência comum e humana.

Isso é verdadeiro para a linguagem e precisamos nos dar conta de que é igualmente verdadeiro para o conhecimento. Não temos que optar por nenhum dos dois extremos, o da linguagem ou da epistemologia. Podemos conhecer as coisas de verdade sem necessariamente conhecê-las de forma exaustiva. Contanto que a outra coisa exista e eu esteja me relacionando com esta outra coisa, não tenho que conhecê-la exaustivamente. Em todo o caso, isso não nos surpreende, porque chegamos ao simples fato de que ninguém, além de Deus, conhece absolutamente nada de forma exaustiva; ninguém.

Note-se que (da mesma forma como acontece no campo da linguagem) não necessitamos ter um conhecimento exaustivo da coisa para conhecê-la de verdade - contanto que ela exista, que eu exista, e que tenhamos relações mútuas suficientes. No contexto cristão, somos todos criaturas de Deus, que vivem no seu mundo. Quando usamos as palavras, não as esgotamos -nem mesmo palavras como *casa* ou *cachorro.* Elas não podem ser esgotadas na comunicação entre duas pessoas, mas, por mais que elas possam ter ênfases particulares, podemos comunicá-las de forma precisa, ainda que não de forma exaustiva.

Não é de se estranhar que o mesmo valha para o nosso conhecimento, não quanto à forma de captação de uma palavra dita, mas quanto à relação sujeito-objeto. Não ficamos surpresos se não conhecemos o objeto de forma exaustiva, mas também não o ficamos ao acreditar que podemos conhecê-lo verdadeiramente. Se foi o mesmo Deus inteligível quem criou tanto o sujeito quanto o objeto, não ficaremos surpresos em encontrar uma correlação entre eles.

Vimos, portanto, o porquê de o Cristianismo não ter nenhum problema epistemológico. Há alguns anos, quando as pessoas ainda trabalhavam em uma base cristã, a epistemologia não era discutida debaixo da tensão horrível que a rodeia hoje. O homem estudou muitas destas questões em todo os seus detalhes, mas nunca surgiu nenhum dilema desse tipo, o qual é

tão comum hoje. A razão para o dilema moderno é que os seres humanos passaram de uma visão da uniformidade das causas naturais em um sistema aberto - aberto para a reordenação por parte de Deus e do homem - para a visão da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado. Com isso, a epistemologia morre. Mas a partir da base cristã, este problema não existe.

O que podemos inferir disso? Pelo menos três coisas: para começar, aqui estou eu, olhando para fora. Embora seja uma forma muito simples de colocá-lo, representa o problema básico da epistemologia geral. Como é que posso ter qualquer conhecimento, ou conhecimento em geral, ou conhecimento do conhecimento em geral; e em segundo lugar, como é que eu posso distinguir o conhecimento daquilo que existe objetivamente e em contraste com aquilo que não passa de uma alucinação ou ilusão?

É claro que existem casos extremos. Lesões cerebrais, esquizofrenia e outras formas de doença mental podem eventualmente obscurecer a distinção entre a realidade objetiva e a fan-✓

tasia. E claro que o uso de drogas poderá gerar uma situação semelhante. Não importa tratar-se de uma doença psicológica ou uma esquizofrenia mental artificialmente imposta pelas drogas, o cristão estará sempre o encarando como um sintoma da queda. As coisas não estão sendo completamente da forma como Deus as criou originalmente. Há alienações entre o homem e Deus, entre o homem e a natureza. Tudo isso é resultado da queda; assim não é nada surpreendente encontrarmos casos extremos no reino do conhecimento verdadeiro e da fantasia.

Não obstante, o cristão encontra-se em uma situação inteiramente diferente do homem moderno - por exemplo, diferente do pensamento que se encontra por trás de *Blow-Up,* de Antonioni, como analisamos anteriormente. Logo de saída, o cristão tem certeza de que existe aí um mundo externo, criado por Deus, que tem uma realidade objetiva. Ele não é como os homens que não têm por onde começar, que não têm certeza se as coisas existem ou não. O dilema do positivismo, como eu dizia, é que, dentro do seu próprio sistema, é preciso começar sem ter qualquer certeza de que algo exista. O cristão não está nesta situação. Ele sabe que as coisas existem, porque Deus as criou. A razão porque o mundo oriental nunca

produziu uma ciência própria é que o pensamento oriental nunca teve qualquer certeza da existência objetiva da realidade. Sem a certeza de um mundo externo, não há nada que se possa estudar cientificamente, nenhuma base para experimentação ou dedução. Mas o cristão, que tem certeza da realidade do mundo externo, tem base para produção de conhecimento verdadeiro. Ainda que devamos reconhecer que vivemos em um mundo caído, e que hô anomalias e casos excepcionais, mesmo assim o cristão não se encontra atado ao mesmo dilema com o qual Antonioni luta em *Blow-Up.*

NSo *é* sd isso: o cristão pode viver no mundo criado por Deus. E este, afinal de contas, deve ser o teste da verdade. Eis a diferença entre a ciência e a ficção científica. A ciência deve encaixasse em um mundo existente; ela não deve ser isolada dele.

Não é de surpreender o fato de que, se um Deus inteligível criou o universo e me colocou dentro dele, ele tenha igualmente correlacionado as categorias da minha mente, para que elas se encaixassem neste universo, simplesmente porque eu preciso viver nele, Esta é uma simples extensão lógica dos meus pontos anteriores, Se o mundo foi feito da forma como o sistema judai-co-cristão afirma que foi, não deveriamos nos surpreender ao encontrar categorias mentais no homem que concordam com o universo em que ele vive,

Foram escritos inúmeros trabalhos acerca do tema das categorias uniformes da mente humana por homens como Claude Lévi-Strauss, por exemplo, ou Noam Chomsky, em sua concepção de gramática fundamental, Estes homens achavam que, de alguma maneira misteriosa, existem categorias uniformes na mente humana, Mas o cristão diz: O que você esperava? O Deus pessoal infinito, que criou o mundo e me colocou nele, naturalmente criaria categorias da mente que concordassem com o lugar em que me colocou.

Apliquemos isso ao mundo físico. Todos nós temos um sistema respiratório e o sistema respiratório se conforma com a atmosfera da Terra em que vivemos. Não funcionaria em Vênus ou em Marte, e também não funcionaria na Lua, mas funciona em meu próprio ambiente. Por que isso funciona no mundo em que vivo? Nflo M surpresa em que o meu sistema

respiratório concorde com a atmosfera em que vivo, pois foi um único e mesmo Deus inteligível que fez tanto o sistema respiratório quanto a atmosfera e ele colocou-me neste mundo, Assim é de se esperar que haja uma correlaçBo entre o meu sistema respiratório e a atmosfera do mundo em que vivo. Voltando para o campo da epístemologia, nEo há surpresa no fato de que Deus tenha me dado uma eorrelaçlo entre a minha mente e o mundo em que eu vivo, Assim, quando se trata de conhecimento, se um Deus inteligível criou o mundo e também me criou, nEo ficaremos surpresos se Deus fez com que as categorias da mente humana se encaixassem nas categorias do mundo externo, Ambas sEo criações dele. Existem categorias no mundo externo e existem categorias na minha mente. Eu deveria ficar surpreso se elas se encaixam?

Isso, é claro, é muito diferente do que diz o positivismo, que nEo tem nada no seu sistema capaz de explicar por que as coisas existem, Como eu dizia anteriormente, todas as formas de positivismo morreram, uma vez que a palavra dada é uma palavra que nEo pode ter mais do que uma conotaçSo de fé para os positivistas, NEo há nada inerente ao sistema que dê conta de explicar porque os dados existem. Este *é* um posicionamento exatamente oposto à perspectiva cristã.

Notemos outro elemento na posição bíblica quanto à temática das categorias. A Bíblia ensina de duas formas diferentes: em primeiro lugar, ela ensina certas coisas em forma de afirmação didática, em forma verbalizada e proposicional. Por exemplo, ela me ensina os princípios que estamos tratando nesta obra. Em segundo lugar, a Bíblia ensina mostrando a forma como Deus age no mundo que ele mesmo criou. Deveriamos ler a Bíblia por várias razões. Ela deveria ser lida devido aos fatos, e ela também deveria ser lida de forma devocional. Mas a leitura diária da Bíblia provoca algo mais na nossa vida - ela dá às pessoas uma mentalidade diferente. No mundo moderno, estamos rodeados pela mentalidade da uniformidade das causas naturais inseridas em um sistema fechado, mas, à medida que lemos a Bíblia, ela nos permite vislumbrar uma forma diferente de pensar. Não devemos subestimar o fato de que, ao ler a Bíblia, estamos experimentando uma forma de pensar que é a correta, contrária à enorme muralha que representa a outra forma de pensar que nos pressiona de todos os lados - através da educação, da literatura, das artes, da mídia.

Quando eu leio a Bíblia, imagino que, se o Deus pessoal infinito é capaz de intervir na história e no cosmos, ele o faz de um modo a confirmar o que ele disse acerca do mundo externo. Eis o que eu chamo de coerência da criação. O que ele faz nunca infringe o que ele nos disse. Quando Deus intervém no fluxo da história, ele o faz de uma forma consistente com o que ele diz acerca do mundo externo. A intervenção universal nas coisas particulares define e confirma o que ele diz que estas coisas particulares são mesmo.

Assim, na Bíblia, temos duas coisas - o ensino didático das Escrituras, mas também os motivos que nos fazem dizer: “Sim, é assim mesmo que Deus age”. De fato, este é um conceito bastante profundo. Há milagres na Bíblia, mas a maior parte dela não é feita de milagres. Eles representam acontecimentos extraordinários, e esta é a razão porque nós os chamamos de milagres. Normalmente, encontraremos um Deus que intervém no mundo, respeitando as leis naturais do mesmo, como ele as criou. O Mar Vermelho foi aberto, sim; mas ele usou o vento oriental para isso. Jesus cozinhou o peixe, e para isso acendeu um fogo que permitiu cozinhá-lo. Estes certamente foram milagres, mas na maior parte das vezes Deus atua neste mundo de uma maneira que confirma o que se pode observar nele, tanto quanto o que Deus diz acerca dele nas partes didáticas da Bíblia.

Estes dois olhos que a Bíblia nos dá para vermos sempre concordam perfeitamente - o olho do ensino didático e o olho da intervenção divina na história e no cosmos. Podemos encontrar aqui um paralelo com aquela verdade profunda expressa na Confissão de Fé de Westminster, de que, quando Deus revela os seus atributos ao homem, eles são verdadeiros não somente para o homem, mas também para Deus. Deus não está contando histórias; ele está nos falando acerca do que é realmente verdadeiro sobre si mesmo. O que ele está nos dizendo não é exaustivo, porque somos finitos e não conhecemos nada de forma exaustiva. Não somos capazes sequer de comunicar-nos uns com os outros de forma exaustiva, porque somos infinitos. Mas ele também nos diz a verdade, até mesmo a grande verdade sobre si mesmo. Ele não está fazendo nenhum jogo conosco.

Neste mesmo sentido, acreditamos que a ciência não precisa ser um jogo. Muitas vezes até parece que a ciência está se transformando em um jogo. Como eu disse, não acredito, nem por um instante, que a ciência, que abriu

mão do fundamento sobre o qual ela foi construída, e agora perdeu também o seu positivismo, possa continuar se mantendo realmente objetiva. A ciência está virando um jogo em dois sentidos diferentes. Para muitos cientistas, a ciência tornou-se uma espécie de jogatina. Eles estão jogando um jogo complicado dentro de um campo muito restrito, de modo que eles nunca tenham que se dar ao trabalho de pensar acerca dos problemas reais ou do seu sentido. Há muitos cientistas em seus laboratórios, que se fecharam para a leitura dos seus aparelhos - este espécime está longe de ser extinto. Esta é outra daquelas jogadas da sociedade burguesa, que permite um jovem e rico playboy esquiar montanha abaixo, olhando apenas para o ponteiro de segundos do relógio. Mas para o cristão o mundo faz sentido; existe aí uma realidade objetiva. A ciência não é nenhum jogo.

O segundo e mais terrível tipo de jogo, eu acho, é o mergulho de cabeça das ciências sociológicas.[3] Por terem perdido a sua base objetiva da certeza do conhecimento em seus campos de atuação, os homens estarão manipulando a ciência de acordo com os seus próprios desejos políticos ou sociológicos, em vez de trabalhar com a objetividade concreta. Estaremos deparando cada vez mais com o que eu chamo de ciência sociológica, na qual o homem manipula os fatos científicos. Carl Sagan (1934-1996), professor de astronomia e ciência espacial da Universidade de Cornell, provou que o conceito de manipulação da ciência não é assim tão exagerado. Ele mistura ciência com ficção científica, mostrando-se um verdadeiro discípulo de Edgar Rice Burroughs (1875-1950). A mídia reservou para ele os horários nobres da TV e grandes espaços na imprensa e nas revistas, e o governo dos Estados Unidos gastou milhões de dólares no equipamento especial que foi incluído na sonda usada para a exploração de Marte - por insistência sua, para dar suporte a sua certeza de que seria achada vida em Marte, ou que seria possível encontrar alguma forma de vida, ou até que seria possível encontrar ali formas maiores de vida. Com Carl Sagan a linha que diz respeito à ciência objetiva é obscurecida, e a mídia está divulgando as suas misturas entre ciência e ficção científica para o público, como se fossem fatos excitantes.

A perda da certeza da objetividade é muito grave para o cientista, da mesma forma como seria para um dependente de drogas. Podemos observar isso no dependente de drogas - muitas vezes ele perde a noção da diferença entre

realidade e fantasia, a objetividade se perde. O cientista pode encontrar-se na mesma situação. Se ele perde a sua base epistemológica, ele também estará em uma situação grave. Qual o sentido da ciência, se você já não tem mais certeza da objetividade das coisas, ou não tem nenhuma base epistemológica que lhe dê a certeza de que existe uma correlação entre o sujeito e o objeto, ou qualquer base clara para distinguir entre a realidade e a fantasia?

O cristão espera alcançar a realidade, descobrir algo sobre ela, e distinguir entre o real e o que não é real, da mesma forma como os primeiros cientistas fizeram. É neste ponto que nos encontramos. No momento em que o cristão procura, sem qualquer cinismo epistemológico, o mundo externo realmente existe. Por que razão? Porque Deus o trouxe à existência e criou a correlação entre o sujeito e o objeto. Ou seja, eu, olhando para além de mim mesmo.

O segundo resultado da visão epistemológica cristã diz respeito aos outros, quando olham para mim: o que eu sou, a realidade do meu mundo interior de pensamentos, em contraste com o que eu aparentava ser, do ponto de vista dos outros. Este é um problema sério para muitas pessoas da modernidade. Elas estão sempre tentando conhecer melhor uns aos outros e só conseguem descobrir fachadas. Como descobrir o que há por trás disso? Como você descobriría a pessoa real por trás da aparência?

O cristão não precisa optai' entre conhecer totalmente o mundo externo ou interno, ou ignorá-los absolutamente. Não devo ter a expectativa de conhecer o outro humano perfeitamente, porque sou finito. Mas posso esperar que as coisas que conheço se encaixem, porque, afinal de contas, foi um único e o mesmo ser que criou tudo isso. O ponto forte do sistema cristão - a sua prova de fogo - encontra-se no fato de que tudo se encaixa sob a máxima de um Deus pessoal infinito que existe, e trata-se do único sistema do mundo em que isto acontece. Nenhum outro sistema admite uma máxima debaixo do qual tudo se encaixa. Esta é a razão porque eu sou um cristão e deixei de ser agnóstico. Em todos os demais sistemas, sempre há algo que “sai fora do esquema”, algo que não pode ser incluído; e tem que ser mutilado ou ignorado. Mas, o cristão pode ver tudo se

encaixando no seu devido lugar sob a máxima cristã da existência do Deus pessoal infinito que existe, sem perda da sua própria integridade.

Isso se mostra verdadeiro quando eu estou olhado, mas também quando estou olhando para dentro das outras pessoas, nesta área desesperadoramente importante, que ocupa tanto do pensamento das pessoas do mundo moderno. Como poderíam conhecer outras pessoas? Como podem descobrir o que está por trás da fachada? Como alguém pode saber se há algo por trás disso? Quanto ao contraste entre o que eu posso ser por dentro, o que sou mesmo por dentro e o que pareço? Como eu seria capaz de conhecer o outro?

A revelação bíblica, de acordo com os ensinamentos de Deus, não obriga somente o homem exterior, mas também o homem interior. As normas das Escrituras não servem apenas para o homem exterior, mas também para o homem interior. Qual foi o último mandamento no Antigo Testamento? Ele era interior: “Não cobiçarás”. Isso diz respeito ao homem interior. Sem isso, todo o resto cai por terra. Os Dez Mandamentos de Deus obrigam não apenas o homem exterior, no que diz respeito à *moral*, mas também ao homem interior; e, semelhantemente, à dádiva divina do *conhecimento,* nos pontos em que ela interfere na história e no cosmos, obriga não somente o homem exterior, mas também o homem interior. Assim, duas pessoas que vivem de acordo com a revelação de Deus têm entre os mundos dos seus pensamentos uma estrutura comum, uma realidade comum.

Por isso, acreditamos que a Bíblia nos oferece uma revelação proposicional e objetiva de Deus, que promove princípios que dizem respeito tanto ao homem interior quanto ao homem exterior. O homem interior, de acordo com a Bíblia, não é autônomo, da mesma forma que o homem exterior não é autônomo. Toda vez que o homem interior se toma autônomo, é como uma revolução, da mesma forma que quando o homem exterior se torna autônomo. Cada problema humano, como eu destaquei em *Escape From Reason,* provém das tentativas dos seres humanos em declarar a autonomia em relação a Deus, e então, “a natureza traga a graça”.

0 mesmo acontece quando se trata de conhecer o outro. Nada deve ser autônomo em relação a Deus. Os lados internos do conhecimento, sentido e valores, e o lado interno da moral encontram-se articulados por Deus, tanto

quanto o mundo exterior. À medida que o cristão cresce espiritualmente, ele deve tornar-se um ser humano que, conscientemente, submete o seu mundo de pensamentos, bem como o seu mundo exterior, cada vez mais às normas da Bíblia. Mas, e quanto ao não-cristão? Quando um cristão se aproxima de um não-cristão, ele continua tendo um ponto de partida, a partir do qual passa a conhecer a pessoa de uma forma que um não-cristão não poderá conhecer, porque ele sabe quem a pessoa é. Um dos mais brilhantes homens com quem já trabalhei em toda a minha vida, certo dia ficou chorando no meu escritório na Suíça, simplesmente porque era um humanista e existencialista de verdade. Ele abandonou a sua casa em um país sul-americano e foi para Paris, porque este era considerado o centro de todo o grande pensamento humanista. Mas ele achava horrível. Os professores não se importavam com nada. Eram desumanos no seu humanismo. Ele estava pronto para cometer o suicídio, quando nos procurou. E disse-me: “Como você me ama, por onde você começa?” “Eu sei quem você é”, eu lhe disse, “porque você foi feito à imagem de Deus”. Foi daí que partimos. Mesmo com um não-cristão, o cristão sempre terá por onde começar: partindo da fachada exterior para a realidade interior, porque, não importa o que o homem diz que ele seja, sabemos quem ele realmente é. Ele foi criado à imagem e semelhança de Deus; eis o que ele de fato é. Nós sabemos que, em algum lugar lá no fundo - não importa quão congelado ele esteja por fora, ou o quanto ele esteja morto por fora, ou mesmo, se ele pensa que não passa de uma máquina - sabemos que embaixo desta fachada existe uma pessoa que é um ser que verbaliza e que ama e que quer ser amado. Não importa quantas vezes ele diga que é amoral, na verdade ele possui uma consciência moral. Sabemos disso, porque ele foi feito à imagem e semelhança de Deus. Portanto, mesmo quando se trata de um não-cristão, o cristão sempre terá por onde começar, de fora para dentro, coisa que os não-cristãos simplesmente não têm.

Mas, entre os cristãos, deve haver uma maneira mais profunda de conhecer uns aos outros. Vamos dizer que queremos nos comunicar, que estamos cansados desta horrível desumanidade mecânica que encontramos ao nosso redor. Estamos cansados de registros em bancos de dados. O jovem ou a jovem cristãos que gostariam de abrir-se um com o outro, o marido e a esposa cristãos que gostariam de abrir-se um com o outro, o pastor e seus membros que querem abrir-se uns com os outros - como eles poderíam

realmente fazê-lo de fora para dentro? O problema em conhecer um ao outro é a discrepância entre o que o homem parece ser e o que ele é por dentro. É sempre este o problema de se penetrar no espaço interior, conhecendo uns aos outros. Então, como superar tudo isso?

Você seria capaz de reconhecer que, à medida que as pessoas aceitam o ensinamento bíblico quanto ao homem interior, bem como quanto ao homem exterior, há uma integração crescente entre estes dois homens - porque eles vêem tanto o homem interior quanto o exterior unidos sob as mesmas normas, tanto com relação aos valores quanto com relação ao conhecimento? E possível passar do homem exterior para o homem interior, porque há uma adaptação crescente, uma vez que ambos encontram-se articulados pelo mesmo universal. Devemos permitir que os princípios de Deus em termos de valores e conhecimentos obriguem o homem interior e o homem exterior, de modo que haja uma discrepância cada vez menor entre os dois.

Infelizmente, nós não guardamos os princípios de Deus no mundo interno mais do que o fazemos externamente, e (nesse mundo decaído) talvez menos ainda. Mas com as normas de Deus a respeito da verdade, moral, valores e conhecimento, temos pistas (ou para utilizar uma analogia ainda melhor, uma estrela-guia) que dá unidade tanto ao mundo interior quanto ao exterior. Os princípios de Deus não somente dão unidade, mas também criam pontes entre estes dois mundos. Isto se aplica em primeiro lugar para nós mesmos e depois para que possamos nos aprofundar em outra pessoa. Quando andamos do mundo exterior para o mundo interior do pensamento, não estamos em um mar sem praia alguma, seja em relação a nós mesmos, seja em relação aos outros, seja em relação à mulher ou ao homem que se encontra diante de nós.

Para os que estão atravessando o lamaçal desta geração atual, esta é uma bela proposta. Entenda-se que, de repente, o homem interior não é mais autônomo e que existe uma junção dos particulares do homem interior e do homem exterior sob o mesmo universal; e com esta unidade, graças a Deus, podemos realmente passar a conhecer uns aos outros por dentro.

Isto, também deve fazer parte da salvação, da atuação contínua de Cristo na vida do cristão. É a perda dessa perspectiva que tem privado esta pobre

geração de hoje da comunicação humana real. Homens e mulheres que dividem a mesma cama há anos encontram-se desligados um do outro, porque não há nenhum universal que unifique os particulares interiores e os particulares exteriores. No caso do cristão acontece o seguinte: à medida que crescemos espiritualmente e passamos a submeter todos os particulares interiores do mundo do pensamento -valores, sentido, conhecimentos e moral - às normas de Deus, o que parecemos ser por fora concorda cada vez mais com o que somos por dentro, de modo que possamos realmente conhecer uns aos outros.

Estou falando de mim mesmo, olhando de fora e de outros olhando para mim. Agora, o terceiro resultado da visão epistemológica cristã diz respeito à realidade e à imaginação. De certa forma, este é o mais importante dos três. Estivemos considerando, em um capítulo anterior, a visão moderna da epistemologia, segundo a qual o homem moderno não faz distinção entre a realidade e a fantasia. Estou falando agora do lado inverso disso para o cristão. Eu vivo em um mundo de pensamentos repleto de criatividade; dentro da minha cabeça há uma imaginação criativa. E isso por quê? Porque Deus, que é o Criador, criou-me à sua própria imagem e semelhança, e assim, tenho a capacidade de alcançar até as estrelas com a minha imaginação. Isso é verdade não apenas para o cristão, mas para todas as pessoas. Todas as pessoas foram feitas à imagem de Deus; por isso, ninguém que tenha imaginação encontra-se confinado em seu próprio corpo. Voando na imaginação, temos a capacidade de mudar algo na configuração do universo, como resultado do nosso mundo de pensamentos - por meio da pintura, da poesia, ou na condição de engenheiro ou jardineiro. Isso não é maravilhoso? Eu existo, e sou capaz de impor os resultados da minha imaginação ao mundo externo.

Mas note uma coisa: sendo um cristão, e sabendo que Deus criou o mundo externo, eu sei que há uma realidade externa objetiva, e sei também que há a imaginária. Não tenho incertezas quanto ao fato de que há uma realidade externa, distinta da minha imaginação. O cristão é livre; livre para voar, porque ele tem um fundamento a partir do qual ele não tem por que confundir a sua fantasia com a realidade que Deus fez. Somos livres para dizer “isso é imaginação”. Não é maravilhoso ser um pintor e criar as coisas de uma forma um pouco diferente do que a natureza fez - não apenas

“fotografando” a natureza, mas criando coisas um pouco diferentes? Não é maravilhoso ter sido feito à imagem e semelhança de Deus e ser capaz de usar a criatividade desta maneira? Como cristão, tenho a epistemolo-gia que me permite evitar a confusão entre aquilo que eu penso e aquilo que é objetivamente real. A geração moderna não a tem, e esta é a razão porque alguns jovens estão transtornados nesses campos. Mas os cristãos não devem estar transtornados.

Assim, o cristão pode exercitar a fantasia e a imaginação, sem sentir-se ameaçado por isso. Já os homens modernos não podem ter sonhos ou fantasias sem sentir-se ameaçados. Os cristãos devem destacar-se por serem os mais vivos, com imaginação absolutamente efervescente, com dinamismo, que produzem algo um pouco diferente do mundo de Deus, porque Deus nos fez para sermos criativos.

Concluindo, podemos reconhecer três consequências inter-relacionadas da visão epistemológica cristã: primeiro, quando todos nós olhamos para o mundo exterior, para o mundo dos relacionamentos, para a relação sujeito-objeto; segundo, quando as outras pessoas olham para nós da mesma forma que olhamos para as outras pessoas - desejamos conhecer e compreender a outra pessoa da mesma forma; e, terceiro, quando olhamos para o mundo interior dos nossos pensamentos, fantasias e imaginação. Eu olhei para fora de mim mesmo e compreendí porque existe um relacionamento sujeito-objeto. Olhei para um outro ser humano, um não-cristão, e descobri que ele foi feito à imagem de Deus. À medida que os cristãos permitirem que os princípios das Escrituras articulem cada vez mais o homem interior ao homem exterior, poderemos conhecer uns aos outros -de forma cada vez mais bela e cada vez mais profunda. Por não se sentir ameaçado pela diferença entre a realidade e a fantasia, o cristão é um ser humano dotado de uma imaginação fértil, dotado da plenitude da beleza criativa. Todas estas coisas são nossas. A moderna alienação no campo da epistemologia pode tornar cada uma destas três áreas literalmente em algo de puro horror. A perda da realidade da relação sujeito-objeto; a dificuldade das pessoas em se conhecerem umas às outras; e, o que é o mais terrível pesadelo, a confusão entre realidade e a fantasia: a moderna epistemologia leva a estes três tipos de terror. Mas, sob a unidade da máxima cristã de um Deus

pessoal infinito, podemos encontrar sentido, realidade e beleza em todas estas áreas. Isso é verdadeiro, sendo, ao mesmo tempo, muito bonito.

Devido ao fato de o homem ter se revoltado contra Deus e haver tentado ficar autônomo, a maior alienação passa a localizar-se no aspecto da separação do homem em relação a Deus. Quando esta separação aconteceu, todo o resto veio também a ocorrer. Esta autonomia passou para o campo fundamental da epistemologia, do conhecimento, de modo que o homem passou a estar separado não somente dos outros homens no campo do conhecimento, mas também passou estar separado de si mesmo. Se não existem critérios comuns de julgamento entre a fantasia interior e o mundo exterior, o homem fica fragmentado e sente-se alienado de si mesmo. Ele perdeu os universais que englobam os particulares na sua própria vida. Ele passa a ser uma coisa por dentro e outra por fora. Então, ele começa a gritar: “Quem sou eu?” Isso soa familiar a algum dos leitores que esteja envolvido com a obra hoje em dia? Temos jovens em L’Abri, provenientes do mundo, todo que dizem, “eu estou aqui para tentar descobrir quem eu sou”. Não se trata meramente de algo psicológico, da forma como pensamos em “psicológico”. Trata-se basicamente de uma questão epistemológica. O esforço do homem em declarar a sua autonomia privou-o da realidade das coisas. Não lhe resta nada que lhe dê segurança quando a sua imaginação o leva para além das estrelas, se não há nada que possa garantir a distinção entre a realidade e a fantasia. Mas, a partir da epistemologia cristã, esta confusão chegou ao fim, a alienação foi curada. Este é o ponto nevrálgico do problema do conhecimento e ele não poderá ser resolvido enquanto o nosso conhecimento não se encaixar sob a máxima do Deus pessoal infinito trino que existe e que não está em silêncio. Quando isto acontece, e somente quando isto acontece, o dilema da epistemologia simplesmente não existe.

ApêndiceA

SERÁ A REVELAÇÃO PROPOSICIONAL UM ABSURDO?

Há duas formas para se analisar a questão referente à revelação proposicional e a infalibilidade. A primeira é pelo estudo dos pressupostos envolvidos; a segunda, através do estudo dos problemas detalhados. Este apêndice adotará o primeiro método. Em todos os casos, enquanto o primeiro não estiver em seu devido lugar, o segundo não poderá ser adotado de forma concreta.

Para o homem moderno, e muito mais para a teologia moderna, o conceito de revelação proposicional e a visão cristã histórica de sua infalibilidade, usualmente não são tidos como equivocados, mas antes como simplesmente absurdos. O mesmo vale, e pelas mesmas razões básicas, na visão da maioria dos homens modernos e de grande parte da teologia moderna para os conceitos de pecado e culpa, que são considerados absurdos, não importa em que sentido moral. Mas, é claro, devemos questionar se, neste caso, os seus pressupostos são os mais apropriados e adequados.

O pressuposto do Cristianismo é que houve uma origem pessoal de todas as coisas - existe alguém que fez tudo o mais que existe.

Este alguém teria que ser grande o suficiente para isso, o que significa que tinha que ser infinito. Continua aberta a questão de quem seja este alguém pessoal-infinito que sempre existiu; se este foi mesmo o caso, os demais problemas já não se aplicariam. Todos nós precisamos explicar o fato de que o universo e nós mesmos, enquanto indivíduos, existimos; assim, alguma coisa tem “existido”.

Agora, se é fato que este alguém infinitamente pessoal tenha existido sempre, todas as demais coisas seriam limitadas em contraste à sua auto-suficiência ou eternidade. Mas suponha que ele simplesmente tenha feito algo que, embora limitado, sintonizasse numa freqüência de “ondas” própria - por assim dizer, à sua própria imagem - então teríamos duas coisas ao mesmo tempo, uma pessoa infinita não-criada e uma criatura

pessoal limitada. A partir deste pressuposto, por que motivo a pessoa não-criada não poderia se comunicar com esta criatura, se ela quisesse? É claro que, se a pessoa infinita, não-criada se comunicasse com a criatura pessoal criada e finita, ele não esgotaria as suas possibilidades nesta comunicação; entretanto, duas coisas estão claras aqui:

1. Mesmo que a comunicação entre uma pessoa criada e outra não seja exaustiva, isso não quer dizer que não possa ser verdadeira.

Assim, o problema da comunicação da pessoa não-criada com a criatura pessoal não tem que ser de uma ordem qualitativamente diferente da comunicação entre uma criatura e outra. Ela nunca é exaustiva, mas isso não a torna falsa, como não torna falsa a comunicação entre uma criatura e outra criatura, a não ser que a pessoa não-criada fosse mentirosa ou caprichosa.

2. Se a pessoa não-criada se importa de fato com a criatura, não seria impensável achar que ela pudesse comunicar a esta criatura, coisas pessoais de natureza proposicional; se não fosse por isso, enquanto ser finito, a criatura jamais teria como conhecê-las, se ela partisse somente de si mesma como ponto de referência limitado e finito.

Num caso como este, não há razão intrínseca para achar que a pessoa não-criada fosse capaz de comunicar algumas coisas vagamente verdadeiras, mas não fosse capaz de comunicar claras verdades proposicionais acerca do mundo ao redor da criatura - verdades, podemos dizer assim, cósmicas. Ou então, porque ele não podería comunicar verdades proposicionais sobre a seqüência de acontecimentos ocorridos depois da criação primeira das coisas - vamos chamar de história. Não há razão pela qual ele não pudesse comunicar estes dois tipos de verdade de forma inteligível. Esta comunicação não seria certamente plena, mas alguém podería citar alguma razão pela qual não podería ser verdadeira?

O que explicitamos acima é, evidentemente, o que a Bíblia reivindica para si quanto à revelação proposicional nela contida.

Se a pessoa não-criada desejasse transmitir estes fatos, através de criaturas individuais, de modo que elas escrevessem (em seu próprio estilo etc.)

precisamente as coisas que a pessoa não-criada gostaria que elas escrevessem acerca da verdade religiosa e das coisas do universo e da história - então, nesta altura, é impossível dizer com absoluta certeza se ele o podería ter feito ou não. É evidentemente que a Bíblia alega ser este o caso com relação à sua inspiração.

Dentro deste contexto, por que deveria ser impensável que a pessoa não-criada pudesse comunicar-se com a criatura de forma verbalizada, se a pessoa não-criada criou um ser pessoal dotado da capacidade de comunicação por meio da linguagem? De fato, somos seres que se comunicam por meio da linguagem (mesmo sem saber por quê). Há somente uma razão pela qual se tornaria impensável o fato de que Jesus tenha se comunicado pessoalmente com Saulo, de forma verbalizada na linguagem hebraica, usando palavras e sintaxe normal (At 26.14), ou que Deus tivesse se comunicado com os judeus no Sinai: isto é, se admitirmos o outro conjunto de pressupostos - mesmo quando escondemos o fato de estarmos admitido os pressupostos naturalistas, usando uma terminologia religiosa. Agora, podemos até tentar esconder o que estamos fazendo ao admitir os pressupostos naturalistas, usando uma terminologia religiosa e dizendo ou inferindo que “Jesus (sem, neste caso, ter absolutamente como saber o que ou quem ele realmente é) provocou em Saulo alguma espécie de experiência primária, sem conteúdo, na qual as palavras que foram usadas no contexto bíblico, para expressar o inexprimível, não passam de palavras que refletem as visões de mundo, a história e o cosmos válido naquela época”. Contudo, sempre que alguém assim procede, tudo o que lhe resta é uma fé que equivale a um “achismo”, que nunca chega a lugar algum nem está em condições de terminar um raciocínio - muito menos de saber, se a próxima palavra da sentença “Eu acredito...” será um artigo definido ou indefinido.

Além disso, se a pessoa não-criada inseriu as mensagens que ela comunicou ao homem em um livro de história, porque então seria estranho esperar que este Ser não-criado pudesse comunicar verdades sobre a história espaço-temporal neste livro? Estranho mesmo seria achar que, mesmo não sendo mentirosa ou excêntrica, a pessoa não-criada pudesse ser capaz de transmitir “verdades religiosas” em um livro que, embora todos os demais elementos estruturais, implícita ou explicitamente, sejam históricos, e ainda

assim, toda esta história pudesse ser falsa ou confusa. Certamente tal idéia seria mais do que extravagante, a não ser para quem parte do pressuposto preconcebido de que aquele livro só pode ser produto do "sentimentalismo transcendental" de algum ser humano, inserido numa estrutura de causas naturais uniformes. Isto é especialmente assim, pois o próprio livro mesmo não fornece indicativos de que haja dois níveis; ele não dá indícios de uma "verdade religiosa" separada de qualquer contato com a história. Ele constantemente apela para uma história aberta à verificação e à busca de provas da verdade do que é dado; e ele não dá nenhum indício de que a história espaço-temporal circundante não passe de uma conjuntura tão condicionada pelos erros, quanto qualquer outra.

Por que a pessoa não-criada não poderia verdadeiramente ensinar a criatura no mesmo nível de conhecimentos que tomamos como base para tantas coisas que conhecemos no nível das criaturas: ou seja, uma pessoa que sabe alguma coisa, transmitindo este saber a uma pessoa que o desconhece - nunca de forma perfeita, mas ainda assim, verdadeira? Certamente é assim que obtemos nosso conhecimento de outra pessoa criada. Mas, então, por que uma pessoa não-criada não seria capaz de dizer a verdade sobre si mesmo (ainda que não diga tudo) - a menos que já tenhamos admitido o pressuposto de que o "não-criado" deve ser algum "outro filosófico". Se partirmos do pressuposto de uma pessoa não-criada que criou o ser humano na sua própria imagem, que tipo de princípio poderia estar fundamentando o Catecismo Maior da Confissão de Fé de Westminster, que afirma que Deus se deu a conhecer a si mesmo, ainda que não de forma exaustiva, através das Escrituras?

Duas coisas ficam evidentes a esta altura: primeiro que, se partirmos do pressuposto de que todas as coisas surgiram de massa e de energia, tornam-se impensáveis tanto a idéia de revelação quanto de infalibilidade; e, em segundo lugar que, se partirmos do pressuposto da origem pessoal, estas idéias não são absolutamente impensáveis ou absurdas. A razoabilidade ou não do assunto depende inteiramente de onde se parte - isto é, de qual pressuposto nós adotamos de saída.

Se partirmos do pressuposto de que tudo é impessoal, então a questão naturalmente não se relaciona nem mesmo à possibilidade de uma Pessoa

não-criada comunicar-se com uma pessoa criada; isso seria absurdo, por princípio. Se partirmos do pressuposto de que tudo é não-pessoal, por outro lado, há uma questão que agora se torna gritante: a comunicação de ser humano para ser humano não seria igualmente absurda?

Partindo deste pressuposto, ninguém descobriu qualquer maneira de encontrar sentido, nem no emissor, nem no receptor humano, exceto por meio de um ato de fé que negue toda sua estrutura básica de pressupostos. Pior do que isto: para aqueles que sustentam este outro pressuposto, as pessoas medíocres (inclusive eu mesmo, entre outros) não se conformam com a suposição de que as suas palavras não fazem sentido; e nem que tudo na experiência nos faz crer que os outros sejam verdadeiros ouvintes, ainda que não exaustivamente.

A esta altura, isso não é algo como uma pintura de Francis Bacon? Deveriamos gritar, mas toda esta situação é perdição e miséria, inclusive o grito.

Muito bem: à luz desta confusão total a que nos leva o outro conjunto de pressupostos (impessoal+tempo+probabilidade), passa a valer a pena dar outra olhada muito cuidadosa sobre o pressuposto da origem pessoal. Se tudo se originou a partir deste início pessoal não-criado, então, nenhum tipo de comunicação, nem da criatura para outra criatura, nem da pessoa não-criada para a criatura é impensável. Nem mesmo é algo intrinseca-mente improvável.

A importância de tudo isso é que a grande maioria das pessoas de hoje (incluindo algumas que se auto-intitulam evangélicas), que abriram mão do conceito histórico e bíblico de revelação e infalibilidade, não o fizeram por uma questão de consideração detalhada dos problemas com que estavam lidando objetivamente, mas porque concordaram, de forma analisada ou então, de forma cega, com o outro conjunto de pressuposições.
Muitas vezes isso ocorre por meio de uma injeção cultural,
sem conscientização do que está acontecendo.

Tendo aceitado o outro conjunto de pressupostos contra todas as evidências da existência de uma verdadeira, ainda que não perfeita, comunicação de

ser humano para ser humano, per-gunto-me: o que os faria ouvir? E estranho transmitir o conceito

de que rejeitamos a idéia de que um ser não-criado “exista”, se não temos como explicar como, porquê, ou que tipo de comunicação podemos ter com a nossa própria espécie. Isso se torna ainda mais estranho quando afirmamos que não é razoável acreditar que o ser não-criado exista, se isto explica o como, o porquê e que tipo de comunicação podemos ter com os seres da nossa própria espécie!

Chegando a este ponto, estamos em condições de analisar os problemas mais detalhados - os assim chamados “problemas críticos”. Mas a visão histórica da Bíblia e da Igreja sobre a revelação e infalibilidade, passa a não ser mais absurda em si; e até os problemas mais detalhados passam a assumir outro aspecto, depois que enfrentamos e tratamos da concepção do absurdo.

ApêndiceB “FÉ” VERSUS FÉ

É preciso analisar a palavra *fé*, admitindo que ela pode significar duas coisas completamente opostas.

Imaginemo-nos subindo os Alpes, e que, ao atingir o topo escarpado da rocha, subitamente, um nevoeiro baixasse sobre nossas cabeças, o guia se virasse para nós, dizendo que o gelo está se formando e que não há esperança ; antes de amanhecer, congelaríamos até a morte lá mesmo na encosta da montanha. Simplesmente para manter-nos aquecidos, o guia nos mantêm andando no nevoeiro denso cada vez mais além da encosta, até que nenhum de nós tenha qualquer idéia de onde estamos. Depois de uma hora aproximadamente, alguém diz ao guia: “Suponha que eu tropeçasse e caísse em uma saliência, alguns metros abaixo do nevoeiro, o que aconteceria?” O guia respondería que ele podería sobreviver até a manhã seguinte e, assim, escaparia com vida. Assim, sem absolutamente nenhum conhecimento ou qualquer razão para sustentar sua ação, um dos membros do grupo acabaria pulando e cai no nevoeiro. Esta seria uma espécie de fé, de salto de fé.

Suponha, porém, que, depois de termos explorado a encosta, no meio do nevoeiro, com o gelo acumulando-se na rocha, tivéssemos parado e ouvido uma voz dizendo: “Vocês não podem ver-me, mas eu sei exatamente onde vocês estão pelas suas vozes. Estou no outro pico. Tenho vivido nestas montanhas, homem e menino, há mais de 60 anos, e conheço cada metro quadrado delas. Garanto que há uma saliência dez metros abaixo de onde vocês estão. Se vocês pularem, poderão passar a noite ali, e eu os apanharei pela manhã”.

Eu não saltaria de imediato, mas faria perguntas a fim de tentar certificar-me de que o homem soubesse do que estava falando e de que ele não fosse nenhum inimigo. Nos Alpes, por exemplo, eu podería perguntar pelo seu nome. Se o nome alegado fosse de uma família da região das montanhas, isso seria um dado importante para mim. Nos Alpes Suíços há certos nomes de família que caracterizam as famílias montanhesas da região. Na minha situação desesperada, mesmo que o tempo estivesse se esgotando, eu lhe

faria todas as perguntas importantes e suficientes, até ficar convencido das suas respostas, só então eu saltaria.

Isto é fé, mas obviamente este conceito não tem nada a ver com aquele outro uso da palavra. O fato é que, se chamamos de fé a alguma destas coisas, já não poderiamos chamar a outra pelo mesmo nome. A fé do Cristianismo histórico não é sinônima de salto de fé no sentido pós-kierkegaardiano, pelo simples fato de que *ele não está em silêncio,* e eu sou convidado a fazer perguntas adequadas e suficientes, não apenas relativas a detalhes, mas também quanto à existência do universo e a sua complexidade e quanto à existência do homem. Sou convidado a fazer perguntas adequadas e suficientes e depois acreditar nele e curvar-me metafisicamente diante dele, ao ter a certeza de que eu existo, porque ele fez o homem, e curvar-me moralmente diante dele, como alguém que sabe que precisa desesperadamente da sua providência, através da morte substitutiva, propiciatória de Cristo.

Notas

Capítulo 1: A Necessidade Metafísica

1. Alguns podem até dizer que há outra possibilidade - a de algum tipo de dualismo - isto é, duas coisas opostas que existem simultaneamente como co-iguais e co-eternas. Como por exemplo, a mente (nossos ideais ou idéias) e o corpo; ou, no campo da moral, o bem e o mal. Entretanto, se sustentarmos esta posição no campo da moral, então não haverá, em última instância, nenhuma razão para chamar uma coisa de boa e outra de má - estas palavras e opções tornam-se totalmente subjetivas, se não houver algo acima delas, Se houver algo acima delas, não se tratará mais de verdadeiro dualismo. Na metafísica, o grande dilema é que ninguém consegue conviver com o dualismo. Por trás do Yin e Yang sempre encontramos o obscuro Tao; por trás do zoroastrismo, sempre se encontra algo ou alguma figura intangível. O fato é que em qualquer forma de dualismo, o que nos resta é um tipo de desequilíbrio ou tensão, e acabamos retrocedendo até o unitarismo.

De duas uma: ou o homem tenta encontrar a unidade entre os dois pólos, ou, no caso do conceito de paralelismo (por exemplo, entre ideais ou idéias e matérias), surge a necessidade de encontrar uma forma de relacionamento, uma correlação ou contato entre os dois, ou então, somos relegados ao conceito dos dois pólos paralelos, sem qualquer tipo de unidade que os impelisse a comportar-se desta forma. Assim, numa tentativa de estabelecer um paralelo, tem se notado uma tendência constante de um lado capitular à soberania do outro, ou de um dos lados, revelar-se como uma ilusão.

QMmQmmmvm

140

Além disse, se es elementos de dualismo são impessoais, somes reiegados ao mesmo problema, tanto em relaçRo ao ser, quanto ii morai, como no ease da forma mais simples de uma impessoalidade definitiva. Assim, para mim, o dualismo nle representa uma respos= ta fundamentai de mesmo tipo das tris de que eu estou tratando nes= te livro.

Talvez seria bem destacar aqui que, tanto na existência quanto na morai, o Cristianismo fornece uma resposta única e suficiente com relaçBo ao

dualismo atuai, e também ao unitarísmo original. Na existência, Deus é espírito = isso vaie tanto para o Pai, quanto para o Espírito Santo, e é iguaimente verdadeiro para o Fiihe, antes da enearnaçRo, Assim, começamos pele unitarísmo; mas com a criação pelo Deus infinito do universo material, a partir do nada, existe age-ra o dualismo, É preciso notar que, enquanto Deus assim criava algo que não tinha existência antes, esta não representa uma origem a partir do nada de nada, porque eie já existia, bem como a sua vontade,

Capítulo 2: A Necessidade Moral

1. Note que o Cristianismo apresenta uma resposta suficiente para o campo da moral, da mesma forma como para o existencial, com relação ao unitarísmo original, o qual atualmente tornou-se um dualismo. Isto se fundamenta no fato de Deus ser bom, e ter criado tudo bom, mas a criatura, que não é automatizada, rebelou-se, trazendo à existência o atual dualismo entre o bem e o mal, ainda que não haja equivalência entre eles, pois o mal *é* contrário ao caráter de Deus, que é o unitarísmo moral original. Assim, tanto na moral, quanto na existência, há uma resposta tanto para o atual dualismo, quanto para o unitarísmo de que necessitamos.

Capítulo 3: A Necessidade Eplstemológica: O problema

1. *Escape From Reason* e *The God Who Is There.*

Capítulo 4: A Necessidade Eplstemológica: A Resposta

1. Para um estudo mais extenso da revelação verbalizada e inteligível, veja o Anexo 1; “Será a Revelação Proposicional um Absurdo?”.

2. Eu aprofundei este pensamento em *The Church at the End of the 20th Century.*

3. Veja *The Church at the End of the 20th Century.*

índice Remissi vo

A é A: A é não-A, 83 Absolutos, 51, 71, 76 Abstração, 11, 107 Acaso, 61, 105 Acontecimentos, os, 118, 131 Agnosticismo, 53, 121 Ambiente, o, 15, 117 Amor, 26, 94, 109

Análise linguística, 86, 89, 90, 91, 93, 100, 111 Andar de baixo, 86 Angst, 91

Antifilosofias, 91, 92, 93

Antítese, 14, 83, 84, 94

Antonioni, 94, 95, 115, 116

Apologética, 23, 24, 30, 35

Aristóteles, pensamento aristotélico, 69, 92

Arte, *veja esp.* 8, 66, 95

Ateu, 104

Bacon, Francis (pintor), 134 Bacon, Francis, 106 Baudelaire, 66, 67 Beleza, 7, 9, 14, 24, 26, 127 Bergman, 37,90,91,92 *Beyond Freedom and Dignity* (Skinner), 40 Bíblia, confiabilidade da, 12, 25, 31, 32, 34, 41, 55, 56, 57, 66, 104, 107, 111, 117, 118, 119, 122, 123, 131, 135 *Blow-Up* (Antonioni), 94-95 Bom selvagem, o, 82 Bourland, D. David, 89 Budismo, 48

Burroughs, Edgar Rice, 120

Camus, Albert, 66, 70, 84 Categorias/critérios, 14, 45, 63, 94, 95, 97,

116, 117, 128 Causa e efeito, 43, 81 Certo e errado, 62, 63, 64 Céus, 26

Chomsky, Noam, 116

Ciência, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 102, 106, 107, 108, 109, 115, 116, 119, 120, 123, 130 *moderna ciência moderna*, 81-87 *naturalista*, 51, 64, 87, 90, 92, 101

Cimabuc, 79 Cinema, 94, 95

Comunicação, 12, 31, 45, 49, 55, 97, 98, 102, 104, 114, 125, 130, 131, 133, 134, 135 Comunidade, 15

Confissão de Fé de Westminster, 119, 133

Conversão, 21, 33

Copérnico, 87, 106

Credo Niceno, 54

Crick, Francis, 40

Cristianismo, 8, 13, 15, 27, 37, 42, 52, 54, 56, 57, 65, 69, 74, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 129, 138, 140 Culpa, 73, 94, 129

da Vinci, Leonardo. 80, 81, 83 Dali, Salvador, 46 Dante, 79

de Aquino, Tomás , 75, 79 de Sade, Marquês, 65 Desespero, 9, 90, 92 Determinismo, 40, 65

Deus, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 79, 81, 82, 87, 91, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111,

113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121,

122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131,

133, 140

Dicotomia, 18, 84, 99

Ecologia, UO Einstein, 54

Epistemologia, 9, 37, 41, 42, 75, 80, 83, 84,

85, 87,93,97, 105, 106, 107, 110, 113,

114, 115, 117, 125, 126, 127, 128 Espírito Santo, 26, 140 Espiritualidade, 21, 22

Ética, 49, 64, 90, 93 Eva, 63

Evangelismo, 30 Existencialismo, 19, 84, 91, 93 “Experiência de primeira ordem”, 92

Fantasia, 88, 95, 96, 97, 115, 120, 126, 127, 128 Faraday, 87, 106

Fé, 21, 25, 28, 29, 36, 66, 103, 117, 132, 134, 137, 138 Fellini, 97, 98

Filosofia, *veja esp.* 8, 39, 41, 42, 43, 52, 55, 56, 79, 87, 90, 101, 106, 108, 111

Galileu, 87, 106 Gauguin, 82, 83 Giacometti, 61 Giotto, 79 Godard, 44, 108

Graça, 9, 79, 80, 99, 100, 105, 107, 122 Hegel, 83, 84, 85

História, 18, 26, 60, 69, 100, 106, 118, 119, 122, 131, 132, 133 *história "superior"*, 92 “Hombridade” do homem, 49, 69, 70 Homem como máquina, o, 86 Humanismo, 99, 123 Hume, 109

Igreja, *veja esp.* 15, 19, 20, 30, 32, 135 Imagem de Deus, 13, 26, 29, 30, 53, 54, 81, 97, 98, 104, 110 ,12, 126, 127, 130, 133 Inferno, 24

lrracionalismo, 12, 13, 45, 66, 67

Jaspers, Karl, 84 Jesus Cristo, 26, 35, 36 *Redentor*, 13, 15, 73 *Senhorio de, 26*

Kant, Immanuel, 83, 84, 85 Kepler, 106

Kierkegaard, Süren, 84, 85 Kinsey, 64

Korzybski, Alfred, 89

L'Abri, 49, 96 Lázaro, 70 Liberdade, 48

e natureza, 82-83

Linguagem, 64, 86, 89, 91, 92, 96, 97, 100, 102, 104, 105, 111, 112, 113, 114, 131 Linha do desespero, a, 43 Lógica, 43,45, 83, 89, 104, 116 Lucas, 31

Maria, 26

Matemática, 80, 85, 89

Maxwell, 106 Mcluhan, Marchall, 64 Metafísica, 39, 41, 45, 58, 60, 61, 64, 65, 69, 71,72, 73,82, 139 Mídia, 118, 120 Misticismo semântico, 92 Misticismo, 46, 86, 90, 92, 95, 111 Moral, 24, 26, 39, 41, 42, 45, 48, 49, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 94, 95, 107, 109, 122, 123, 124, 125, 129, 139, 140 Música, 8

Natureza e graça, a natureza sobrepujando a graça, 82, 99, 100

Natureza, 9, 12, 25, 27, 31, 32, 40, 79, 80, 82, 88, 99, 100, 105, 107, 110, 115, 122, 126, 130

Newton, 81, 87, 106 Nova teologia, a, 48, 60, 73

Ocidente, o pensamento ocidental, 13, 23 *Of Molecules and Men* (Crick), 40 Oppenheimer, J. Robert, 81, 106 Oração, 35, 36

Origem pessoai, 49, 50, 51, 65, 68, 129, 133, 134

Origin of the Genetic Code, The (Crick), 40 Ortodoxia, 21

Panteismo, 47, 48, 57, 60, 62, 63 Pan-tudismo, 14, 57

Particulares, 47, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 91, 94, 95, 97, 100, 114, 118, 125, 128

Paulo, 27, 29, 32, 105

Pensamento judaico-cristão, 52, 53, 68, 69,

100, 109, 116 Perdição, 134

Personal Knowledge, an Introduction Post-Critical Philosophy (Polanyi), 86-87 Personalidade, 14, 20, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 65, 110

Pierrot le Fou (Godard), 44 Platão, pensamento platônico, 51, 71, 75, 76, 77, 78, 80 Poesia, 126

Polanyi, Michael, 86, 87, 88, 93, 111 *Pollution and the Death of Man, The* (Schaeffer), 110

Ponto de tensão, 14 Popper, Karl, 88 Positivismo lógico, 86, 93

Pressuposto, pressuposição, 44, 66, 70, 86,

87, 90, 100, 103, 108, 129, 130. 132, 133, 134

Queda, a, condição decaída, 73, 74, 115

Racionalidade, 67, 85, 86, 91,93 Racionalismo. 81, 84. 85, 92, 94, 97, 99, 100 Realidade, 8, 12, 13, 14, 20, 25, 36. 48. 50,

61, 62, 64, 76, 77, 83, 88, 89, 95, 96, 97, 102, 105, 108, 110, 112, 115, 116, 119,

120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128

Reducionismo, 47, 51 Reforma, a, 99, 100 Reformadores, os, 99, 100 Relativismo, 12, 13, 14, 19. 20 Renascimento, o, 83, 99 *alto renascimento*, 83 Rousseau, Jean-Jaques, 82, 83, 84, 85 Russel, Bertrand, 90

Sagan, Carl, 120 Salto de fé, 137, 138 Salvação, 12, 125

Sartre, Jean-Paul, 39, 40, 46, 59, 84 *Satyricon* (Fellini), 97 Saulo, *veja Paulo* Semântica, 48, 89, 92, 111

Sentido, 7, 9, 14, 18, 26, 32, 37, 40, 41,42,

125, 127, 129, 134, 138

Ser, 39, 41, 42, 45, 50, 52, 56, 58, 61, 83, 92, 132

Sexual Behavior of the Human Male (Kinsey), 64

Significado, 9, 33, 48, 70

Silêncio, o (Bergman), 37, 90, 91

Símbolo, 52, 65

Síntese, 13, 84

Skinner, B. F, 40

Strauss, Claude Levi, 116

Teatro do absurdo, 43, 45 Teologia, *veja esp.* 8, 42, 60, 63 *liberal*, 49, 57, 66, 67, 70, 92, 101 *moderna*, 47, 48, 57, 66, 67, 70, 92, 129 Tese, 8, 84

Tractatus (Wittgestein), 37, 89 Trindade, a, 26. 52, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 73. 104

Uniformidade das causas naturais, 81, 101,

102, 103, 105, 114, 118

em um sistema aberto, 81, 102, 103, 114 *em um sistema fechado,* 81, 100, 101, 102,

103, 105, 114, 118

Universais, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 85, 96, 97, 100, 128

Uso de drogas, 115

124, 126, 131, 132, 133 Verificação, 89, 108, 132 Visão de mundo, 19, 20, 23, 32, 42, 43, 88, 101

Whitehead, Alfred North, 81, 87, 106 Wittgenstein, Ludwig, 89, 90, 91, 92, 100, 105

0



Contra o silêncio e 4esespeco 4o homem mo4cmo, pcxierrjos 4e fato conhecer o Peus cjue **intervém**

0 Deus que se Revela **(no original,** *He Is There and He Is Not Silent)* **forma com** *0 Deus que Intervém* **e** *A Morte da Razão* **a trilogia clássica de Schaeffer.**

E o último da trilogia. Segundo o autor, "Este livro trata de... como podemos vir a saber e como podemos saber que sabemos." Assim, Schaeffer pondera que o pensamento moderno está fundamentalmente errado em suas posições quanto a como sabemos e o que sabemos. Contrastando com o silêncio e desespero do homem moderno, Schaeffer mostra que podemos de fato conhecer o Deus que intervém porque ele se revela.

Francis A. Schaeffer (1912-1984) será sempre lembrado como um dos gigantes do século 20. Seus livros foram traduzidos para mais de 25 idiomas com milhões de exemplares vendidos. A L'Abri Fellowship, fundada pelo casal Francis e Edith Schaeffer em 1955, é um tributo vivo à sua obra. Num tempo de decadência moral e desumanidade brutal, as obras de Schaeffer falam corajosamente baseadas nos absolutos de Deus tais como revelados em sua Palavra.



ISBN 858688650-5

CDITOAA CULTURA CAISTA

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 - Cambuci 01540-040 - São Paulo - SP - Brasil C.Postal 15.136 - São Paulo - SP - 01599-970 Fone (0**11) 3207-7099 - Fax (0**11) 3209-1255 www.cep.org.br - cep@cep.org.br